

FACULDADE CÁSPER LÍBERO
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO

LETÍCIA QUATEL DA SILVA

REVISTA DABIQ

Uma análise do uso de imagem pelo Estado Islâmico

São Paulo

2017

LETÍCIA QUATEL DA SILVA

REVISTA DABIQ

Uma análise do uso de imagem pelo Estado Islâmico

Dissertação apresentado ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu*, na linha - Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento, da Faculdade Cásper Líbero, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação. Orientador: Profa. Dra. Simonetta Persichetti.

São Paulo

2017

1.1.1.1 *Silva, Leticia Quatel da*

Revista Dabiq: Uma análise do uso de imagem pelo Estado Islâmico/ Leticia Quatel da Silva. -- São Paulo, 2017.

153 f. : il. ; 30 cm.

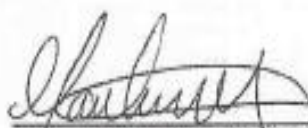
Orientador: Prof^a. Dra. Simonetta Persichetti

Dissertação (mestrado) – Faculdade Cásper Líbero, Programa de

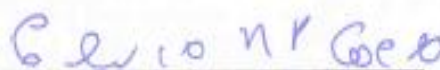
ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Autora: LETÍCIA QUATEL DA SILVA

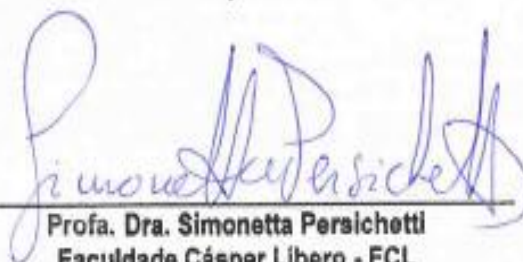
**"REVISTA DABIQ: UMA ANÁLISE DO USO DE IMAGEM PELO ESTADO
ISLÂMICO"**



Prof. Dra. Maria-Luisa Hoffmann
Universidade do Oeste Paulista - UNOESTE



Prof. Dr. Cláudio Novaes Pinto Coelho
Faculdade Cásper Líbero - FCL



Prof. Dra. Simonetta Persichetti
Faculdade Cásper Líbero - FCL

Agradecimentos

À minha orientadora, Professora Doutora Simonetta Persichetti, por me conduzir de forma tão inspiradora.

Ao Professor Doutor Cláudio Coelho, pelo respeito com o qual se envolveu com minha pesquisa.

À Professora Doutora Maria Luisa Hoffmann, pelas fundamentais colocações na banca de qualificação que ajudaram a conduzir a finalização desta pesquisa. À amiga e colega Doutora Deysi Ciocari, pelo (imenso) incentivo.

Aos amigos e colegas de Cásper Líbero, Carol Máximo, Ciro Oliveira, Elcio Padovez e Adriana Araújo, pela parceria.

Às amigas e colegas de PUC-Campinas Ciça Toledo e Carolina Cerqueira.

Ao Edson Rossi, meu marido, por tornar isso tudo possível.

Ao Pedro Xavier, meu grande amigo, por estar sempre junto.

Aos meus pais, Kristiane e Paulo, por todo o apoio.

Resumo

Este trabalho se insere na linha de pesquisa Produtos Midiáticos: Jornalismo e Entretenimento, do Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, e tem por objetivo verificar o uso de imagem pelo grupo extremista Estado Islâmico – também conhecido como Estado Islâmico do Iraque e do Levante – por meio das fotografias publicadas na revista *Dabiq*. A *Dabiq* é um braço propagandístico do grupo distribuída digitalmente em mais de um idioma, entre eles, inglês e francês. A revista *Dabiq* durou 15 edições, de 2014 até 2016 sendo substituída pela revista *Rumiyah*. A metodologia escolhida para trabalhar as fotografias e imagens selecionadas da revista *Dabiq* dentro desta pesquisa é a interpretação iconológica, uma ferramenta que possibilita uma análise além das questões iconográficas, permitindo um aprofundamento na contextualização histórica. O pensador da fotografia Boris Kossoy aparece como peça fundamental para esta definição metodológica. Autores como Roland Barthes, André Rouillé, François Soulages, Susan Sontag e Susie Linfield dão o apoio teórico para entender as questões ligadas à fotografia. Patrick Cockburn e Reginaldo Nasser aparecem para esclarecer as principais características do Estado Islâmico. Enquanto pensadores como Guy Debord, Gilles Lipovetsky e Jean Serroy explicam o contexto social no qual estamos inseridos e como ele influencia na mensagem deste tipo de produto midiático.

Palavras-chave: Comunicação. Imagem. Fotografia. Estado Islâmico. Revista *Dabiq*.

Abstract

This paper fits within the research media products: Entertainment Journalism and the MA in Communication from Casper Libero College and aims to verify the use of image by the extremist Islamic State - also known as the Islamic State of Iraq and the Levant - through of Dabiq magazine. Dabiq is a propaganda arm of the group distributed digitally in more than one language, including English and French. Dabiq magazine lasted 15 issues, from 2014 to 2016 being replaced by Rumiya magazine. The methodology chosen to work the selected photographs and images of Dabiq magazine in this research is the iconological interpretation, a tool that allows an analysis beyond the iconographic issues, allowing a deepening in the contextualisation of history. The photo thinker Boris Kossov appears as a fundamental part of this methodological definition. Authors like Roland Barthes, André Rouillé, François Soulages, Susan Sontag and Susie Linfield give theoretical support to understand the issues related to photography. Patrick Cockburn and Reginaldo Nasser appear to clarify the main characteristics of the Islamic State. While thinkers like Guy Debord, Gilles Lipovetsky and Jean Serroy explain the social context in which we are inserted and how it influences the message of this type of media product.

Keywords: Communication. Image. Islamic State. Photojournalism. Dabiq magazine.

Lista de Ilustrações

Figura 1- Mapa de Territórios que o Estado Islâmico já dominou. **BBC**. 9.outubro.2016.

Figura 2- Representação da Bandeira do Estado Islâmico. **GI**. 10.julho.2017.

Figura 3- Receitas do EI: Impostos-Petróleo-Resgates por Sequestros-Confiscos. **BBC**.

Figura 4 – Ataques aéreos sobre a Síria e Iraque. **BBC**.

Figura 5- Guerra da Crimeia.

Figura 6- Capa da primeira edição da **Life**.

Figura 7- Documentário The Islamic State da **Vice News** Figura

8- Khilafah declared. **Dabiq**. 2014.

Figura 9- Organograma de Mídia do Estado Islâmico.

Figura 10- Capa da revista Inspire. **Inspire**. 2017

Figura 11- Break The Cross. **Dabiq**. 2016.

Figura 12- Tal Afar liberated. **Dabiq**. 2014.

Figura 13 -Rafidi soldiers killed by the mujahidin. **Dabiq**. 2014.

Figura 14- A message from Sotloff his mother days before his execution. **Dabiq**. 2014.

Figura 15- James Wright Foley. **Dabiq**. 2014.

Figura 16- Fore Word. **Dabiq**.2014.

Figura 17- Fore Word. **Dabiq**. 2014.

Figura 18- Centro de detenções de Guantánamo. **BBC**. 21 jan. 2017.

Figura 19- Steven Joel Sotloff. **Dabiq**. 2014.

Figura 20- John Cantlie. **Dabiq**. 2014.

Figura 21- If I were the US presidente today. **Dabiq**. 2014.

Figura 22- As for me being a journalist, they know this. **Dabiq**.2015.

Figura 23- The burning of the murtardd pilot. **Dabiq**. 2015.

Figura 24- The capture of a crusader pilot. **Dabiq**. 2015.

Figura 25- The capture of a crusader pilot. **Dabiq**. 2015.

Figura 26- The capture of a crusader pilot. *Dabiq*. 2015.

Figura 27- The capture of a crusader pilot. *Dabiq*. 2015.

Figura 28- The lions of tomorrow. *Dabiq*. 2015.

Figura 29- Tawid and our duty to our parentes. *Dabiq*. 2015.

Figura 30- Livro de inglês encontrado em orfanato na Síria. *O Globo*. 17. Fevereiro. 2017.

Figura 31- The danger of abandoning Dārul-Islam. *Dabiq*. 2015.

Sumário

INTRODUÇÃO	9
ESTADO ISLÂMICO.....	13
FOTOGRAFIA, IMAGEM E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA.....	38
POR TRÁS DESTA FOTO: UMA INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA	56
CONSIDERAÇÕES FINAIS	82

INTRODUÇÃO

Esta dissertação nasce com um paradoxo: analisar o uso das imagens veiculadas na revista *Dabiq*, publicação *online* feita originalmente em inglês pelo Estado Islâmico (EI), para fazer propaganda e formar opinião, principalmente, entre o público ocidental. O paradoxo está no fato de o Estado Islâmico ser assumidamente iconoclasta (termo grego que significa “quebrador de imagens”). Mais do que uma definição técnica, o movimento iconoclasta – que será mostrado no segundo capítulo desta pesquisa – é também uma postura religiosa e política que teve início no Império Bizantino. O fato é que o grupo que se posiciona radicalmente contra o consumo e a veneração das imagens – destruindo monumentos, obras de arte e qualquer outro símbolo, religioso ou não, utiliza ao mesmo tempo, e de maneira contundente, a imagem para transmitir sua mensagem. E não apenas isso, mas também para angariar simpatizantes e recrutar militantes.

A despeito desse onipresente paradoxismo, ou a partir dele, esta pesquisa terá seu recorte e se debruçará sobre a *Dabiq*, por meio de suas imagens e fotografias. A metodologia escolhida para trabalhar as fotografias selecionadas em nove edições da revista é a interpretação iconológica, que tem como objetivo entender essas imagens a partir de um contexto histórico, buscando uma investigação mais profunda acerca do que está sendo representado.

Para a realização deste trabalho decidiu-se por uma estrutura em quatro partes, sendo três capítulos e as considerações finais sobre os resultados desta pesquisa.

O recorte pela análise a partir da narrativa imagética também se evidenciou, em detrimento de outras abordagens narrativas possíveis, pelo fato de a organização usar de forma prioritária a divulgação de vídeos e fotografias para chamar a atenção global.

Imagens são consumidas, principalmente, pela sociedade ocidental, o tempo todo, seja por meio das redes sociais, jornais, revistas, cinemas, *outdoors* ou das telas em elevadores, edifícios comerciais, bancos, academias e restaurantes. É pouco provável que exista outro aparato que hipnotize tanto o ser humano quanto a imagem. Isso pode ser confirmado em números. Num único dia o *Facebook* distribui 400 milhões de fotos. O *Instagram* carrega diariamente 70 milhões. Mais 760 milhões de fotografias são compartilhadas no *Snapchat* e

700 milhões no *Whatsapp*. Num único dia pelo menos 1,9 bilhão de fotos são circuladas apenas em quatro redes sociais¹. Equivale a 22.000 imagens por segundo, ou 693 bilhões por ano.

A escolha não se resume a quantidade. A imagem dificilmente será superada por qualquer outra linguagem no que diz respeito a atenção, como mostra o psicólogo italiano Giuseppe Mininni (2008, p.83) no livro “Psicologia cultural da mídia” ao afirmar que “a imagem consegue prender a atenção de forma mais imediata e sedutora do que outros sistemas de signos, pois fornece uma síntese de informações que parece autorizar a rapidez da primeira interpretação emocional”. Não é por acaso que o sentido mais utilizado atualmente é a visão e é por meio dela que se absorve mais de 70% das coisas. Um fenômeno que não tem mais do que 200 anos, por coincidência, desde a época em que a fotografia foi inventada – o que causou uma revolução na sociedade (MARCONDES FILHO, 2005).

Marc Scheps, em “Fotografia do século XX” (2010), afirma que “a invenção da fotografia foi o nascimento de uma nova linguagem”, mais do que isso, a fotografia, acima de tudo, comunica. É um aparato que informa, documenta, constrói memórias e deveria provocar reflexões. Mas se por um lado a fotografia carrega todas essas responsabilidades e possibilidades, por outro, pode ser um recurso irresponsável se estiver descontextualizada e se prover um conteúdo que banalize aquilo que está sendo retratado, podendo causar o esvaziamento de reflexão. É o caso da foto-choque, que, para Roland Barthes:

É que perante elas [fotos] ficamos despossuídos da nossa capacidade de julgamento: alguém tremeu por nós, refletiu por nós, julgou por nós, o fotógrafo não nos deixou nada – a não ser a possibilidade de uma aprovação intelectual: só estamos ligados a essas imagens por um interesse técnico. (2001, p.67)

Além da ausência de reflexão e da banalização, escancarar um conteúdo pode, fora não causar uma empatia, provocar uma ação também violenta como resposta.

Para analisar e tentar entender a produção e utilização das imagens e fotografias em seus significados e reflexões, e também para começar a compreender a razão pela qual o Estado Islâmico não ser considerado somente um grupo irracional que age pelo ódio religioso, mas sim uma organização com uma grande inteligência por trás, entre elas, a

¹ Fonte: <<https://cewe-photoworld.com/how-big-is-snapchat/>>. Acesso em: 15.ago.2017.

comunicacional, é necessária uma investigação mais profunda sobre o contexto histórico da sociedade em que vivemos. Sendo assim, não há como tratar desta questão sem falar de Guy Debord e a sociedade que ele chamou, na década de 60, de espetacularizada. Uma sociedade, segundo o pensador francês, guiada pelo consumo de bens materiais e também pelo culto à imagem. “O espetáculo não é um conjunto de imagens, mas uma relação social entre pessoas, mediatizada por imagens” (DEBORD, 1991, p.10). Partindo deste conceito, a espetacularização se concretiza e se fortalece, não apenas por conta de um cenário socioeconômico, mas, muito por conta da grande quantidade de informações. Também com relação ao contexto social, Gilles Lipovetsky e Jean Serroy expõem no ensaio “A estetização do mundo: viver na época do capitalismo artista” (2013), mais do que uma hiperespetacularização. Trazem o conceito do capitalismo artístico, no qual tudo é feito para se tornar entretenimento e este, por sua vez, para se tornar mercadoria. Em linhas gerais, estes autores trazem reflexões e conceitos para fundamentar a sociedade com quem a revista *Dabiq* está conversando, a sociedade contemporânea.

O primeiro capítulo terá o apoio teórico do livro-reportagem “A origem do Estado Islâmico: o fracasso da ‘guerra ao terror’ e a ascensão *jihadista*” (2015) em que o autor, Patrick Cockburn, um jornalista irlandês, contextualiza o nascimento do Estado Islâmico fortalecido pela política externa dos Estados Unidos e como o Ocidente² possibilitou as condições perfeitas para o sucesso do EI.

No livro-reportagem “Estado Islâmico: desvendando o exército do terror” (2015), o jornalista americano Michael Weiss e o analista sírio Hassan mostram por meio de entrevistas exclusivas, sob perspectivas distintas, com ex-oficiais militares norte-americanos e atuais combatentes do grupo, quem é a organização que põe medo no mundo inteiro, como age e atrai tanto apoio local e global. O documentário *Islamic State*³, produzido pela empresa de mídia norte-americana *Vice News*, disponibilizado no *Youtube*, também entra como importante aporte teórico ao falar de Estado Islâmico, pois se trata do primeiro e anda raro material produzido pelo Ocidente de dentro do auto-denominado califado, que mostra todo o funcionamento da organização ao lado do assessor de imprensa do grupo. Ainda neste

² O autor Jean Ifversen diz que separação entre Oriente e Ocidente nasce da separação política do Império Romano [e depois da igreja cristã] em duas partes. Com o fim da unidade do império, o conceito político de Ocidente foi apropriado pelos reis francos que se visam como herdeiros do império. Atualmente, o significado de Ocidente remete ao modo cultural universal dominante em que o que não se torna ocidental, desaparecerá ou estará atrasado.

³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AUjHb4C7b94>. Acesso em 2.abril.2017.

capítulo, a própria revista *Dabiq*, objeto desta pesquisa, entra como material de apoio para fundamentar o Estado Islâmico – por meio das informações internas que possibilitam um perfil mais íntimo sobre sua organização, integrantes, ideais e ações.

O segundo capítulo é dedicado a fundamentação da fotografia, imagem e iconoclastia. No capítulo serão discutidos os conceitos ligados à fotografia jornalística, dentro das questões de encenação, produção e documentação. O apoio teórico na abordagem destes conceitos vem do pensador francês Roland Barthes, autor da icônica obra “A câmara clara” (1980), e do também francês François Soulages, autor de “A estética da fotografia – Perda e permanência” (2010), que questiona Barthes sobre a fotografia como prova da veracidade de um acontecimento. Também serão apresentados os conceitos da fotografia como documento e expressão com o suporte teórico do também pensador francês André Rouillé com a obra “A fotografia: entre documento e arte contemporânea” (2009). A foto-choque será discutida pelo trabalho da jornalista Susie Linfield com o texto “*The cruel radiance the cruel – Photography and political violence*” (2010), em que mostra uma visão diferente da que a autora norte-americana

Susan Sontag traz em “Diante da dor do outro” (2003) quanto à veiculação de imagens com conteúdo violento.

Barthes aparecerá novamente aqui, com o texto “Foto-Choque” do livro “Mitologia” (1957) para falar do esvaziamento de reflexão ao se expor este tipo de fotografia. Na última parte deste capítulo, propõe-se também a contextualização da sociedade atual, pela lógica do espetáculo, com Guy Debord e demais autores que seguem nesta linha para fundamentar a sociedade contemporânea.

O último capítulo deste trabalho está dedicado ao estudo das fotografias selecionadas de nove edições da *Dabiq* (julho de 2014 até julho de 2016). Para guiar esse momento do trabalho, será utilizada a obra do professor Boris Kossoy, com “Realidades e ficções na trama fotográfica” (1999), de onde se construirá o aporte teórico sobre a metodologia escolhida: a interpretação iconológica.

Pretendeu-se, ao logo desta pesquisa, entender a análise aqui como uma maneira de chegar perto das respostas para as seguintes questões: o que esta imagem quis dizer, por que, para quem e de que maneira, mas, acima de tudo, qual é o contexto quase indecifrável que está por trás dela. Nas palavras de Kossoy (2016, p. 57): “decifrar a realidade interior da

representação fotográfica”. E para começar a análise deste material é preciso, segundo Joly (2002), primeiramente, reconhecer que a imagem não é uma linguagem universal – sua interpretação e recepção dependem de quem a está consumindo, pois este espectador trará seus próprios códigos culturais ao recebê-la.

1 ESTADO ISLÂMICO

Para a Organização das Nações Unidas (ONU), a comunidade internacional e pelos olhos da mídia do Ocidente, e até parte do próprio Oriente, o Estado Islâmico (IS, na sigla em inglês, ou EI, como será usado nesta dissertação), que nasce como desdobramento da Al-Qaeda no Iraque (AQI), é considerado um grupo terrorista que age por motivos religiosos. Aterse exclusivamente a essa definição, no entanto, não permitirá compreender a organização que se autodenomina califado⁴ e tira o sono da maior potência mundial, os Estados Unidos – que já teriam investido 11 bilhões de dólares⁵ para combater os soldados que integram o grupo. Entender o Estado Islâmico, do ponto de vista conceitual, é imprescindível para a interpretação iconológica das fotografias da revista *Dabiq*, a publicação online objeto de pesquisa desta dissertação e editada pelo grupo, uma vez que esse tipo de análise se pauta pelo contexto histórico por trás de cada imagem.

Uma estimativa da CIA (Agência Central de Inteligência, dos Estados Unidos) apontou que aproximadamente 30.000 soldados faziam parte do Estado Islâmico em 2014, mas o número seria pelo menos sete vezes maior (200.000 combatentes), de acordo com líderes militares não ocidentais em ação direta contra o grupo citado por agências internacionais de notícias⁶. É necessário deixar claro que é difícil precisar dados ligados ao grupo, uma vez que, em constante conflito, os números de soldados, população e territórios dominados se alteram com frequência. Ainda assim, não há como negar que, independentemente da quantidade, o Estado Islâmico deteve no período de existência da *Dabiq* (2014-2016) muito poder e mostrava, por meio de suas ações, grande senso de organização e administração para comandar uma infraestrutura profissional equivalente a de

⁴ Califado significa sucessão em árabe. O termo surge após a morte do profeta Maomé, em 632. O califa é literalmente o sucessor do profeta tanto como chefe da nação quanto como líder de uma comunidade de muçulmanos que tem o poder de aplicar a lei islâmica (sharia).

⁵ Disponível em: <https://www.forbes.com/sites/niallmccarthy/2017/02/01/the-cost-of-the-air-war-against-isis-has-reached-11-billion-infographic/#25b8cd83b120>. Acesso em 12.jun..2017.

⁶ Disponível em: <http://www.independent.co.uk/news/world/middle-east/war-with-isis-islamic-militants-havearmy-of-200000-claims-kurdish-leader-9863418.html>. Acesso em 12.jun.2017.

quem comanda, se não de direito, ao menos de fato, um Estado. E a propagação de informações, o uso da mídia e, em especial, das imagens serviram para a construção dessa narrativa. A percepção de “senso de coerência do grupo como um califado com clara cadeia de comando é produto direto do aparato propagandístico do ISIS, e estamos carentes de demais evidências” (DOOSTDAR, 2014, p. 2).

No que diz respeito a sua abrangência, ou base social, no auge (2014-2016) o grupo administrou a vida de aproximadamente 10 milhões de pessoas em seus territórios – número que equivale a população do estado de Santa Catarina. Apenas em Mossul, terceira maior cidade do Iraque e que ficou sob domínio do Estado Islâmico entre 2014 e 2017, havia em outubro de 2016 entre 1,5 milhão e 2 milhões de habitantes⁷. O senso de organização do grupo é evidente não só nos territórios ocupados, mas também em atentados de grande porte que assume em lugares fora de seu controle, como o caso dos ataques de novembro de 2015, em Paris, na França, no qual 137 pessoas foram mortas.

O impacto do Estado Islâmico na comunidade internacional é tão forte que, de forma inedita, foi capaz de unir os Estados Unidos e o Irã, inimigos históricos, contra o califado (NASSER apud COCKBURN, 2015, p. 16). Ali Khamenei, líder supremo iraniano, temendo o avanço do Estado Islâmico, em 2014, respaldou a cooperação militar norte-americana para fazer frente aos extremistas. O episódio foi significativo para a República Islâmica, já que desde a Revolução Islâmica de 1979 havia uma inimizade institucional entre Teerã (Irã) e Washington (Estados Unidos).

As ações, e consequentes definições, que se espalham sobre o Estado Islâmico o fizeram desbancar a Al-Qaeda do posto de inimigo número 1 do mundo ocidental – posição ocupada pelo segundo grupo desde os ataques de 11 de setembro de 2001, em Nova York, nos Estados Unidos – e transformaram os extremistas do EI na maior ameaça à segurança internacional. Os significados ainda são muito superficiais diante da complexidade da organização, como chama a atenção o cientista político brasileiro Reginaldo Nasser, na apresentação do livro “A origem do Estado Islâmico”, do jornalista irlandês Cockburn (2015, p.15), já que

“pelos lentes da mídia ocidental, o Estado Islâmico aparece como um grupo irracional que age sem motivos políticos, movido apenas pelo ódio religioso”.

⁷ Disponível em: <https://apublica.org/2017/07/em-entrevista-yan-boechat-conta-o-dia-a-dia-sem-glamour-deum-reporter-de-guerra/>. Acesso em: 16.out.2017.

É claro que a questão da religião é um ponto decisivo e, talvez, o principal para começar a desvendar o Estado Islâmico, mas não é o único – aspectos políticos, sociais, econômicos e históricos fazem parte da complexidade da organização.

As verdadeiras razões para a rápida e forte emergência do grupo assim como seus objetivos através da instauração do Estado Islâmico ainda permanecem de certo modo encobertas. Em realidade, a ascensão do Estado Islâmico foi resultado de uma história política e de contextos específicos. Neste sentido, defende Jeremy Walton (2014), existe uma explicação política para a violência cometida pelo ISIS em nome do islã, de modo que a compreensão histórica do fenômeno é fundamental para que se possa entender a ascensão e forte apelo do grupo. (NAHAS, 2015, p.8)

Mesmo no fim de 2017 – após três anos e meio de ter proclamado seu califado –, quando boa parte do território conquistado já havia sido retomada por forças de coalização, o grupo está longe de ter sido dizimado. Parte resiste na Síria e no Iraque, em combates que devem se aproximar mais da luta de guerrilha⁸, parte se organiza em outros países – a Líbia⁹, em especial – e militantes espalhados pelo mundo devem continuar a promover ataques, especialmente em grandes cidades ocidentais. Mas a resistência por manter-se com importantes parcelas territoriais será fundamental para o EI, porque isso está na essência de ser entendido e definido como Estado.

1.1 ESTADO

Como surge e o que caracteriza um Estado é dos pontos de partida para entender por que o grupo se autointitulou dessa forma. Também é fundamental para compreender o funcionamento do Estado Islâmico e identificar quais os elementos essenciais que consolidaram o grupo como Estado, de fato.

Em essência, se existe organização em forma de sociedade política, então existe o Estado. Este, por sua vez, deriva por conta de um Contrato Social. A ideia conceitual da origem do Estado, a partir do Contrato Social, em um primeiro momento, está cercada por três filósofos: Hobbes (1588-1679), Locke (1632-1704) e Rousseau (1712-1778).

⁸ Disponível em: <https://www.nytimes.com/reuters/2017/10/27/world/middleeast/27reuters-mideast-crisis-syriaislamic-state.html>. Acesso em: 31.out.2017.

⁹ Disponível em: <http://www.thearabweekly.com/Opinion/9451/ISIS-regroups-in-Libya-amid-jihadist-infighting>. Acesso em: 31.out.2017.

Antes é preciso estabelecer que a ideia de contrato (social) aparece como um acordo consensual dentro de determinado grupo e não, claro, como uma situação formalizada em documento. De acordo com Hobbes (2007), para existir, o Estado precisa da figura de um soberano com poderes sobre os súditos a fim de manter a ordem, já que, para o filósofo, “o homem é o lobo do próprio homem”, o que torna necessária a figura desse governante para controlar os instintos dos cidadãos.

Locke (2007), um tanto na esteira de Hobbes, acreditava igualmente que o Estado era a necessidade de uma instância acima de cada cidadão, mas que esses cidadãos deveriam ter o direito de escolher quem os governaria. Ele já antevia o poder desproporcional do Estado em detrimento do cidadão comum. Sendo absolutamente contrário ao modelo do poder nato, como o caso de monarquias, Locke (2007) defendia como ideia de Estado um organismo que garantisse o direito à liberdade e à propriedade privada.

Já Rousseau (2007) pregava, numa espécie de outro lado da mesa em relação a Hobbes, a ideia de que a sociedade é quem corrompe o ser humano e que este é, por essência, puro. Para ele, como Locke, o povo tem soberania e o governante tem de ser um representante deste grupo. Também defendia que o Estado nasce de um pacto formado entre os cidadãos livres que abdicam de suas vontades individuais para cumprir uma decisão geral.

De certa forma, num período de pouco menos de 200 anos, esses pensadores conceitualizaram a necessidade de formação do Estado como algo que pudesse reger a existência em sociedade. Ora creditando ao Estado o poder de controlar este homem lobo do homem, ora defendendo limites ao poder excessivo concedido a esse mesmo Estado. Com pelo menos uma coisa os três pensadores concordavam: para a existência de Estado é necessária a figura de um líder que exerça poder sobre o grupo social.

O Estado¹⁰, em termos contemporâneos, nasce a partir da conjunção de certos elementos essenciais: povo homogêneo; território delimitado; governo próprio; soberania e finalidade. Mas, além disso, também é necessário que seja reconhecido por boa parte da comunidade internacional. Por essa definição, o Estado, por outro lado, acaba quando perde um ou mais desses elementos. Desta forma justificar o Estado Islâmico como Estado é razoável dentro de duas lógicas conceituais:

¹⁰ Disponível em: http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista68/revista68_60.pdf. Acesso em: 18.ago.2017.

a) Teoria das nacionalidades; b) Teoria do livre arbítrio dos povos ou autodeterminação dos povos. Para a primeira, desde que configurada uma nação, vale dizer, um povo homogêneo, com identidade de valores culturais, esta nação, em tese, possui o direito reconhecido internacionalmente de transformar-se em Estado. Evidentemente que esta transformação depende de outros incontáveis fatores internos e externos. Já para a segunda corrente, os povos (povo aí possui conceito semelhante à nação) possuem o direito natural de decidir o que fazer com seu destino, transformar-se em um novo Estado ou permanecer em condição diversa. (PINTO, 2015, p. 73)

Partindo desta análise, fica evidente que o EI carrega em sua formação todas as características que levam à configuração de um Estado, o que é seu objetivo. Fato que endossa ainda mais a complexidade da organização. Em seu limite, é como se o Estado Islâmico almejasse assento na ONU e embaixadas em outras nações.

Seus integrantes querem ser reconhecidos não como membros de grupo terrorista – embora seja dessa forma que tenham sido reconhecidos –, mas como pertencentes a um Estado de fato e de direito, com sistemas e organismos estruturais: de saúde, de educação, de justiça, de polícia, de comunicação, e até moeda própria, pronto a receber muçulmanos de qualquer parte do mundo que queiram participar em nome do mesmo desejo, o de espalhar o islã, ou a interpretação deles do islã, e lutar contra os que consideram infiéis.

Todos deveriam saber que não somos quem eles pensam que somos – um ativista de mídia do EI em Aleppo nos disse no que tornou-se um refrão comum. – Nós temos engenheiros, nós temos médicos, nós temos excelentes ativistas de mídia. Nós não somos uma tanzim (organização), nós somos um estado. (WEISS; HASSAN, 2015, p. 160)

Ter por finalidade ser um Estado é uma das posições que diferencia a organização da Al-Qaeda: um traz como proposta se transformar num Estado e por isso disputa territórios, enquanto a organização de Osama bin Laden (1957-2011) quer ser uma rede, ou seja, uma célula com integrantes do mundo inteiro que não compartilham necessariamente a mesma delimitação territorial, mas sim a mesma ideologia política e religiosa.

1.2 RELIGIÃO

Para o teólogo sueco, e vencedor do Nobel da Paz de 1930, Nathan Söderblom, religiosa é toda pessoa para quem algo é sagrado. E a religião é outra questão crucial para entender a formação e o que move o Estado Islâmico. “A palavra islã significa sumissão. É um significado forte. Percebe-se na raiz do nome algo essencial nessa religião: o homem deve se entregar a Deus e se submeter a Sua vontade” (GAARDER, HELLERN e NOTAKER, 2005, p. 127). Da mesma maneira que o grupo foi preciso semanticamente na escolha da palavra Estado o foi na escolha da palavra Islâmico. A mensagem fica clara e direta a qualquer pessoa. Dois conceitos numa só marca.

Por esse motivo, entender os princípios do islamismo, e o que o difere de outras religiões, em especial as monoteístas, é decisivo. E um de seus primeiros conceitos é a importância dada ao Corão, o livro sagrado dos muçulmanos. Para o cristianismo, Jesus é a salvação, enquanto no islamismo Maomé é apenas intermediário, já que a revelação ocorre no próprio Corão. “No cristianismo, a Palavra de Deus tornou-se uma pessoa; no islamismo, um livro” (GAARDER; HELLERN e NOTAKER, 2005, p. 135).

O islã parte dos ensinamentos de Maomé (ARMSTRONG, 2002). O profeta é tido como o “único perfeito de Deus (Alá), então o único que pode, de fato, representá-lo”.¹¹ Entre as obrigações religiosas estão os chamados cinco pilares – o credo, a oração, a caridade, o jejum e a peregrinação até Meca (cidade da atual Arábia Saudita).

Gaarder, Hellern e Notaker (2005) explicam que o primeiro pilar, o credo, está resumido em: Não há outro Deus senão Alá, e Maomé é seu Profeta. É a primeira coisa que se fala a um bebê e a última a ser dita a alguém próximo de morrer.

O segundo pilar é a oração. Todo muçulmano deve rezar cinco vezes ao dia, sempre em direção a Meca. A pureza do corpo durante a oração é igualmente importante, então o rito deve ser feito após um banho, ou, em boa parte dos casos, basta lavar as mãos e o rosto, regras que deram aos países árabes alto padrão de higiene. As cinco orações diárias podem ser ditas em qualquer lugar, não necessariamente numa mesquita, e o gestual é tão significativo quanto a palavra. Normalmente, se estiverem numa mesquita, os homens ficam em lugares privilegiados em relação as mulheres.

¹¹ Disponível em: http://www.emerj.tjrj.jus.br/revistaemerj_online/edicoes/revista68/revista68_60.pdf. Acesso em: 18.ago.201.

O terceiro pilar é a caridade, mas não num sentido facultativo e sim obrigatório, fixada em 2,5% dos rendimentos de uma pessoa. Tem a função de reduzir desigualdades, mas também explica muito da orientação comunitária e até mesmo socialista de muitos países árabes. Assim como está por trás de muito dinheiro enviado a grupos combatentes.

O quarto pilar é o jejum, realizado no ramadã, nono mês do ano pelo calendário islâmico (que tem 29 dias, 12 horas e 44 minutos a cada mês). Nele não se pode comer, beber, fumar ou ter relações sexuais entre o sol nascer e se por. À noite está liberado. Vale ressaltar que comer carne de porco, animal considerado impuro, e consumir álcool são proibidos pelo islamismo.

Por fim, todo muçulmano deve ir até Meca pelo menos uma vez na vida caso tenha condições para isso, o simbolismo disso reflete uma obediência à vontade de Deus. É o quinto pilar da religião.

O Corão rege a vida islâmica, não só a vida religiosa. E interpretá-lo de maneira mais radical ou menos radical cabe a cada islâmico. Isso está na base de toda decisão não apenas do Estado Islâmico, mas de todos os grupos extremistas muçulmanos.

O livro sagrado não faz distinção entre religião e política, e é usado para reger todas as obrigações. As religiosas, as morais e as sociais de um adepto. Trata-se de um livro de leis. Seu lado interpretativo é usado para dar luz a qualquer questão contemporânea, totalmente inimagináveis à época em que foi escrito, de relações com a internet ao divórcio. E a tudo isso se soma praticar o *jihad*¹² e a *jihad*¹³.

Dentro do islã, no entanto, existem duas vertentes religiosas: os sunitas e os xiitas. A rivalidade tem origem na disputa sucessória após a morte de Maomé (632.d.C). Cockburn (2015) explica que os xiitas, minoria dentro do mundo islâmico, atribuem autoridade espiritual apenas aos descendentes diretos de Maomé. Já os majoritários sunitas (entre 85% e

¹² *Jihad* vem do árabe e significa esforço. O termo possui significado técnico próprio no Corão, livro sagrado do islã, no qual representa a missão fiel do muçulmano de se autogovernar e, também, de universalizar os preceitos islâmicos para toda a humanidade. No final do século XX, o termo apareceu de modo recorrente com o avanço de certas organizações armadas islâmicas, geralmente sunitas, as quais usaram a *jihad* como método legitimador da sua luta contra governos nacionalistas árabes, potências ocidentais ou mesmo a antiga União Soviética. (...) A mídia internacional assimilou o termo *jihad*, simplificando-o grosseiramente como sinônimo de “guerra santa (islâmica)” ou como uma postura belicosa geral e comum à maioria dos muçulmanos, o que não encontra qualquer respaldo linguístico. (COCKBURN, Patrick. “Origem do Estado Islâmico”, 2015, p. 203)

¹³ Ao longo da dissertação será usada a palavra *jihad* tanto no gênero masculino quanto no feminino. No primeiro caso quando se referir ao dever religioso pregado pelos textos sagrados, no segundo quando se referir a guerra santa.

90% da população islâmica), termo que em árabe deriva da palavra que significa costume ou tradição, reconhecem a ascensão de líderes religiosos escolhidos pela população islâmica. O Estado Islâmico é da corrente sunita – e para eles, os xiitas são infiéis que devem ser eliminados¹⁴. Essa rivalidade ajuda a entender o porquê de o Estado Islâmico agir com tanta violência contra os próprios muçulmanos, quando estes não são seguidores da vertente em que eles acreditam. Mas isso não significa que não tenham combatido inclusive outros muçulmanos sunitas, como a Al-Qaeda, de quem o grupo se tornou inimigo.

Todo praticante do islamismo é reconhecido como muçulmano, no entanto, existe o muçulmano fundamentalista – que tende a adotar postura mais radical na interpretação do islã, sem possibilitar leitura mais flexível dos ensinamentos de Maomé. Para os fundamentalistas não existem limites para praticar o *jihad* e a violência pode ser usada como recurso, que é o modo como o Estado Islâmico age.

O islã é, atualmente, a segunda maior religião do mundo em número de adeptos. São 1,8 bilhão de pessoas que se declaram seguidoras do islamismo. Está apenas atrás dos cristãos, que somam 2,3 bilhões de pessoas¹⁵. Mas num prazo de até 80 anos a religião terá superado o cristianismo, segundo pesquisa do *Pew Research Center*¹⁶. De acordo com a pesquisa, de 2015, dois motivos justificam esse crescimento. O primeiro é a taxa de fertilidade nas sociedades islâmicas em relação a de outras religiões – estima-se que mulheres muçulmanas terão em média 2,9 filhos contra 2,2 filhos de mulheres não muçulmanas. O segundo motivo é que a população muçulmana é mais jovem em relação a todas as demais – 24 anos é a idade média de um muçulmano, contra 31 anos dos adeptos das demais religiões.

Ainda assim é importante chamar a atenção para que se faça uma leitura prudente quanto ao islã e o comportamento da maioria dos muçulmanos. Para que não sejam simplesmente atrelados a um grupo extremamente violento, como o Estado Islâmico, e para que não haja generalizações, tão comuns entre a população ocidental e da qual nem o filósofo e sociólogo francês Edgar Morin (2015) escapou ao afirmar que, “na França, os delinquentes são frequentemente de origem imigrada”. Para ele, “estes jovens transgressores

¹⁴ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/03/internacional/1451843662_491050.html. Acesso em: 18.ago.2017

¹⁵ Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/05/christians-remain-worlds-largest-religiousgroup-but-they-are-declining-in-europe/>. Acesso em: 18.ago.2017

¹⁶ Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-u-s-and-around-the-world/>. Acesso em: 18.ago.2017.

encontram nas prisões mentores que lhes inculcam o islã numa versão fanática” (MORIN apud FOTTORINO, 2015, p.9-10) e, além disso, terminariam seduzidos por grupos extremistas como o Estado Islâmico. Generalizações descontextualizadas como essa ajudam a criar um estigma contra os muçulmanos: na Europa, a imagem negativa dos adeptos da religião entre a população total dos países varia de 29% (Alemanha e França) até 69% (Itália) e 72% (Hungria). E para 66% dos ocidentais os islâmicos são associados a pessoas violentas¹⁷. A miopia em relação ao islamismo costuma ser tamanha que no ocidente mal se enxerga que os próprios muçulmanos, segundo a mesma pesquisa do *Pew Research Center*, são absolutamente contrários ao Estado Islâmico e suas ações.

1.3 ESTADO ISLÂMICO: ORIGEM

Falar sobre a origem do Estado Islâmico é, na verdade, falar de várias origens, no plural, já que existe uma série de fatores que podem ter corroborado o nascimento do grupo. No campo histórico, dois acontecimentos levam ao seu surgimento: o primeiro é a invasão norte-americana ao Iraque, em 2003, e a segunda, a guerra civil na Síria, desde 2011. Já no campo ideológico o Estado Islâmico tem seu DNA nas montanhas do Afeganistão, durante a invasão soviética (1979-1989), numa organização igualmente célebre, Al-Qaeda. Autores como Cockburn (2015) e publicações independentes como *Counterpunch* afirmam que o extremismo islâmico nasce, se fortalece e se multiplica durante a chamada Guerra Fria (1947-1991), para frear qualquer avanço soviético no Oriente Médio. E a ação mais contundente nesse sentido aconteceu justamente durante a invasão soviética ao vizinho Afeganistão.

Num mundo à época dividido entre Estados Unidos e União Soviética, o governo afegão, de orientação comunista, recebia apoio de Moscou. Secretamente, os Estados Unidos decidiram financiar opositores, apoio que se transformou em armas e treinamento. Esses combatentes, islâmicos, divididos em inúmeros grupos e muitos vindos de outros países de população muçulmana, foram chamados de *mujahidins*, o que significa aquele que combate. Uma dessas organizações era conhecida por MAK, fundada em 1984 por Osama bin Laden e por seu mentor, Abdullah Azzam (1941-1989). O primeiro, nascido na Arábia Saudita, o

¹⁷ Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/08/09/muslims-and-islam-key-findings-in-the-us-and-around-the-world/>. Acesso em: 18.ago.2017.

segundo nascido próximo a Jenin, na Palestina, durante o mandato britânico na região, e ambos estavam no Afeganistão para a luta contra os soviéticos. O grupo criado por eles se transformou, em 1988, na Al-Qaeda — que significa A Base.

Garikai Chengu (2014)¹⁸, em artigo publicado em setembro de 2014 no *Counterpunch*, reforça que na origem dessas legiões de combatentes extremistas existe a presença da CIA, a agência de inteligência americana.

Os Estados Unidos viram o mundo em termos bastante simples: de um lado, a União Soviética e o nacionalismo do Terceiro Mundo, que consideravam ferramenta soviética; do outro, nações ocidentais e o islamismo político militante, que consideraram um aliado na luta contra a União Soviética. [...] Para que não esqueçamos, a CIA deu à luz Osama bin Laden e amamentou sua organização durante a década de 1980. O ex-secretário de Relações Internacionais britânico Robin Cook disse à Câmara dos Comuns que a Al-Qaeda era, sem dúvida, um produto das agências de inteligência ocidentais. Cook explicou que a Al-Qaeda, que literalmente é abreviatura de “base de dados” em árabe, foi originalmente a base de dados de computadores dos milhares de extremistas islâmicos treinados pela CIA e financiados pelos sauditas para derrotar o russos no Afeganistão. (CHENGU, 2014, tradução nossa).

Treze anos depois do aparecimento da Al-Qaeda, o financiamento e apoio americano, de forma direta ou indireta, a extremistas como Osama bin Laden resultaram no dia em que o mundo parou por conta do maior ataque terrorista da história, o 11 de setembro, que mirou em dois dos símbolos de poder norte-americano, o *World Trade Center* e o Pentágono. Deixou quase 3.000 mortos, na cidade mais simbólica dos Estados Unidos, na época sob o governo de George W. Bush. O atentado contra a principal potência mundial foi estopim de ações norte-americanas para exterminar a organização autora e na busca incessante de seu líder, Osama bin Laden – ele passou a integrar a lista dos 10 foragidos mais procurados pelo FBI (Departamento Federal de Investigação). Havia uma recompensa de 25 milhões de dólares a quem tivesse qualquer informação sobre seu paradeiro. Nascia a chamada Guerra ao Terror, e a partir dela o Estado Islâmico.

¹⁸ America saw the world in rather simple terms: on one side, the Soviet Union and Third World nationalism, which America regarded as a Soviet tool; on the other side, Western nations and militant political Islam, which America considered an ally in the struggle against the Soviet Union. (...) Lest we forget, the CIA gave birth to Osama bin Laden and breastfed his organization during the 1980's. Former British Foreign Secretary Robin Cook told the House of Commons that Al Qaeda was unquestionably a product of Western intelligence agencies. Mr. Cook explained that Al Qaeda, which literally means an abbreviation of “the database” in Arabic, was originally the computer database of the thousands of Islamist extremists, who were trained by the CIA and funded by the Saudis, in order to defeat the Russians in Afghanistan.

Os Estados Unidos invadiram o Afeganistão, no fim de 2001, após o atentado ao *World Trade Center*, para localizar o líder da Al-Qaeda e desmantelar o grupo. Menos de um ano e meio depois, no começo de 2003, o país invadiu o Iraque – decisão condenada inultamente pela ONU – em nome de encontrar supostas armas de destruição em massa que estariam sob o governo de Bagdá, mas nunca foram localizadas, mas também invadiu para destituir seu presidente, Saddam Hussein, tido pelos americanos como protetor de células terroristas. Saddam caiu em pouco tempo, mas os Estados Unidos manteriam tropas na região por oito anos.

E saíram deixando um país dilacerado.

[...] Uma série de erros cometidos pelos Estados Unidos e seus aliados ocidentais criou condições para o surgimento do ISIS. Em primeiro lugar, a invasão do Iraque em 2003 fez com que os sunitas fossem marginalizados. Em segundo lugar, o apoio ocidental aos insurgentes na Síria criou o cenário propício para o tipo de combate implementado pelo ISIS. Assim, conclui que a “Guerra ao Terror” promovida pelos Estados Unidos foi um grande fracasso. (COCKBURN, p.24, 2015)

Pode-se dizer que se o nó afegão dos anos 1980 está na origem da Al-Qaeda o nó iraquiano da primeira década dos anos 2000 está na origem do Estado Islâmico.

O Iraque, ao contrário do que geralmente acontece no mundo árabe, sempre teve população de maioria xiita e minoria sunita. Saddam, presidente entre 1979 e 2003, era da minoria sunita, mas essa parcela ocupava os melhores cargos na administração pública e também nas forças militares. O desmantelamento do poder no Iraque por parte dos Estados Unidos levou o país ao caos. Foi promovida uma dança de cadeiras: o poder que estava na mão da elite da minoria sunita acabaria na mão da maioria xiita, há anos sedenta por uma chance dessas. Sunitas do mundo árabe passaram a chegar ao país, de toda forma não era apenas para estar ao lado dos sunitas iraquianos, mas especialmente enfrentar o invasor. “Combatentes e extremistas estrangeiros começaram a se mudar para o Iraque, muitos assistidos pelo regime de Bashar al-Assad (presidente da Síria), que procurava atrapalhar os Estados Unidos” (BEAUCHAMP, 2015)¹⁹.

Os extremistas sunitas que chegaram encontraram uma audiência amigável entre ex-soldados e oficiais iraquianos: os Estados Unidos dissolveram o exército sunita de Saddam Hussein, em 2003, criando um grupo de homens que estavam desempregados, formados em batalha e com medo da vida em um Iraque dominado pela maioria xiita (idem, tradução nossa).

¹⁹ Disponível em: <https://www.vox.com/2015/11/19/9760284/isis-history>. Acesso em: 9.nov.2017

Com o desmanche do poder, e logo após o Governo de Transição sustentado pelos Estados Unidos, assumiu o cargo de primeiro-ministro o xiita Nouri al-Maliki, que ocupou a posição de 2006 a 2014. Sua posse foi seguida da acusação de adoção pelos xiitas de medidas sectárias contra os sunitas. Era a senha para a guerra civil.

Desde a invasão, um dos principais líderes sunitas era Abu Musab al-Zarqawi (1966-2006), militante jihadista nascido na Jordânia, que comandava um grupo que viria a ser conhecido como Al-Qaeda do Iraque (AQI). Sua nomeação foi feita sob consentimento do próprio Osama bin Laden. Mas entender a relação entre Bin Laden e Al-Zarqawi é decisiva para compreender as diferenças de posicionamento ideológico e de atuação entre Al-Qaeda e Estado Islâmico.

Os dois se conheceram no Afeganistão, em 1999. Al-Zarqawi saiu da Jordânia, onde nasceu, em 1989, aos 23 anos, para combater no Afeganistão. Ficou no país até 1993. Retornou à Jordânia e continuou a agir em atos terroristas até ser preso, em 1994. Anistiado em 1999, voltou ao Afeganistão. Então encontrou-se com Bin Laden. “Foi aversão (mútua) à primeira vista”, diz a autora Mary Anne Weaver, especialista em questões envolvendo o mundo islâmico e a *jihad*, que escreveu um extenso perfil de 8.000 palavras sobre Al-Zarqawi para a tradicional *The Atlantic*, revista cultural-literária americana lançada há 160 anos. “Bin Laden não gostou de Al-Zarqawi e de suas tatuagens verdes na mão esquerda, que teria considerado não islâmico. Ele pareceu a Bin Laden agressivamente ambicioso e arrogante” (WEAVER, 2006). Mas o que deve mesmo ter chamado ainda mais a atenção do fundador da Al-Qaeda foi o ódio de Al-Zarqawi aos xiitas – a mãe de Bin Laden, a quem ele permanecia próximo, era xiita, dos alauitas da Síria. “Al-Zarqawi não se retrai, mesmo na presença do lendário chefe da Al-Qaeda: ‘Os xiitas devem ser executados’, ele disse” (WEAVER, 2006).

Essa tensão ideológica entre os dois nunca se resolveu. E desaguou na questão fundamental e nas diferenças entre os dois grupos: quem é o inimigo, o alvo principal? Seria o chamado inimigo próximo (regimes “não islâmicos” do mundo muçulmano) ou o inimigo distante (principalmente Israel e Estados Unidos). Bin Laden enxergava estes como o inimigo. Já Al-Zarqawi tinha uma visão de “o inimigo é o que está perto”, o que podia ser traduzido como atacar inclusive muçulmanos que não estivessem alinhados a seu ideário, em especial os xiitas que ele tanto odiava.

Essas posições refletem muito como a Al-Qaeda e o Estado Islâmico atuam até os dias atuais e foram motivos de um cisma que aconteceria anos depois.

Mas, àquele momento, no fim de 1999, a relação foi estabelecida: Al-Zarqawi e seu grupo precisavam do apoio de Bin Laden, da mesma maneira que Bin Laden via neles mais instrumentos para sua guerra. Quase cinco anos mais tarde, em outubro de 2004, com AlZarqawi combatendo no Iraque, ele se juntou formalmente à Al-Qaeda, numa espécie de franquia em solo iraquiano. Nascia a AQI. Vale ressaltar que na insurgência dos muçulmanos sunitas à invasão americana diversos grupos de combatentes atuavam sob uma espécie de guarda-chuva chamado Mujahidin Shura Council, o que facilitou a reaproximação de Al-Zarqawi e Bin Laden.

A AQI inicialmente fez sucesso juntos aos iraquianos sunitas, mas, logo foi percebido como um grupo tomado de estrangeiros e violento demais, o que gerou desconfiança, conforme mostra documento produzido pelo Instituto de Estudos Internacionais da Univeridade de Stanford (Estados Unidos):

Inicialmente, muitos sunitas no Iraque simpatizavam com a AQI e seu objetivo de expulsar as forças americanas e da coalizão do país e impedir uma tomada de poder do governo xiita. No entanto, as táticas extremas da AQI afastaram potenciais adeptos. Muitos iraquianos, incluindo os sunitas, criticaram o uso por parte da AQI de atentados suicidas e outros ataques violentos como assassinatos, sua vontade de atacar líderes iraquianos, o que foi agravada pelo fato de a organização ter uma identidade e liderança percebidas como estrangeiras, além da incitação intencional à violência sectária (contra os xiitas).²⁰

Os ataques cada vez mais violentos da AQI levaram Ayman al-Zawahiri, o número 2 de Bin Laden à época, a enviar uma carta a Al-Zarqawi, orientado-o a construir melhores

²⁰ Disponível em: <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/1>. Acesso em: 9.nov.2017.

relações com líderes iraquianos. Al-Zarqawi a ignorou. Ele foi tão improtante para o grupo que a revista *Dabiq*, objeto desta dissertação, trouxe em cada um de seus 15 números, junto ao índice de cada edição, a mesma frase assinada por ele: “A centelha foi acesa aqui no Iraque e seu calor continuará a se intensificar – pela permissão de Deus – até queimar os exércitos cruzados em Dabiq.” Neste caso a referência não era à revista, mas à cidade, onde, pela tradição islâmica, haveria uma batalha final, numa espécie de armagedom, a batalha final entre o bem e o mal, entre cristãos e muçulmanos, com a vitória destes.

Morto em um ataque aéreo creditado aos americanos, ele foi sucedido por Abu Ayyub al-Masri (1968-2010), egípcio que era seu braço direito na operação. Ainda de acordo com o documento produzido pelo Instituto de Estudos Internacionais da Universidade de Stanford muitos sunitas iraquianos continuaram a criticar a AQI por seus membros estrangeiros, suas tentativas de impor a própria marca radical de islamismo aos iraquianos e pelo uso de violência extrema.

Para dar ao grupo um acara mais iraquiana, Masri convenceu vários outros grupos a se juntar ao dele quando declarou o estabelecimento do Estado Islâmico do Iraque (ISI, embora o grupo também continuasse conhecido como AQI). Masri instalou um iraquiano, Abu Umar al-Baghdadi, como chefe do ISI. O AQI visou unificar a resistência contra as forças dos Estados Unidos e da coalizão, ganhar atenção e apoio da comunidade de jihadistas global e preparar as estruturas governamentais para assumir o controle após a retirada dos países e da coalizão do país. Este movimento foi o primeiro passo para a criação de um califado para governar no Oriente Médio.²⁰

Com Masri nasceu o nome embrião do Estado Islâmico, o pioneiro Estado Islâmico do Iraque (ISI, na sigla em inglês), embora o nome AQI fosse mantido, mas acima de tudo foi mantido o ideário pregado por Al-Zarqawi: constituir um Estado e combater não apenas os ocidentais, mas também qualquer muçulmano que não se aliasse a eles. Com a morte de Masri, em 2010, o ISI passou a ser comandado por Abu Bakr al-Baghdadi, líder do Estado Islâmico até a conclusão desta dissertação. Al-Baghdadi confirma o que diz Hèllène Thiollet (2016) ao resumir sua estratégia militar como “uma serpente que se move entre as pedras”, que mira suas forças em alvos frágeis. Mas pode se questionar então como nasce, quem alimenta, fortalece e prolifera a serpente? Mais uma vez os Estados Unidos aparecem na cena.

Em 28 de maio de 2014, ao falar na Academia Militar de *West Point* sobre o papel dos norte-americanos no mundo, o presidente Obama afirmou que a maior ameaça não era representada pela Al-Qaeda central, mas por ‘suas filiais descentralizadas e extremistas, muitos com agendas focadas nos países em que operam. E acrescentou: à medida em que a guerra civil na Síria extravasa suas fronteiras, amplia a capacidade dos grupos extremistas... Era verdade, mas a solução de Obama diante da ameaça seria, segundo ele disse, “Ampliar o apoio àqueles que, na oposição síria, oferecessem a melhor alternativa diante dos terroristas”. Em junho, ele solicitou ao Congresso 500 milhões de dólares para treinar e equipar membros da oposição síria. Um membro da inteligência de um país do Oriente Médio vizinho à Síria revelou-me que os integrantes do ISIS “dizem que ficavam sempre satisfeitos quando armas sofisticadas eram

²⁰ Disponível em: <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/>. Acesso em: 9.nov.2017

enviadas para qualquer tipo de grupo antiAssad, porque eles podem sempre obtê-las por ameaça ou pagamentos em dinheiro”. (NASSER apud COCKBURN, 2015, p. 44-45)

O sucesso das investidas do EI se deve, além do acesso a armas sofisticadas, a habilidades militares. É preciso lembrar, como afirma Nasser (2014), que o Estado Islâmico é composto por muitos ex-oficiais das forças armadas iraquianas. Ou seja, trata-se de soldados altamente treinados e que adquiriram grande experiência de conflito. Isso somado à ascensão de Baghdadi fez com que a organização ganhasse força, principalmente após a saída dos soldados americanos do país, em 2011. Em abril de 2013, ele mudou-se para a Síria e o grupo passou a ser chamado de ISIL (sigla em inglês para Estado Islâmico do Iraque e do Levante), logo adaptado para ISIS (Estado Islâmico do Iraque e da Síria).

Nesse momento, a cisão com a Al-Qaeda aconteceu. Baghdadi afirmou que a AQI havia criado um grupo extremista chamado Al Nusra, na Síria, e que os dois grupos agora seriam mesclados. Tanto a liderança da Al-Nusra quanto Al-Zawahiri – ex-número 2 de Bin Laden e antigo desafeto de Baghdadi – disputavam a fusão.

Zawahiri disse que o ISIS deveria limitar suas operações ao Iraque. Baghdadi rejeitou publicamente a declaração de Zawahiri e o ISIS continuou a operar na Síria, muitas vezes entrando em conflito com outros grupos islâmicos e ignorando os pedidos de mediação. De acordo com os analistas do Instituto de Estudos Internacionais da Universidade de Stanford, “as tentativas de reconciliação com a liderança da Al-Qaeda falharam e o grupo renunciou oficialmente a qualquer conexão com o ISIS em fevereiro de 2014”²². Visão compartilhada por Nahas:

O grupo, inicialmente uma franquia da Al-Qaeda no país, rompeu com a organização de Bin Laden, tornando-se seu rival. A divisão reflete diferenças estratégicas e ideológicas, especialmente no que tange à crítica da Al-Qaeda ao seu opositor em virtude da concentração de seus ataques a alvos civis xiitas ao invés de forças norteamericanas, seus aliados ocidentais e regimes considerados apóstatas na região, fomentando uma guerra sectária (NAHAS, 2015, p.8).

²² Disponível em: <http://web.stanford.edu/group/mappingmilitants/cgi-bin/groups/view/1>. Acesso em: 9.nov.2017.

A mudança derradeira de nome aconteceu já a partir dessa ruptura com a Al-Qaeda, quando o grupo conquistou Mossul e proclamou seu califado. Passava a ser apenas Estado

Islâmico (EI)²¹. Nunca, porém, se tratou de uma questão puramente semântica. As mudanças de nome têm total relação com a construção da narrativa desejada. Num primeiro momento, por questões territoriais: AQI/ISI, quando atuava essencialmente no Iraque; ISIL/ISIS, quando chegou à Síria; EI (ou IS, em inglês), quando o objetivo passou a incluir outros espaços territoriais, como partes da Líbia. A proclamação do califado foi seguida da divulgação de um documento oficial, tratando de temas como a mudança de nome e o uso da bandeira. Este documento²² foi divulgado em alemão, francês, inglês e russo, além do árabe, numa típica ação de *public relations*. Este contexto não é o único responsável pelo surgimento do Estado Islâmico, marcos históricos do oriente médio como a Primavera Árabe também carregam o peso da culpa pelo surgimento do grupo.

1.4 PRIMAVERA ÁRABE

Pode-se datar o início do movimento conhecido por Primavera Árabe com a morte, na Tunísia, do jovem Mohamed Bouazizi, de 26 anos. Em 17 de dezembro de 2010 ele, que trabalhava como ambulante, vendendo frutas e legumes, ateou fogo ao próprio corpo em protesto ao fato de ter seus produtos recolhidos por autoridades locais, que também o agrediram quando ele foi reivindicar que devolvessem o que havia sido retirado. Menos de três semanas depois, em 4 de janeiro de 2011, morreu no hospital. A onda de protestos derrubou o ditador Zine Ben Ali apenas 10 dias depois – ele estava no poder havia 23 anos, desde um golpe de estado em 1987. Refugiou-se na Arábia Saudita.²⁵ Nascia a Primavera Árabe.

O movimento de protestos espalhou-se por países árabes da África até a Península Arábica, às bordas do Golfo Pérsico. Dia 25 de janeiro de 2011 foi a vez de massas de manifestantes pedirem no Cairo, no Egito, a renúncia de Hosni Mubarak. Ele caiu do poder dia 11 de fevereiro. Iêmen foi o terceiro país da fila. Os protestos começaram dia 27 de janeiro e o presidente Ali Abdullah Saleh resistiu por mais de um ano, cedendo o poder em fevereiro de 2012. Estava no comando desde 1990. Na Líbia, Muamar Kadhafi resistiu, mas

²¹ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2014/06/isil-declares-new-islamic-caliphate201462917326669749.html>. Acesso em: 9.nov.2017.

²² Disponível em: https://ia902505.us.archive.org/28/items/poa_25984/EN.pdf. Acesso em: 9.nov.2017. ²⁵ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/interactive/2013/12/timeline-arab-spring20131217114018534352.html>. Acesso em: 9.nov.2017.

foi morto em 20 de outubro de 2011. De todas as nações que observaram protestos, em maior ou menor grau, em quatro houve queda de governo e em um, a Síria, o regime de Bashar al-Assad resiste, mas o país está desde 2011 mergulhado numa violenta guerra civil. Ou seja, seis anos depois, excetuando-se monarquias constitucionais em que houve quedas de primeiro-ministro, como na Jordânia e no Kuwait, somente na Tunísia caminhou-se para um cenário democrático:

A Líbia e o Iêmen implodiram, seus estados centrais foram substituídos total ou parcialmente por milícias em guerra, algumas apoiadas por potências estrangeiras, algumas sob bandeiras da Al-Qaeda ou do Estado Islâmico. O Egito já está mais autocrático, de certa forma, do que quando os protestos começaram. E a Síria desceu para um abismo. Metade das suas cidades está em ruínas; grande parte de sua terra fértil foi abandonada; milhões foram deslocados no país, milhões fugiram para o exterior; centenas de milhares morreram; e não há fim à vista²³²⁴ (tradução nossa).

1.5 GUERRA CIVIL NA SÍRIA

Na Síria, a Primavera Árabe falhou. Em vez de derrubar um governo derrubou um povo. E o presidente Bashar al-Assad permanece. Coincidentemente ou não foi ali que o Estado Islâmico efetivamente se mostrou ao mundo. Pode-se voltar no tempo quanto se quiser. A Síria provavelmente resistirá. Na Cidade Velha de Damasco existe uma rua chamada Direita. Ou Via Recta, em latim. É a única citada na Bíblia que resiste até os tempos de hoje. Na verdade, ela existe antes da Bíblia. E antes de Jesus. E antes, claro, do próprio islamismo. Como Damasco. Um ditado dos habitantes da cidade lembra que há lugares que resistem aos anos. Mas Damasco resiste aos impérios. Saber isso ajuda a entender por que seus habitantes acreditam que podem resistir por alguns anos – ou ainda mais – de guerra civil.

Os vestígios de assentamento no local sugerem uma cidade com 5.000 anos de vida contínua²⁵. São Paulo ainda não chegou aos 500. A principal mesquita na parte antiga da cidade, das mais relevantes no universo islâmico, já foi templo cristão e, antes, local de ritos pagãos. Tudo no mesmo endereço. Ainda assim a guerra civil síria castigou a cidade, e o

²³ Disponível em: <https://www.economist.com/blogs/graphicdetail/2016/01/daily-chart-8>. Acesso em: .nov.2017.

²⁵ Disponível em: <http://whc.unesco.org/en/list/20>. Acesso em: 9.nov.2017.

país, como poucas vezes em sua extensa história. Relatório do Observatório Sírio dos Direitos Humanos citado pela agência britânica Reuters²⁶²⁷ aponta 321.000 mortos e outros 145.000 desaparecidos, nos seis anos de conflito. É o equivalente a sumir do mapa uma cidade do porte de Florianópolis, capital do estado de Santa Catarina. Haveria ainda 4,5 milhões de pessoas que emigraram e, internamente, outros 6,3 milhões de deslocados. O país tem 18 milhões de habitantes²⁸²⁹, nas estimativas de 2017. Há seis anos eram 21 milhões³⁰.

Bashar al-Assad, presidente sírio, tinha tudo para suspeitar que a Primavera Árabe, surgida nos protestos na Tunísia, a 3.800km, chegaria rapidamente a seu país. Por dois motivos. O primeiro é porque ele pertence a uma minoria: é alauíta. Segundo porque a maioria em seu país – os sunitas, 70% da população³¹ – estava sedenta havia três décadas para vingar um massacre promovido por seu pai. Em 1982, na cidade de Hamã³², entre Homs e Aleppo, Hafez al-Assad, presidente sírio e pai de Bashar, reprimiu protestos organizados pela Irmandade Muçulmana em que teriam morrido pelo menos 20.000 pessoas³²³³.

A questão se torna mais complexa quando se conhece um pouco mais da Irmandade Muçulmana. Vendida aos olhos da mídia ocidental como mais um grupo extremista, a Irmandade tem ampla aceitação nas comunidades árabes, especialmente entre as mais pobres. A ideologia é focada na reforma dos sistemas políticos, lastreada pelo tema da responsabilidade social para as populações de baixa renda³⁴. Sua popularidade no mundo árabe vem daí.

O pai do atual presidente governou a Síria entre 1971 e 2000. Ao morrer, seu filho assumiu. O mundo ocidental, leia-se Estados Unidos e Europa, historicamente aposta no modelo dividir-governar, muitas vezes instando e apoiando minorias religiosas e/ou elites

²⁶ Disponível em: [https://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-syria-casualties/syrian-war-monitor-says-](https://www.reuters.com/article/us-mideast-crisis-syria-casualties/syrian-war-monitor-says-killed-in-six-years-of-fighting-idUSKBN16K1Q1)

²⁷ -killed-in-six-years-of-fighting-idUSKBN16K1Q1. Acesso em: 9.nov.2017

²⁸ Disponível em: <https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/geos/sy.html>. Acesso em: 9.nov.2017.

³⁰ Disponível em: <http://www.worldometers.info/world-population/syria-population/>. Acesso em: 9.nov.2017

³¹ Disponível em: <https://syriancivilwarmap.com/ethnic-and-religious-groups-of-syria/>. Acesso em: 9.nov.2017

³² Disponível em: <http://www.nytimes.com/2012/02/15/opinion/friedman-like-father-like-son.html>. Acesso em: 9.nov.2017.

³² Disponível em: <http://www.nytimes.com/2011/08/03/opinion/the-new-hama-rules.html>. Acesso em: 9.nov.2017.

³⁴ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/features/2017/06/muslim-brotherhood-explained170608091709865.html>. Acesso em: 9.nov.2017.

dos países em que tem interesses. Mas Assad sempre foi aliado fiel aos russos. Por esse motivo, quando a Primavera Árabe irrompeu no país, os Estados Unidos firmemente apoiaram toda espécie de oposição. Foi a senha para o vale tudo que se instaurou na Síria.

A lista de lados é longa. Existe a parcela que inclui o governo sírio e seu exército, ou a parte leal dele, porque outra parte debandou. Costumam ter o apoio do Irã e de milícias xiitas recrutadas de Afeganistão, Iêmen e Iraque, do Hezbollah, originado e baseado no vizinho Líbano, e da Rússia – que faz interações militares recorrentes e desde o início do conflito sempre foi leal ao presidente Assad: até abril de 2017 já usou seu poder de veto no Conselho de Segurança da ONU por oito vezes para evitar sanções contra a Síria³⁵. Atualmente também recebem apoio dos Estados Unidos e de outros países ocidentais, mas no início dos conflitos, em 2011, os americanos foram os maiores apoiadores da oposição ao governo sírio.

Do lado oposto, em luta contra o governo Assad, de forma velada ou não, estão turcos, Jordânia e outros regimes monarquistas, em especial Arábia Saudita, que financia todo tipo de ação contra lideranças não sunitas³⁶, e uma legião de grupos extremistas de todos os portes, ávidos para tirar do poder um alauíta. Existe, por fim, um bloco que atira contra os dois lados, como o grupo Forças Democráticas da Síria, de orientação curda, que briga por territórios no norte do país – com 30 milhões de pessoas, os curdos são o maior povo sem nação do mundo. Trata-se de um dos mais ferozes combatentes contra o Estado Islâmico.

Num ambiente tão instável, complexo e desleal, o Estado Islâmico prosperou.

1.6 ESTADO ISLÂMICO HOJE: ASCENSÃO E QUEDA

No dia 28 de junho de 2014, aconteceu o primeiro dia do ramadã³⁷. Em Mossul, a terceira maior cidade do Iraque, Abu Bakr al-Baghdadi, um iraquiano, proclamou o nascimento do Estado Islâmico. Desde então, Mossul passou a ser a capital do Estado que

³⁵ Disponível em: <http://edition.cnn.com/2017/04/13/middleeast/russia-unsc-syria-resolutions/index.html>. Acesso em: 9.nov.2017.

³⁶ Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-39528673>. Acesso em: 9.nov.2017.

³⁷ Ramadã ou ramadão é o nono mês do calendário islâmico e é o período em que os muçulmanos praticam jejum – um dos cinco pilares da fé islâmica e é obrigatório para todos os seus seguidores.

acabava de ser anunciado. Não existiria naquela parte do mundo mais Síria, nem Iraque. Existiria, a partir daquele momento, uma coisa única: O Estado Islâmico. Nas palavras de Al-Baghdadi ao declarar o nascimento do EI e se apresentar como herdeiro do califado: “Corram, ó muçulmanos, para o seu Estado. Sim, é o seu estado. Corram, porque a Síria não é para os sírios, e o Iraque não é para os iraquianos” (WEISS; HASSAN, 2015, p.17).

Uma das propostas do Estado Islâmico como um califado é que todos os muçulmanos deixem de lado suas respectivas identidades nacionais e se juntem à organização para que sejam uma coisa só na luta contra os infiéis. Os muçulmanos, com 1,8 bilhão de adeptos, representam 24% da população mundial³⁸. Esta proposta fica clara no pronunciamento de alBaghdadi em um trecho publicado pela revista *Dabiq*:

Muçulmanos de todos os lugares, temos boas notícias para vocês. Levante a cabeça. Agora, com a graça de Alá (Deus em árabe), você tem um estado califado que vai devolver sua dignidade, seus direitos e sua liderança. É um estado onde o árabe e o não-árabe, o branco e o negro, o oriental e o ocidental são todos irmãos. É um califado que reuniu caucasiano, indiano, chinês, iraquiano, egípcio, africano, americano, francês, alemão e australiano. Alá colocou o coração de todos juntos e os fez irmãos. (KHILAFAH DECLARED, *Dabiq*, p.7 jul. 2014)

O objeto de estudo desta dissertação, a revista *Dabiq*, existiu por 15 edições (julho de 2014 a julho de 2016), ao longo do auge do autoproclamado califado. Como a Síria, o Iraque, forças internacionais e os grupos extremistas ainda combatem entre si e contra o EI a perda e conquista de territórios oscila. Pretende-se aqui apenas registrar os momentos decisivos do califado. E mostrar que o grupo, em seu auge, dominava parcelas territoriais que iam pelo centro norte e oeste do Iraque e pelo leste e norte da Síria, na fronteira com a Turquia, até Aleppo – que já foi a maior cidade da Síria (pelo último censo, em 2004, tinha 4 milhões de habitantes, contra 3,8 milhões de Damasco, a capital³⁹). Em outubro de 2017 (*ver figura 1*), o EI controlava a parte mais escura do mapa – o leste da Síria, na fronteira com o Iraque, tendo perdido as simbólicas e estratégicas Raqqa (Síria) e Mossul (Iraque). No auge, 10 milhões de pessoas viveram sob o EI. Não se pode estimar o número hoje. Territorialmente, o domínio chegou a 242.000km², mas havia caído para 45.000km² no começo de 2017⁴⁰.

³⁸ Disponível em: <http://www.pewresearch.org/fact-tank/2017/04/05/christians-remain-worlds-largest-religiousgroup-but-they-are-declining-in-europe/>. Acesso em: 9.nov.2017.

³⁹ Disponível em: <http://www.cbssyr.sy/index-EN.htm>. Acesso em: 9.nov.2017.

⁴⁰ Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/estado-islamico-ja-perdeu-mais-da-metade-de-seu-territorio-na-siria-e-no-iraque.ghtml>. Acesso em: 9.nov.2017.

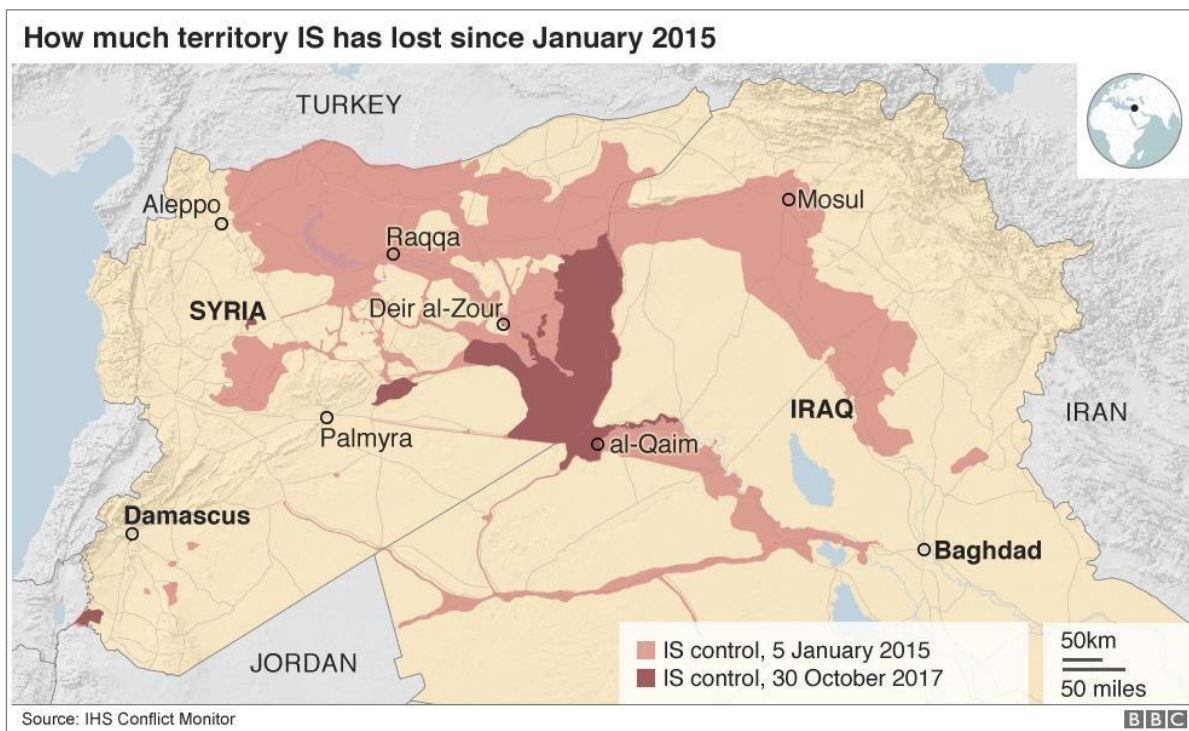


Figura 1 – Mapa dos territórios que o Estado Islâmico já teve sob domínio. Fonte: IHS/BBC

Ao nascer como Estado o mundo conheceu sua bandeira (*ver figura 2*), talvez o objeto mais simbólico de comunicação. Conhecida como Bandeira Negra. O símbolo utilizado nela é o Selo de Maomé. Do ponto de vista dos *ihadistas*, é como se Maomé validasse as ações praticadas pelo grupo para defender o islã. Toda vez que conquistou um território, o EI colocou bandeiras nas áreas de fronteira e em edifícios representativos. E seus militantes desfilavam pela cidade conquistada empunhando armas e bandeiras, igualmente. Para um grupo iconoclasta – que não venera e até mesmo detruí as imagens – o Estado Islâmico mostrava que certas atitudes iconográficas têm um peso que nem eles poderiam evitar ou desprezar.



Figura 2 – Bandeira do Estado Islâmico. Fonte: Media RTP

Para se proclamar califado, o EI esperou a tomada de uma cidade simbólica, Mossul, no norte do Iraque, o que aconteceu em junho de 2014. Mas a primeira grande conquista deuse em janeiro de 2014, quando dominou Raqqa⁴¹ (Síria), cuja região metropolitana tinha mais de 3 milhões de habitantes e era capital de província. O grupo ainda era chamado de ISIS/ISIL. Nas batalhas por Raqqa enfrentou o Exército sírio e a Al-Nusra, aliada da Al-Qaeda na Síria, e de quem o grupo se tornara inimigo. Raqqa só foi retomada em outubro de 2017⁴²⁴³.

E aí veio Mossul. Em junho de 2014 o ISIS controlou a cidade, a terceira maior do Iraque, com 2 milhões de habitantes, e no dia 29, na mesquita Al Nuri, declarou seu califado, momento em que o grupo mudou o nome para Estado Islâmico. Somente três anos depois, exatamente no fim de junho de 2017, a cidade foi retomada⁴⁴.

Controlar cidades do porte de Raqqa e Mossul foi fundamental para ampliar as finan-

⁴¹ Disponível em: <http://www.aljazeera.com/news/middleeast/2014/01/isil-recaptures-raqqa-from-syrias-rebels2014114201917453586.html>. Acesso em: 18.ago.2017.

⁴² Disponível em: <https://www.nytimes.com/2017/10/17/world/middleeast/isis-syria-raqqa.html>. Acesso em:

⁴³ .ago.2017.

⁴⁴ Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2017/jun/29/mosul-mosque-where-isis-declared-caliphate-has-been-recaptured>. Acesso em: 18.ago.2017.

ças (ver figura 3). E por esse motivo o grupo mostrou-se ainda mais poderoso, por três anos.

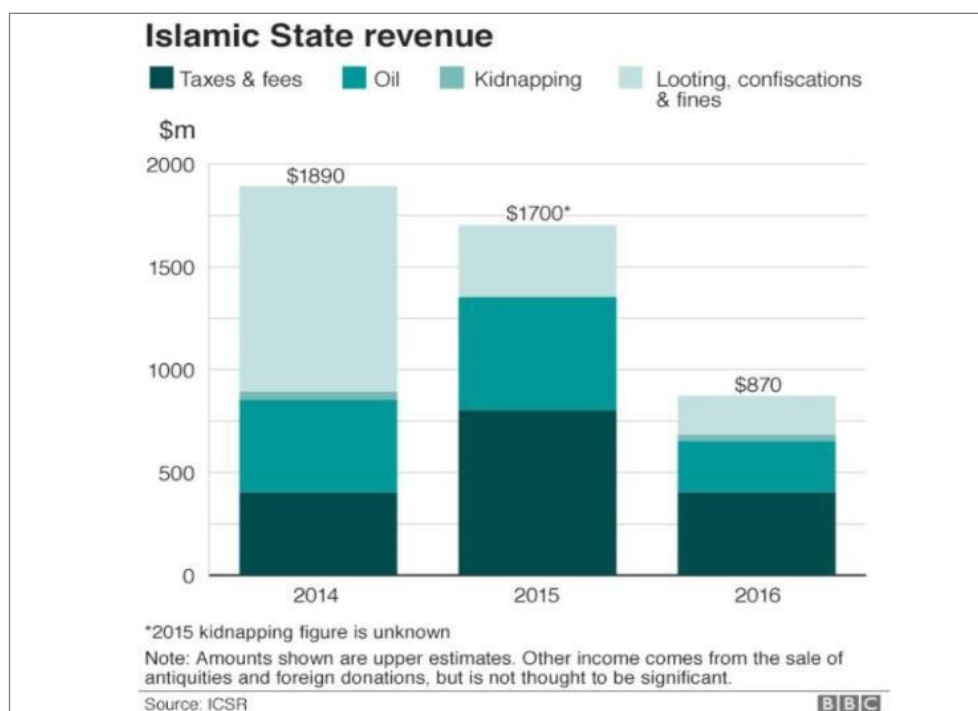


Figura 3 – Receitas do EI: Impostos-Petróleo-Resgates por Sequestros-Confiscos. Fonte: ICSR/BBC

O levantamento financeiro do EI mostrado na *figura 2*, em documento preparado pelo Centro Internacional de Estudos de Radicalização e Violência Política (ICSR), ligado ao Departamento de Estudos de Guerra do King's College, de Londres (Inglaterra), mostra que as receitas do grupo foi de praticamente 1,9 bilhão de libras (cerca de R\$ 8,2 bilhões), em 2014, para 870 milhões de libras (cerca de R\$ 3,7 bilhões), em 2016, queda de 55%. As receitas majoritariamente vinham, em 2014, da coluna Pilhagens-Confiscos-Extorsões praticados junto às populações das áreas conquistadas, seguidas de Venda de Petróleo, de Impostos e do pagamento de Resgates. Em 2015 e 2016, a coluna Impostos prevaleceu. Outras fontes de receita vinham ainda de diversas atividades menores. Uma delas, a venda de antiguidades, principalmente a de licenças de exploração para escavações e taxas para transitar pelos territórios ocupados. Outra fonte não tão significativa de recursos no período 2014-2016 foram doações vindas do exterior, de muçulmanos a países hoje inimigos que financiaram o grupo em sua fase iraquiana⁴⁵. Com menos dinheiro, a capacidade de atrair

⁴⁵ Disponível em: <http://icsr.info/wp-content/uploads/2017/02/ICSR-Report-Caliphate-in-Degradation-An-Estimate-of-Islamic-States-Financial-Fortunes.pdf>. Acesso em: 9.nov.2017.

estrangeiros e manter a lealdade de seus combatentes também ficou comprometida, uma vez que os salários desses soldados caiu de 150 dólares por mês (540 reais) para 50 dólares mensais (180 reais), segundo um comandante do califado capturado na Síria, em entrevista à *Folha de S.Paulo*⁴⁶.

A pergunta é por que a queda, depois de uma ascensão tão meteórica? Porque as Forças de Coalização, que nasceram em outubro de 2014 e cuja missão é eliminar o EI⁴⁷, passaram a atuar de forma mais maciça com ataques aéreos. A Rússia começou seus ataques aéreos na Síria em 2015. As Forças de Coalização agiam com maior incidência no Iraque. Os ataques sobre áreas do EI na Síria se intensificaram somente na segunda metade de 2016 e atingiram o ápice em agosto de 2017 (*ver figura 4*). E isso foi decisivo. Porque os ataques se deram também sobre zonas de produção de petróleo, para estrangular financeiramente o EI.

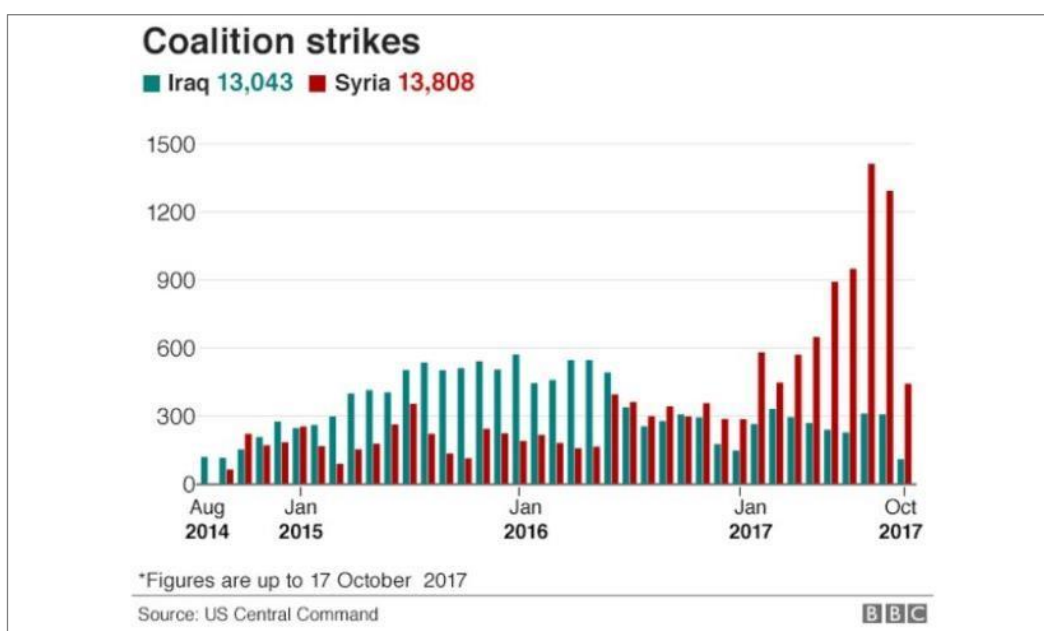


Figura 4 – Ataques aéreos das Forças de Coalização (não inclui a Rússia). Sobre o Iraque (azul). Sobre a Síria (vermelho). Fonte: US Central Command/BBC

Para muitos analistas é o símbolo da queda do EI. Para outros, é o nascimento de uma nova fase. Uma espécie de Estado Islâmico 2.0, mais parecido com a atuação da Al-Qaeda – ataques isolados, em especial em países ocidentais, e não controle territorial. Reportagem publicada pela BBC mostra que o grupo dizia estar ativo em 18 países em

⁴⁶ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2016/04/1756932-estado-islamico-esta-em-crise-diz-afolha-comandante-presos-na-siria.shtml>. Acesso em: 18.ago.2017.

⁴⁷ Disponível em: <http://www.inherentresolve.mil/About-Us/>. Acesso em: 18.ago.2017.

agosto de 2016, incluindo redutos históricos de *mujahidins* como o Afeganistão e o Paquistão. Durante o ano passado e 2017 o EI reivindicou ataques em diversos países, como Alemanha, Bangladesh, Bélgica, Egito, Estados Unidos, França, Indonésia e Turquia⁴⁸. Esta queda pode resultar em um novo posicionamento estratégico, mas não no fim dessa corrente que formou o Estado Islâmico. Acredita-se que os extremistas, em vez de criar um califado, apostem em ataques aleatórios contra o Ocidente por meio dos chamados “lobos solitários”⁴⁹.

Falar do Estado Islâmico no capítulo inicial desta dissertação é falar da espinha dorsal desta pesquisa, já que o Estado Islâmico é a organização que dá vida à revista *Dabiq*, de onde serão tiradas as fotografias e imagens para o estudo iconológico que está no terceiro capítulo deste trabalho. E entendê-los é o passo número 1 para começar a compreender algumas mensagens que estarão imputadas em suas imagens. O próximo capítulo apresentará os principais conceitos ligados à fotografia. Ele é introduzido pelos conceitos de fotojornalismo que têm sua origem muito ligada a guerras e conflitos e culminam nos conceitos de Sociedade do Espetáculo – já que é imprescindível falar de imagem, fotografia e Estado Islâmico de forma contextualizada à sociedade em que estes produtos estão conversando.

A *Dabiq*, conforme já informado, não mais existe. Foi substituída pela *Rumiyah*⁵⁰, que não será foco deste estudo. Muitas analistas⁵¹⁵² creditam a troca de nome à queda, entre setembro e outubro de 2016, para as forças sírias, da cidade de Dabiq, que inspirou o EI ao batizá-la. Dabiq é uma pequena cidade a 47km de Aleppo em que, pela tradição islâmica, ocorrerá uma batalha entre cristãos e muçulmanos que terminará com a vitória destes, numa espécie de armagedom, e o começo do fim dos tempos. O primeiro número é datado de setembro de 2016. Na simbologia constante do EI trocar *Dabiq* por *Rumiyah* pode representar trocar a luta das fronteiras internas para o exterior. *Rumiyah* significa Roma.

⁴⁸ Disponível em: <http://www.bbc.com/news/world-middle-east-27838034>. Acesso em: 18.ago.2017.

⁴⁹ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/10/1927980-sem-territorio-e-dinheiro-estado-islamico-deve-priorizar-atentados.shtml>. Acesso em: 18.ago.2017.

⁵⁰ Disponível em: <https://clarionproject.org/factsheets-files/Rumiyah-ISIS-Magazine-1st-issue.pdf>. Acesso em: 18.ago.2017.

⁵¹ Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2016/12/12/after-the-islamic-state>. Acesso em:

⁵² .ago.2017.

2 FOTOGRAFIA, IMAGEM E SOCIEDADE CONTEMPORÂNEA

2.2.1 FOTOJORNALISMO

O Fotojornalismo e a guerra, certamente, são duas coisas que estão intimamente ligadas. A guerra é e sempre foi um assunto muito privilegiado pelo fotojornalismo. A guerra da Crimeia teria sido o primeiro passo rumo ao fotojornalismo, que avançou, no entanto, seis anos depois com a Guerra da Secessão (1861 –1865), nos Estados Unidos. Pelo menos 300 fotógrafos teriam participado da cobertura do conflito. E entende-se como fotojornalismo:

O fotojornalismo é, na realidade, uma actividade sem fron- 1 É difícil expressar o que é possuir “valor jornalístico”, até porque cada órgão de comunicação social é um caso, pois possui critérios específicos de valorização da informação. Em termos comuns, pode-se, contudo, considerar que tem “valor jornalístico” o que tem valor como notícia, ou seja, o que tem “valor-notícia” à luz dos critérios de avaliação empregues consciente ou não conscientemente pelos jornalistas. O termo pode abranger quer as fotografias de notícias, quer as fotografias dos grandes projectos documentais, passando pelas ilustrações fotográficas e pelos features (as fotografias intemporais de situações peculiares com que o fotógrafo depara), entre outras. De qualquer modo, como nos restantes tipos de jornalismo, a finalidade primeira do fotojornalismo, entendido de uma forma lata, é informar. (SOUSA, 2002, p.8)

A Guerra da Criméia (1853-1856) foi a primeira a contar com uma cobertura fotográfica, mas as câmeras levavam tempo para capturar, além do que, eram pesadas e difíceis de serem transportadas, por isso as fotos eram, majoritariamente, posadas. O britânico Roger Fenton (1819 – 1869) foi o primeiro fotógrafo, de que se tem conhecimento, a cobrir uma guerra, mas ele foi enviado pelo governo britânico e sua cobertura foi encomendada de forma a não mostrar o horror do conflito e exaltar o governo, mas ainda que Fenton quisesse o ter feito um outro tipo de cobertura, a limitação tecnológica o impediria.

Todavia, a rudimentaridade das tecnologias vai originar um caso paradigmático de desfavor do "proto-fotojornalismo". As fotografias da Guerra da Crimeia obtidas por Fenton, publicadas no *The Illustrated London News* e no *Il fotografo*, de Milão, em 1855, foram inseridas na imprensa sob a forma de gravuras, apesar dessas fotos constituírem o primeiro indício do privilégio que o fotojornalismo vai conceder à cobertura de conflitos bélicos. De qualquer modo, e de acordo com Marie-Loup Sougez, Roger Fenton foi o primeiro repórter fotográfico. Ainda assim, já era um passo fora dos retratos de família, com uma abordagem que flertava com o que seria chamado mais tarde de fotojornalismo. (SOUSA, 2000, p.49)



Figura 5– Guerra da Criméia. Foto: Roger Fenton.

Diferentemente da guerra da Crimeia, a da Secessão teria sido a primeira narrativa imagética por meio da fotografia mais próxima da realidade da guerra, segundo Sousa (2000), foi nesse momento que a guerra foi despida de sua “aura de epopeia”. A estética do horror é revelada sem qualquer censura. A fotografia mostra, pela primeira vez, a obscuridade da guerra. Não eram mais os soldados posados trazidos por Roger Fenton, era uma narrativa mais próxima da realidade da guerra que pode passar a seguinte mensagem: “É isso o que a guerra faz. E mais isso, também isso a guerra faz. A guerra dilacera, despedaça. A guerra esfrangalha, esviscera. A guerra calcina. A guerra esquarteja. A guerra devasta” (SONTAG, 2003, p. 13).

Foi a cobertura de guerra que abriu espaço, então, para a linguagem que se consolidou como fotojornalismo e, embora o fotojornalismo se mostrasse promissor do ponto de vista da complementação de uma informação, isto é, desta possibilidade de ser uma nova linguagem informativa, já que era defendida como registro visual da verdade, os editores de jornal resistiram por muito tempo antes de incorporá-las por conta de questões

estéticas e de seu conteúdo, conseqüentemente, o fotojornalismo tinha a pretensão de retratar um fato que não, necessariamente, traria o registro de algo belo. Os editores “desvalorizaram a seriedade da informação fotográfica e também consideravam que as fotografias não se enquadravam nas convenções e na cultura jornalística dominante” (HICKS, 1952 apud SOUSA, 2000, p.13). Foi somente em 1904 que surgiu o primeiro *tabloide* dedicado à fotografia, o *Daily Mirror*, um jornal diário britânico ativo até hoje e popularmente conhecido como *The Mirror*. Ele é que representa a transição do papel da fotografia não mais somente como ilustração, mas como informação complementar.

Foi, no entanto, nas revistas que o fotojornalismo encontrou o espaço para prosperar, especificamente, na Alemanha. Nascia ali o “fotojornalismo moderno”. Nesta época a Alemanha vivia, após a primeira-guerra, um momento de enaltecimento das artes, letras e ciências. Este contexto refletiu diretamente na imprensa e o país passou a contar com um grande número de revistas ilustradas que alcançavam uma audiência estimada em 20 milhões de leitores. A ideia de revista ilustrada brotada pelos alemães influenciou, posteriormente, o nascimento deste tipo de publicação pelo mundo inteiro como a revista francesa *Vu* (1928-1940), vista como uma adaptação francesa bem-sucedida do jornalismo fotográfico alemão, mais especificamente daquele praticado na *Berliner Illustrierte Zeitung* (ASSOULINE, 2012). Fez parte da *Vu* um dos fotógrafos mais prestigiados mundialmente até hoje – o húngaro Robert Capa (1913 – 1954), nome importante da cobertura fotográfica de conflitos. Capa, pseudônimo de Endre Ernő Friedman, era dono da emblemática frase: “Se uma foto não está suficientemente boa, é porque você não se aproximou o suficiente”.

O francês Henri Cartier - Bresson (1908-1934) outro grande nome do fotojornalismo também fez sua estreia na publicação francesa. Posteriormente a *Vu* nasceu a britânica *Picture Post* (1938-1957) e a norte-americana *Life* (1936 – 2000), que hoje existe apenas na versão eletrônica.

Estas revistas ajudaram a evidenciar a fotografia jornalística como uma narrativa imagética autêntica, independente do texto e em maior quantidade, não era mais trazida somente uma imagem isolada.

A forma como se articulava o texto e a imagem nas revistas ilustradas alemãs dos anos vinte permite que se fale com propriedade em fotojornalismo. Já não é apenas a imagem isolada que interessa, mas sim o texto e todo o ‘mosaico fotográfico’ com que se tenta contar a história. As fotos na imprensa, enquanto elementos de

mediatização visual, mudam: aparecem a fotografia cômica, os foto-ensaios e as fotorreportagens de várias fotos. (SOUSA, 2000, p. 17)

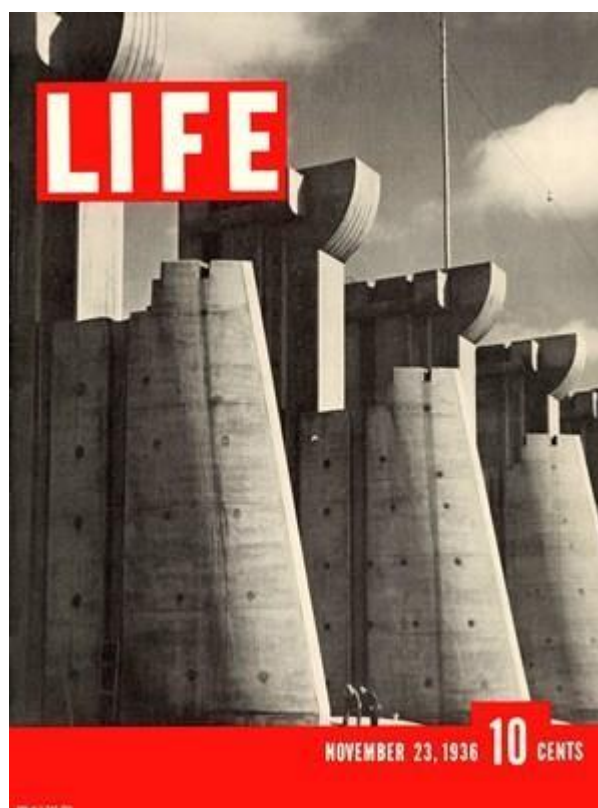


Figura 6 – Primeira edição da revista Life publicada no dia 23 de novembro de 1936.

A revista *Life* nasce no ambiente do *New Deal*, posteriormente à publicação francesa *Vu* – nesta época o nazismo tomava conta da Europa e muitos editores e fotojornalistas formados pela *Vu* acabaram indo para os Estados Unidos e colaborando para o surgimento da *Life*, que já em sua estreia se mostrou promissora. A revista *Life* “em seu primeiro número teve uma tiragem de 466 mil exemplares. Menos de um ano depois, já registrava 1 milhão de exemplares e, em 1972, chegava a mais de 8 milhões de cópias” (CIOCCARI, 2013, p.22).

Com as revistas, a fotografia, finalmente, ganhava o papel de protagonista na informação com a *Life* como defendeu Henry Luce, fundador da publicação americana:

[a *Life* surge] Para ver a vida; para ver o mundo; ser testemunha ocular dos grandes acontecimentos, observar os rostos dos pobres e os gestos dos orgulhosos; ver estranhas coisas-máquinas, exércitos, multidões, sombras na selva e na lua;

para ver! o trabalho do homem – as suas pinturas, torres (edifícios) e descobertas, para ver coisas a milhares de quilômetros, coisas escondidas através de muros no interior dos quartos, coisas de que é preciso aproximar-se; as mulheres que os homens amam e muitas crianças; para ver e ter prazer em ver; para ver e espantar-se; para ver e ser instruído. (SOUSA, 2000, p. 116)

Trata-se de um grande passo no papel da fotografia dentro da imprensa, uma vez que, uma fotografia carrega uma capacidade informativa tão grande quanto a do texto, por sua capacidade de representar um fato, mas se faz necessária uma distinção da representação fotográfica de um fato e da representação do real. Uma fotografia não significa necessariamente um documento do real.

2.2.2 FOTOGRAFIA-DOCUMENTO E FOTOGRAFIA-EXPRESSÃO

O fotojornalismo tem uma obrigação, informar. No entanto, informar não significa atestar veracidade – isto vale para o texto, seja ele escrito ou falado, e para a imagem, só que no caso da imagem fotográfica, ela ganhou o peso de dar ao jornalismo o que a escrita e a fala não conseguiriam — a prova do real. E é desta ideia que parte a afirmação do francês Roland

Barthes (1915 – 1980), no livro “A Câmara Clara” (1980), de que se algo está em uma foto, aquilo aconteceu e é uma prova incontestável da verdade.

O “isto foi”. Para o autor, “a essência da fotografia consiste em ratificar aquilo que ela representa” (BARTHES, 2012, p. 79). Ou seja, é como se a fotografia fosse uma cópia autêntica do real, sem qualquer interferência seja do profissional ou do que está sendo retratado. E esta ideia defendida por Barthes é muito perigosa quando se fala em fotografia de imprensa ou fotografia jornalística, já que desde que começou a ser incorporada pelos veículos de comunicação, a fotografia foi encarada como prova de que algo aconteceu como mostra o francês André Rouillé, no livro “A fotografia – Entre documento e Arte Contemporânea” (2009).

Durante muito tempo, a ética da reportagem inspirou-se nos valores da cultura visual nascente. Após a cultura oral (o verdadeiro se narra), após a cultura escritural (o verdadeiro se lê), a cultura visual acreditou que o verdadeiro se via, que o visível podia ser garantia do verdadeiro. O nascimento da reportagem após a Grande Guerra, como observamos, coincide precisamente com o momento em que a informação passa do texto para fotografia, ou melhor, do texto sozinho para um misto de texto e de imagem, dominado pela fotografia. (ROUILLÉ, 2009, p.131)

E essa fotografia, testemunha inquestionável do real, sem qualquer filtro, que reafirma a ideia de Barthes do “isto foi” é reconhecida por Rouillé como fotografia – documento que ele define como:

[...] a fotografia–documento refere-se inteiramente a alguma coisa palpável, material, preexistente, a uma realidade desconhecida, em que se fixa com a finalidade de registrar as pistas e reproduzir fielmente a aparência. Essa metafísica da representação, que se baseia tanto nas capacidades analógicas do sistema ótico quanto na lógica de impressão do dispositivo químico, leva a uma ética da exatidão e a uma estética da transparência. (ROUILLÉ, 2009, p. 62)

No entanto, ao se reconhecer que toda imagem é uma ficção, entenda que neste caso, não significa que ela seja falsa ou inventada, mas algo que já foi recortado de sua realidade pura e, além disso, já houve, naturalmente, outros elementos imputados a ela o que a deixam ainda mais distante como uma possibilidade de prova do real – a teoria de Barthes fica insustentável.

A imagem – mesmo a que é realizada como testemunho jornalístico – é inevitavelmente fruto de um processo de criação. As imagens são concebidas e materializadas conforme as intenções de seus autores, segundo um filtro cultural e uma determinada visão de mundo. Tal se percebe claramente ao longo da história da fotografia e da própria história da imprensa. O documento fotográfico, fragmentário por natureza, é o resultado final de elaboradas construções técnicas, estéticas e culturais desenvolvidas ao longo da produção da representação; daí se presta a olhares e usos ideológicos determinados. (KOSSOY, 2014, p.106)

E, um destes elementos imputados na fotografia – e talvez um dos mais presentes na fotografia jornalística – é a ideologia, seja ela de quem a produziu ou de quem a veiculou e toda ideologia, além de descaracterizar a veracidade, ainda representa um grande risco para a mensagem informativa como alerta o autor francês François Soulages no livro “A Estética da Fotografia – Perda e Permanência” (2010) ao dizer que “as fotos de tais reportagens não só praticamente inventam um mundo de sonhos, mas participam da produção de uma ideologia massificante e alienante que, como toda ideologia, se pretende portadora da verdade (SOULAGES, 2010, p.36). Para Kossoy (2016), os avanços tecnológicos potencializaram as possibilidades de se espalhar ideologia por meio das fotos já que estes avanços permitiram uma produção massiva de imagens e sua divulgação em meios de comunicação. No entanto, estas fotografias não seriam questionadas, pois elas contariam com o fato de estarem sendo

veiculadas por meio de um produto informativo – de onde se espera uma fabricação da verdade.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para veiculação das ideias e da consequente formação e manipulação da opinião pública [...]. E tal manipulação tem sido possível justamente em função da mencionada credibilidade que as imagens têm junto à massa, para quem seus conteúdos são aceitos e assimilados como expressão da verdade. (KOSSOY, 2016, p.22)

Uma maneira encontrada por Soulages para repensar o “isto foi” de Barthes é o “isto foi encenado”. A proposta é para que haja uma separação da fotografia – documento como prova do real e que se trabalhe com a ideia de que toda fotografia é vulnerável e pode ser alterada, carregando opinião, ideologia e não portando nenhuma garantia de que o fotografado seja ele um ser humano, uma paisagem ou qualquer objeto não tenha sido encenado, premeditado ou alterado. A forma mais prudente de receber uma fotografia seria questioná-la, não necessariamente duvidar do que ela retrata, mas analisar que alguém a pensou e a fez com algum objetivo.

Na verdade, há sempre uma encenação do fotógrafo [...]. Talvez, seja – poder-se ia dizer numa perspectiva humanista – a especificidade da encenação que manifesta o estilo do autor. Diante da foto de um anônimo, nunca podemos saber se essa foto é realmente de um anônimo espionado ou a de uma pessoa prevenida (que, portanto, representa): o ‘isto existiu’ é impossível de dizer porque o “isto foi encenado” foi pronunciado uma vez [...] Todo fotógrafo é, por tanto, quer queira, quer não, um encenador, o Deus de um instante; Toda fotografia é teatralizante. (SOULAGES, 2010, p.76)

Para Soulages (2010, p.22-24), nenhuma modalidade fotográfica carrega a função de documento enquanto portador da verdade, nem a fotografia de reportagem, que já carrega uma opinião e uma condição ideológica embutida, nem a fotografia doméstica – em que o autor afirma ser “pura encenação” em que “fazemos o papel de pai ou de bom moço” e muito menos na fotografia publicitária – que se passa por real para vender uma ideia que não é real, mas o fato é que a fotografia por mostrar, que “está ali e uma imagem congelada”, é recebida como “isto foi” e muito pela necessidade do espectador acreditar de em uma prova:

A doutrina do ‘isto existiu’ de Barthes parece mitológica. Talvez fosse necessário substituí-la por um ‘isto foi encenado’ que nos permitisse esclarecer melhor a natureza da fotografia. Diante de uma foto, só podemos dizer: isto foi encenado”, afirmando dessa maneira, que a cena foi encenada e representada diante da máquina do fotógrafo; que não é o reflexo nem a prova do real; o isto se deixou enganar: nós fomos enganados. Ao termos uma necessidade tão grande de

acreditar, caímos na ilusão: a ilusão de que havia uma prova graças à fotografia. (SOULAGES, 2010, p.26)

O “isto foi encenado” proposto por Soulages (2010) não tem como objetivo desmoralizar e diminuir a importância da fotografia seja ela para qualquer finalidade, mas reconhecer que ela é passível de edição e manipulação e, por isso, talvez seja coerente admitir que a fotografia como documento seja um conceito falido, o registro está documentado, é verdade, mas como qualquer documento, não é necessariamente verdadeiro. Reconhecer e entender isso abre a porta para discutir a fotografia em outro patamar, a fotografia como expressão, definida por Rouillé como “A uma fotografia-documento que compreende uma expressão, isto é, que engloba um acontecimento, nós chamaremos de “fotografia–expressão”.

A fotografia–expressão “exprime o acontecimento, mas não o representa” (2009, p.136). Em outras palavras, a fotografia não é somente uma representação como defendia Barthes (2012), ela é uma linguagem que carrega sim um caráter documental, mas que como qualquer linguagem, mesmo sem ser adulterada, pode ter outras interpretações que não necessariamente vão se ater exclusivamente ao que está sendo representado, justamente pelo fato da imagem ter esse caráter polissêmico. Nas palavras de Kossoy (2016, p.32) “a imagem fotográfica é antes de tudo uma representação a partir do real segundo o olhar e a ideologia do seu autor”. Ainda, segundo o autor, (KOSSOY, 2016, p. 33-34) “a imagem fotográfica fornece provas, indícios, funciona sempre como documento iconográfico acerca de uma dada realidade. Trata-se de um testemunho que contém evidências sobre algo”.

2.3 FOTO-CHOQUE: POR QUE EXPOR A DOR DO OUTRO?

A violência está presente de forma contundente na mídia, o jargão jornalístico “se sangrar vira manchete”, traduzido da frase “*if it bleeds, it leads*” mostra que a relação dos meios de comunicação é estrita com este tipo de conteúdo. A prática de optar pelo relato do extraordinário e da aberração — elementos presentes em histórias de violência, compõe a estrutura, segundo Barthes (1971), do *fait-diver*, um recurso que ainda segundo o autor, se aproxima da narrativa das novelas, ou seja, o relato noticioso se aproxima do relato ficcional não somente pela sua estrutura narrativa, mas também pelo assunto que está sendo tratado.

Isto tudo porque este tipo de conteúdo tem a capacidade de desencadear uma sensação e esta sensação, por sua vez, é capaz de prender um ouvinte, um telespectador, ou um espectador. Originalmente, a “sensação significou nada mais do que percepção. Nos dias atuais, entendese principalmente como sensação aquilo que, magneticamente, atrai a percepção: o espetacular, o chamativo” (TURCKE, p.9, 2010).

E, é exatamente neste modelo de negócio para o qual muitos meios de comunicação miram – a audiência. Mas se por um lado, essa discussão sobre o conteúdo violento na mídia existe, em parte, por girar em torno do lucro, por outro, a discussão também se faz necessária pelos seus reflexos em quem a recebe.

No caso das imagens e das fotografias que explicitam a violência, também existe uma discussão — por que mostrar ou não mostrar a imagem “que sangra”. O tema que inaugurou a foto-choque é a guerra. As fotografias de conflito, por um lado, podiam carregar a função de mostrar o estrago da guerra e desta forma, como acreditava a escritora Virginia Woolf

(1882 – 1441), citada no livro “Diante da Dor dos Outros” (2003), de Susan Sontag, “que o impacto de imagens como aquelas deveria necessariamente unir pessoas de boa vontade” (SONTAG, 2003, p.10). Ao passar o seguinte recado: “Olhem, dizem as fotos, é assim. É isto o que a guerra faz. E mais isso. Também isso a guerra faz. A guerra esfrangalha, eviscera. A guerra calcina. A guerra esquarteja. A guerra devasta” (SONTAG, 2003, p 13). Para Woolf (apud SONTAG), não sofrer com essas imagens era a reação de um monstro real. Mas será que essas imagens, como acreditou Woolf, são capazes de unir pessoas contra as atrocidades da guerra ou contra qualquer fenômeno violento? Para Barthes a resposta é não. Para o autor, a fotografia que carrega um conteúdo violento tira qualquer chance de reflexão, pois:

Perante elas (as fotos-choque) ficamos despossuídos da nossa capacidade de julgamento: alguém tremeu por nós, refletiu por nós, julgou por nós; o fotógrafo não nos deixou nada – a não ser um simples direito de uma aprovação intelectual: só estamos ligados a essas imagens por um interesse técnico. (BARTHES, 2003, p.7)

Fora o esvaziamento da reflexão em cima deste tipo de imagem, outra dúvida, não menos importante, que pondera a discussão sobre a divulgação dessas imagens, ainda que a

intenção seja despertar o espectador para lutar contra atrocidades do mundo, seriam as reações que poderiam causar. Será que uma imagem violenta não pode causar uma resposta de violência também? Sontag responde a esse questionamento:

De fato, há muitos usos para as inúmeras oportunidades oferecidas pela vida moderna de ver – à distância por meio da fotografia – a dor de outras pessoas. Fotos de uma atrocidade pode suscitar reações opostas. Um apelo em favor da paz. Um clamor de vingança. Ou apenas a atordoada consciência, continuamente reabastecida por informações fotográficas, de que coisas terríveis acontecem. (SONTAG, 2003, p. 16)

Outra questão que rodeia a imagem-choque é quem a está recebendo, (WOOLF apud SONTAG, 2003) acha que é uma maneira de aproximar as pessoas socialmente privilegiadas de uma realidade que, talvez, elas preferissem ignorar – e independentemente de reflexões e reações que possam causar – essas fotografias pelo menos cumpririam o papel de mostrar que algo muito errado está acontecendo no mundo, como concordou Susie Linfield, em *“The Cruel Radiance – Photography and Political Violence”* (2010) ao dizer que:

Hoje é, simplesmente, impossível dizer, 'eu não sabia': fotografias nos tiraram o alibi da ignorância. Nós conhecemos o sofrimento de várias partes do mundo, de modo que nossos antepassados nunca conseguiram, e as imagens que vemos - em alguns lugares, sob algumas condições - demandam não só nosso interesse, mas uma resposta. (LINFELD, 2010, p. 46, tradução nossa)⁵³

Por outro lado, esta mesma fotografia pode ser usada como um documento para celebrar uma vitória – e não para denunciar os horrores deste tipo de conflito como resgata Sontag (2003) sobre uma situação com a Guerra dos Bôeres (1899 – 1902):

Afinal, exibir os mortos é o que fazem os inimigos. Na Guerra dos Bôeres (1899 – 1902), após sua vitória em Spion Kop, em janeiro de 1900, os Bôeres julgaram que seria edificante para suas próprias tropas pôr em circulação uma foto horripilante de soldados britânicos mortos. Tirada por um fotógrafo bôer desconhecido dez dias após a derrota britânica, que custou a vida de 1300 soldados, a foto oferece uma visão indiscreta de uma longa e rasa trincheira atulhada por cadáveres insepultos.

⁵³ Today it is, quite simply, impossible to say, 'I didn't know': photographs have robbed us of the alibi of ignorance. We know of suffering in far-flung parts of the world in ways that our forebears never could, and the images we see — in some places, under some conditions — demand not just our interest but our response.

O que há de especialmente agressivo na foto é a ausência de paisagem. A mixórdia de cadáveres que estende ao longo da trincheira preenche todo o espaço da foto. (SONTAG, 2003, p. 56)

Linfield (2010) não enxerga com nenhum otimismo a divulgação dessas fotografias. Embora a autora reconheça que se trata de um recurso que possibilite o mundo de conhecer a crueldade humana e a “dor do outro”, ela não acredita em nenhuma transformação positiva provocada por estas imagens: "Não que a fotografia detenha as atrocidades, muito menos as previna: nossa inocência nessa área acabou faz tempo. A crença no poder da salvação da exposição pela exposição não pode mais ser sustentada" (LINFIELD, 2010, p. 47, tradução nossa).⁵⁴.

Mesmo com todas prerrogativas, algumas que a própria Susan Sontag reconhece, a autora se mostra irredutível com a questão da divulgação das fotos-choque, para ela:

Mostrar um inferno não significa, está claro, dizer-nos algo sobre como retirar as pessoas do inferno, como amainar as chamas do inferno. Contudo, parece constituir um bem em si mesmo reconhecer, ampliar a consciência de quanto sofrimento causado pela crueldade humana existe no mundo que partilhamos com os outros. (SONTAG, 2008, p. 95)

Linfield (2010), apesar de ser mais crítica ao uso dessas fotografias e discordar do tipo de exposição que Sontag (2003) defende, pois entende que algumas imagens devam ser mostradas, mas defende que esta exposição seja prudente – uma imagem pode sim ser mostrada para denunciar uma situação de violência ou de vulnerabilidade – isso não significa que ela conseguirá – mas a imagem que traz apenas “o terror pelo terror” certamente não.

Do ponto de vista da psicologia social – ciência que estuda o comportamento – as questões que envolvem a divulgação de cenas violentas não são bem vistas. Não é uma regra que a divulgação destas imagens desencadeará uma conduta violenta em quem a está recebendo, mas um experimento relatado no livro “Psicologia Cultural da Mídia” (2008), do psicólogo italiano Giuseppe Mininni, mostra que o efeito da exposição de um conteúdo violento gera respostas também violentas na maior parte dos envolvidos no teste:

⁵⁴ Not the photographs stops atrocities, much less prevent them: our innocence on that front ended long ago. The belief in the saving power of exposure can no longer be sustained.

Em um famoso experimento realizado pela equipe de Albert Bandura (1963), crianças assistem a cenas de violência realizadas ao vivo ou representadas em um programa de TV. Logo após lhes é permitido entrar na sala de brinquedos, dentro da qual um determinado número de crianças manifesta condutas agressivas para com uma boneca inflável. O objetivo de Bandura é mostrar que as pessoas aprendem não apenas por experiências diretas, mas também por meio da observação de modelos. Para aprender os modos de expressar agressividade, não é necessário que tenhamos sofrido na pele, mas é suficiente tê-la visto sendo exercida por outros em outros. (MININNI, 2008, p. 87-88)

Outro ponto que envolve o comportamento diante da recepção de um conteúdo violento é a transferência de excitação que este tipo de conteúdo causa.

[...]assistir a cenas violentas implica um estado de excitação fisiológica (arousal) que pode transbordar para outras situações da vida real. Se, depois de ter assimilado conteúdos midiáticos violentos, as pessoas se deparam com situações que provocam emoções (conflitos de decisão entre marido e mulher, briga entre irmãos etc), tendem a transferir para o novo contexto de interação o estado de excitação anterior, talvez nelas desencadeado sem que percebessem, razão pela qual reagem de maneira mais agressiva do que normalmente fariam. (MININNI, 2008, p. 88)

Em suma, o conteúdo violento, independentemente, por qual linguagem midiática seja exposto, causa uma sensação e pode atrair o espectador na maioria das vezes, mas está longe de causar uma reflexão que faça um convite para combater as atrocidades e a crueldade do mundo. A divulgação de cenas violentas parece pegar dois caminhos e nenhum deles é positivo — um seria o esvaziamento desta reflexão e desta mobilização, outro, uma resposta também violenta dentro de um ciclo vicioso.

Esta primeira parte do segundo capítulo visou explicar os principais fundamentos da fotografia e, principalmente, do fotojornalismo. Não pelo ponto de vista técnico, mas do pensar a fotografia para que se faça uma leitura dela de forma menos conclusiva e mais questionadora. A próxima etapa deste capítulo falará sobre iconoclastia e idolatria, já que a imagem é uma forma de idolatria que nasceu com os símbolos religiosos e a iconoclastia, uma das características do islamismo, justamente, questiona e condena este poder da imagem.

2.4 ICONOCLASTIA X IDOLATRIA

Iconoclastia, no dicionário, designa “pessoa que destrói imagens religiosas, símbolos ou movimentos”. Faz-se aqui necessário abordar a iconoclastia já que a todo momento se falando de imagem e fotografia, suas funções e o seu uso pelo Estado Islâmico na revista *Dabiq* que, como já mencionado, é uma organização iconoclasta. De origem grega, a palavra iconoclasta surge da junção dos termos *eikon* (imagem) e *klastein* (quebrar).

Uma das características das imagens é que elas foram e ainda são uma forma de idolatria, desejo e fetichismo. Esta característica sedutora historicamente sempre foi usada de forma a influenciar e converter a população a uma determinada religião. Não é à toa que tanto judeus quanto cristãos decidiram que o prioritário amar a Deus sobre todas as coisas era seguido de não venerar imagens ou adorar ídolos. A própria Bíblia tem uma passagem em que mostra uma preocupação com uso das imagens: “não farás para ti imagem esculpida de nada que se assemelhe ao que existe lá em cima, nos céus, ou embaixo na terra, ou nas águas que estão debaixo da terra” (BÍBLIA, Exodus, 20 apud FALCÃO, p.5).

Para os cristãos, o movimento iconoclasta era uma maneira de se diferenciarem dos pagãos, que adoravam imagens de diversos deuses. Mas mesmo os primeiros cristãos representavam sua fé por meio do desenho de um peixe. A proibição ao uso de imagens, portanto, sempre foi entendida com certa elasticidade.

Exceto por um período tardio, percebemos que o mandamento nunca foi entendido como uma proibição absoluta e universal de qualquer tipo de imagem. Em todo o Antigo Testamento há exemplos de representações de seres vivos, de modo algum adorados, mas usados legalmente, até mesmo ordenados pela lei como ornamentos do tabernáculo e do templo”.⁵⁵ (EXÓDUS, 20: 3-5, Tradução nossa)

O que nunca impediu que a iconoclastia (ou sua negação) fosse motivo de discórdia. No século VIII, oficialmente, o ano de sua adoção pelo cristianismo, no Concílio de Hieria, ela já provocou ruptura entre a Igreja do Ocidente, atualmente, Católica, e a Igreja do Oriente, Ortodoxa, tema que só foi apaziguado pelo Segundo Concílio de Niceia, 33 anos depois.

⁵⁵ Except for one late period, we notice that the commandment was never understood as an absolute and universal prohibition of any kind of image. Throughout the Old Testament there are instances of representations of

No caso do Estado Islâmico, eles não são contra somente a existência de imagens religiosas, mas também está presente a veneração de qualquer tipo de imagem, pois para eles estas imagens remetem ao comportamento ocidentalizado.



Figura 7 – Trecho do documentário *The Islamic State* da Vice News

Em um trecho do documentário *The Islamic State* (2014) produzido pela *Vice News*, um patrulheiro do Estado Islâmico anda de carro pelas ruas de Raqqa enquanto conta ao repórter do canal que o dever dele é assegurar que os territórios sob poder do grupo estejam funcionando dentro das leis *Sharia*, isso inclui o comportamento das pessoas como orações, aparência em público, jejum e até crimes graves. Em um certo momento, eles passam por um comércio na rua, o patrulheiro chama o responsável e pede para que ele tire certa imagem dali, nas palavras dele:

Minha tarefa é criar um califado. Para fazer isso, requer um profeta. Precisamos aprender uns com os outros o que funciona e o que não funciona. Só um momento

living things, not in any way worshipped, but used lawfully, even ordered by the law as ornaments of the tabernacle and temple. <<http://www.newadvent.org/cathen/07664a.htm>>

por favor. Com licença, que a paz esteja com você irmão, como você está? Não use estas imagens, queremos esta rua como uma muçulmana. Somos muçulmanos. Nós não queremos os infiéis. Opomo-nos aos infiéis. Se você colocar essa imagem, significa amar os incrédulos. Acredite em mim, você tem de tirar essa imagem, é a vontade de Deus. (*THE ISLAMIC STATE*. Direção: Medyan Daireh. 42 min)

Como o mundo ocidental recebe e consome as imagens e como o mundo oriental, principalmente, a população de orientação Islã, muda completamente, pois está muito

enraizado na religião. O mundo ocidental tem uma relação de adoração com a imagem e isso se deve, em partes, ao fato de o cristianismo ser a religião dominante dele. E o cristianismo, desde o seu primórdio, expressa sua fé e devoção por meio de imagens e símbolos. Enquanto no Oriente, onde se encontra a maior parte da população muçulmana, a relação com a imagem é questionada quanto à sua relação com a fé e devoção. Trata-se de uma divergência histórica no comportamento diante da imagem para estes dois mundos como reforça Flavio di Caroli, no livro “*Contro La Bellezza – La Sfida Per Salvare I Tesori Dell’arte Dalla Furia Dell’Isis*” (2016), de Viviano Domenici:

No ocidente, a imagem será sempre de espécie narrativa, desde Giotto ao Masaccio, ao Barroco. No oriente, os assim ditos ícones (guiados por severíssimas leis iconográficas quase imutadas com o tempo) será revelativa, no sentido que por trás da imagem, digamos de São Paulo, se pensará que temos que ver o verdadeiro São Paulo que senta no paraíso. (2016, p.12, tradução nossa)⁵⁶

Em junho de 2014, quando estabeleceu o chamado califado, a organização destruiu os santuários xiitas de *Imam Yahya Ibn al-Qassem, Aoun al-Din e Nabi Danial*, em *Mossul*. Um mês depois destruiu a mesquita do Profeta Jonas — construída no século VIII juntamente ao seu túmulo — e as mesquitas do Profeta Seth e do Profeta Jirjis também, em *Mossul*. Estimase que, apenas em *Mossul*, tenham sido destruídos pelo menos 30 santuários. Já em agosto de 2014, foi a vez da Grande Mesquita de *Umayyad*, do século XIII, em *Aleppo*, e entre agosto e setembro, o mosteiro de S. Elias em *Mossul*.

No final de outubro a Igreja Verde, símbolo de Tikrit, proveniente do século VII também não foi poupada. No mês de dezembro foi a vez do Museu de *Mossul*, onde também foram destruídas a igreja de Virgem Maria e a Biblioteca da Universidade de *Mossul*. Estas foram as destruições no ano de 2014, período em que o Estado Islâmico se estabeleceu em regiões da Síria e do Iraque. O ano de 2015 foi aberto com a destruição da cidade milenar de Nimrud e terminou com a destruição da Biblioteca Pública de *Mossul*, com cerca de 8 mil livros queimados — as destruições não pararam até o momento, embora o Estado Islâmico tenha perdido muitos territórios. O que chama a atenção é que o Estado Islâmico destruiu memórias, e estas, por sua vez, estão totalmente relacionada às imagens.

⁵⁶ A occidente, l'immagine sarà sempre di specie narrativa, da Giotto a Masaccio, al Barroco. A oriente, le cosiddette icone (guidate da severissime leggi iconografiche quasi immutate nel tempo) saranno rivelative, nel senso che dietro all'immagine, poniamo di San Paolo, si penserà che si debba vedere il San Paolo vero che siede in paradiso.

A ideia de monumento como receptáculo identitário intrinca na noção de memória, quer individual como coletiva. A memória, considerada como o conjunto de representações coletivas do passado que moldam o presente, organiza as identidades sociais, sob uma continuidade histórica dotada de um sentido, que se mantém e manifesta, entre outros meios, através de ritos, cerimônias e políticas. (TRAVERSO, 2012, apud CARDOSO, 2015, p.10)

O passado deixou de ser desconhecido e se tornou acessível e melhor compreendido pela população por meio de museus e memoriais urbanos — e o primeiro passo para dizimar um povo é apagar sua memória e sua cultura é justamente a destruição desses elementos. Nos lembra Andrey Tarkovski (1932 – 1986) em “Esculpir o Tempo” (1998, p.65), que a falta de memória pode “tornar o homem prisioneiro de uma existência ilusória; ao ficar à margem do tempo, ele é incapaz de compreender os elos que o ligam ao mundo exterior – em outras palavras, vê-se condenado à loucura”. Tarkovski se refere à memória individual, mas estes efeitos podem ser aplicados a todo um povo que teve a memória de sua nação destruída.

2.5 TERRORISMO ESPETACULARIZADO

Falar sobre espetáculo é falar, neste caso, sobre o público-alvo dessas imagens e fotografias. O contexto social para onde essas imagens estão inseridas é uma outra etapa importante na análise de fotografias, já que este contexto está diretamente ligado à quem as recebe e como elas são interpretadas. Além disso, a questão do espetáculo traz conceitos fundamentais da sociedade que permite compreender um grupo como o Estado Islâmico, que se fortaleceu tanto atraindo estrangeiros de várias partes do mundo, pelo fato da comunicação institucional ser espetacularizada.

Não seria pretensioso dizer que o Estado Islâmico nasce e se fortalece na Sociedade do Espetáculo. A espetacularização, vai além de uma ideia conceitual, ela se materializa como um fenômeno comum das sociedades capitalistas e este fenômeno ganha forças, em boa parte, graças aos meios de midiáticos — publicitários, noticiosos ou do entretenimento. O poder da mídia é inquestionável na potencialização do fenômeno da espetacularização e na forma como guia as sociedades. “Sob todas as suas formas particulares, informação ou propaganda, publicidade ou consumo direto de divertimentos, o espetáculo constitui o

modelo presente da vida socialmente dominante” (DEBORD, 1991, p.11). O Estado Islâmico parece usar de maneira eficaz este poder da espetacularização midiática, embora se posicione contra qualquer culto à imagem por sua condição iconoclasta, o grupo investe em mídia, seja como emissor das mensagens para atrair simpatizantes ou para mostrar do que é capaz diante do combate ao inimigo.

Outra questão que envolve o espetáculo, é a alienação. O espectador absorve o espetáculo, seja por meio de uma publicidade ou qualquer outro canal, e passa àquele modelo meramente representativo, que não existe de forma real. É nesta reação que a revista *Dabiq* parece mirar ao representar o Estado Islâmico de forma sedutora e convidar, ou até mesmo despertar a necessidade de pessoas em fazer parte daquele universo.

É uma hipercultura midiática-mercantil, que se constrói não apenas com as indústrias do cinema, da música, ou da televisão, mas também como a publicidade, a moda, a arquitetura, o turismo. Uma cultura que tem como característica implantarse sob o signo hiperbólico da sedução, do espetáculo da diversão de massa. (LIPOVETSKY & SERROY, 2016, p.263)

Pode-se dizer que parte da cultura deste fenômeno pertence à tecnologia. Neste contexto, Debord (1997, p.13) nos lembra Marx ao afirmar “que toda a vida das sociedades nas quais reinam as modernas condições de produção se apresentam como uma imensa acumulação de espetáculos e que tudo que era vivenciado acaba se tornando uma mera representação”. E onde tem representação, tem imagem — neste contexto, a imagem da simulação. “Lá onde o mundo real se converte em simples imagens, as simples imagens tornam-se seres reais e motivações eficientes de um comportamento hipnótico” (DEBORD, 1991, p.15). Portanto, é o modo como o Estado Islâmico se posiciona midiaticamente promovendo todo este conteúdo para que ele chegue ao mundo inteiro.

Os autores Lipovetsky e Serroy (2016) chamaram de hiperespetacularização, em que o indivíduo passa a ser o centro do espetáculo. “Hoje os indivíduos se pensam em termos de imagens, e eles próprios se põe em cena nas redes sociais ou diante das câmeras” (LIPOVETSKY; SERROY, 2016, p.266).

Pode-se dizer que o Estado Islâmico se comporta como uma marca. E adota estratégias conhecidas no mundo do marketing e da comunicação como *branded content* ao adotar um logo e se apropriar do *storytelling* como uma forma de humanizar e legitimar seus objetivos enquanto grupo e infiltrar suas ideias visando atrair simpatizantes. A jornalista canadense

Naomi Klein, nos traz o exemplo de branded praticado pela *Nike*, que não é diferente de como o grupo opera.

Para essas empresas, o *branding* não era apenas uma questão de agregar valor ao produto. Tratava-se de cobiçosamente infiltrar ideias e iconografia culturais que suas marcas podiam refletir ao projetar essas ideias e imagens na cultura como ‘extensões’ de suas marcas. A cultura em outras palavras, agregaria valor as suas marcas (KLEIN, 2002, p.53).

**KHILAFAH
DECLARED**

On the first of Ramadan 1435H, the revival of the Khilafah was announced by the spokesman for the Islamic State, Shaykh Abu Muhammad al-'Adnani ash-Shami (hafidhahullah).

The good news was followed by the first official speech of Amirul-Mu'minin Abu Bakr al-Husayni al-Qurashi al-Baghdadi (nasarahullah).

The announcements filled the streets of the Islamic State with faithful joy.

May Allah continue to fill the hearts of the Muslim Ummah with news of victory, thereby guiding them towards obedience of His Messenger Muhammad (sallallahu 'alayhi wa sallam) – the path to Jannah.

Below are some of the most important excerpts from the two speeches.

GLAD TIDINGS FOR THE MUSLIM UMMAH

Amirul-Mu'minin said: "O Muslims everywhere, glad tidings to you and expect good. Raise your head high, for today – by Allah's grace – you have a state and Khilafah, which will return your dignity, might, rights, and leadership.

It is a state where the Arab and non-Arab, the white man and black man, the easterner and westerner are all brothers.

It is a Khilafah that gathered the Caucasian, Indian, Chinese, Shami, Iraqi, Yemeni, Egyptian, Maghribi (North African), American, French, German, and Australian. Allah brought their hearts together, and thus, they became brothers

by His grace, loving each other for the sake of Allah, standing in a single trench, defending and guarding each other, and sacrificing themselves for one another.

Their blood mixed and became one, under a single flag and goal, in one pavilion, enjoying this blessing, the blessing of faithful brotherhood.

If kings were to taste this blessing, they would abandon their kingdoms and fight over this grace. So all praise and thanks are due to Allah."

6

7

Figura 8 – Matéria sobre a declaração do Estado Islâmico na edição 1 da revista *Dabiq*

Se tem uma característica da qual a publicidade se apropria dentro da lógica do espetáculo, que por sua vez é a lógica do capitalismo, é a do “discurso materno”, ou seja, de que um produto foi feito exclusivamente para você e para suprir todas as necessidades, ali, tudo foi pensado para você. Não é diferente do que o Estado Islâmico fez em um pronunciamento durante a proclamação na parte amarela da página 7, na primeira edição da *Dabiq* (figura 8). No pronunciamento Amirul-Mu'minin, um porta-voz do grupo, há o convite para americanos, brasileiros, alemães, franceses, indianos e chineses para fazerem parte de seu “califado” e que “ali estarão protegidos por Deus e protegendo uns aos outros como uma coisa só”.

3 POR TRÁS DESTA FOTO: UMA INTERPRETAÇÃO ICONOLÓGICA

A guerra do Vietnã (1959-1975) foi um conflito emblemático na história mundial do século XX que terminou com um ônus de, pelo menos, 4 milhões de vietnamitas e outros 2 milhões de cambojanos e laocianos mortos, fora os 58 mil soldados norte-americanos que também engrossam essa estatística⁵⁷. Sua cobertura, abundante, em termo de imagens, seja elas por meio da cobertura televisiva ou das fotografias publicadas em revistas e jornais fez com que o mundo tomasse conhecimento da gravidade do conflito e segundo Sousa (2008), “foi também a última grande ocasião em que os fotojornalistas brilharam ao ponto de as suas imagens serem mais recordadas do que as televisivas”. Hoje, 59 anos depois, mesmo quem não viveu à época do conflito pode ter certa familiaridade com determinadas fotografia justamente pela capacidade da fotografia representar e imortalizar um fato, ou pelo menos, pode ter acesso ao documento fotográfico.

A câmara fotográfica e o relógio são instrumentos íntimos, autorreferentes. A câmara fotográfica incorpora o tempo do relógio para seu funcionamento e se insere através de suas imagens, no tempo enquanto contingência. Com a fotografia, descobriu-se que, embora ausente, o objeto poderia ser (re)apresentado, eternamente. É este o tempo, que perpetua a memória na longa duração. Com os ponteiros petrificados, temos a memória sempre disponível; uma possibilidade consistente de recuperarmos o fato. (KOSSOY, 20014, p.146)

O caso da Guerra do Vietnã serve só para ilustrar a importância do documento fotográfico para conhecimento de um episódio histórico de grande importância - e isso vai além de sua representação já, que, descontextualizada do fato que representa, a fotografia pode não significar nada para quem a está recebendo e isso reforça a importância da interpretação iconológica de uma imagem. “As imagens revelam seu significado quando ultrapassamos sua barreira iconográfica; quando recuperamos as histórias que, em sua forma fragmentária, trazem implícitas. Através da fotografia aprendemos, recordamos e sempre criamos novas realidades” (KOSSOY, 20014, p. 147). E não é somente para imagens e fotografias que representam algum acontecimento do passado que a interpretação

⁵⁷ Disponível em: <http://www.fca.pucminas.br/omundo/o-papel-da-cobertura-jornalistica-na-guerra-do-vietna/>. Acesso em: 9.nov.2017

iconológica se aplica, mas para qualquer fotografia, até mesmo para que se evite conclusões precipitadas e equívocos na interpretação da imagem recebida.

O fato é, que, toda fotografia vai carregar em si a representação de um fato, mas vai carregar acima dele uma história e dentro dessa história estará imputado um contexto, um objetivo, seja de quem a registrou ou de quem a veiculou e, futuramente, essa imagem será um vestígio, um documento, não enquanto representação fiel de um fato como debatido aqui no capítulo 2, mas um documento (KOSSOY, 2014) com indícios, faces externas, histórias que não se mostram e que se pretende desvendar.

O veículo em que a fotografia está publicada é uma questão decisiva para interpretação iconológica já que é o que faz, geralmente, com que uma imagem e fotografia se torne pública, do ponto de vista de que, quem consumir aquela revista ou jornal, vai ter contato com a tal imagem ou fotografia e, além disso, o veículo em questão tem objetivos e valores, mesmo que não seja de forma declarada, que influenciam diretamente na mensagem fotográfica e textual. Por isso, ao apresentar a revista *Dabiq*, neste capítulo, e entender como nasce, para que nasce e toda sua estrutura editorial é mais uma etapa necessária para tentar desvendar parte do que está por trás de suas imagens e fotografias, bem como entender a organização do Estado Islâmico (por ser quem está por trás da revista) e olhar para certos conceitos da fotografia e da sociedade em que vivemos nos outros dois capítulos também foi imprescindível para o processo de interpretação iconológico usado como metodologia desta dissertação.

3.1 REVISTA *DABIQ*

A *Dabiq* é uma publicação eletrônica — cuja principal referência é a revista *Inspire*, da *Al-Qaeda* — com periodicidade irregular, mas pretensamente mensal, que circulou entre julho de 2014 e julho de 2016, somando 15 edições. Do ponto de vista de seu formato, a *Dabiq* é uma revista que, por meio de ferramentas jornalísticas (entrevistas, reportagens, perfis e fotografias), retratam o grupo de dentro para fora, embora seu objetivo seja propagandístico, e isso inclui parte de seu fascínio, porque essencialmente a cobertura que a mídia ocidental faz do Estado Islâmico é com o olhar oposto, externo a organização. O primeiro, e, ainda hoje, entre os poucos materiais produzidos e acessíveis feitos dentro do

Estado Islâmico por um veículo do Ocidente, é o documentário⁵⁸ do Medyan Dairieh, jornalista nascido na Inglaterra, do *Vice News*, canal sediado em Nova Iorque que produz, desde 2013, reportagens e documentários e os divulga por meio de seu site e canal no *Youtube*.

Antes de descrever a *Dabiq*, é importante entender como funciona o IO (*Information Operations*) — expressão em inglês para o comando de Operações de Informação — do Estado Islâmico. Trata-se de um braço altamente estratégico para os objetivos da organização.

O ISIS centralizou sua produção mundial de mídia sob um comando único. Essa abordagem centralizada permitiu dirigir suas forças de mídia com a velocidade e a disciplina das forças militares. A profundidade da burocracia de mídia do ISIS deve ter exigido recursos e treinamento, bem como uma única cadeia de comando, responsável por seu comportamento ágil e adaptável. O aparelho de mídia se comportou sinergicamente com os órgãos religiosos e militares. (GAMBHIR, 2016, p.20; tradução nossa⁵⁹)

Assim, a *Dabiq* deve ser entendida, a priori, como ferramenta midiática dessa sinergia entre religião, militarismo e comunicação no Estado Islâmico.

Entre as cinco revistas conhecidas publicadas pelo Estado Islâmico, como mostra a (figura 8), é voltada para o público além das fronteiras dos territórios conquistados e ocupados — *Dabiq*, *Rumiyah*, *Icmok* (fonte, em russo), *Dar-al-Islam* (a terra do Islã) e *Konstantiniy* (Constantinopla) – a *Dabiq* foi a principal. E nem se pode dizer que houve seu fim, já que foi substituída pela *Rumiyah*. Ela foi editada a partir do centro de mídia *Al Hayat*, do Estado Islâmico, que tem abaixo de seu organograma a Unidade de Produção de Revistas, de acordo com artigo publicado pelo *Institute for the Study of War* (ISW), em dezembro de 2016 (ver Figura 8).

⁵⁸ Disponível em: <http://bit.ly/2wak8Y9>. Acesso em: 20.mar.2017.

⁵⁹ ISIS centralized its global media production under a single command. This centralized approach allowed ISIS to direct its media forces with the speed and discipline of military forces. The depth of ISIS's media bureaucracy must have required dedicated resources and training, as well as a single chain of command, responsible for its agile and adaptive behavior. ISIS's media apparatus behaved synergistically with ISIS's religious and military organs. Fonte: <<http://bit.ly/2kDEL6a>>. Acesso em: 30.jul.2017.

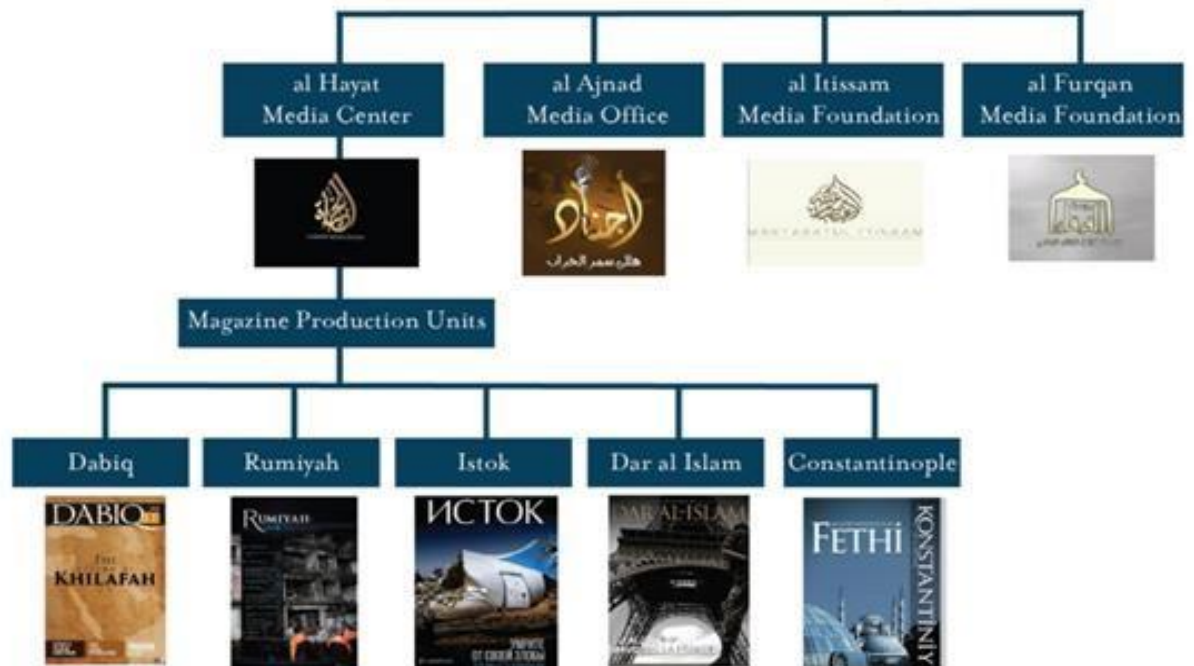


Figura 9 – Organograma de informação e mídia do Estado Islâmico. Fonte: ISW.

Apesar da revista *Dabiq* ter surgido a partir da experiência da *Inspire*, há, no entanto, uma diferença editorial determinante entre as duas. E essa diferença reflete o posicionamento estratégico das duas organizações. A *Al Qaeda* incentiva ações descentralizadas e mesmo isoladas, enquanto o Estado Islâmico age como aparelho de Estado, de forma coesa e centralizada. O primeiro, faz a guerrilha, o segundo, faz a guerra. Ambas as publicações levam esse posicionamento militar a seus veículos editoriais. A *Inspire/Al Qaeda* traz reportagens que ensinam a produzir uma bomba em casa com panela de pressão ou como descarrilar um trem, a exemplo da capa de sua versão mais recente – número 17, de agosto de 2017 (ver figura 9).

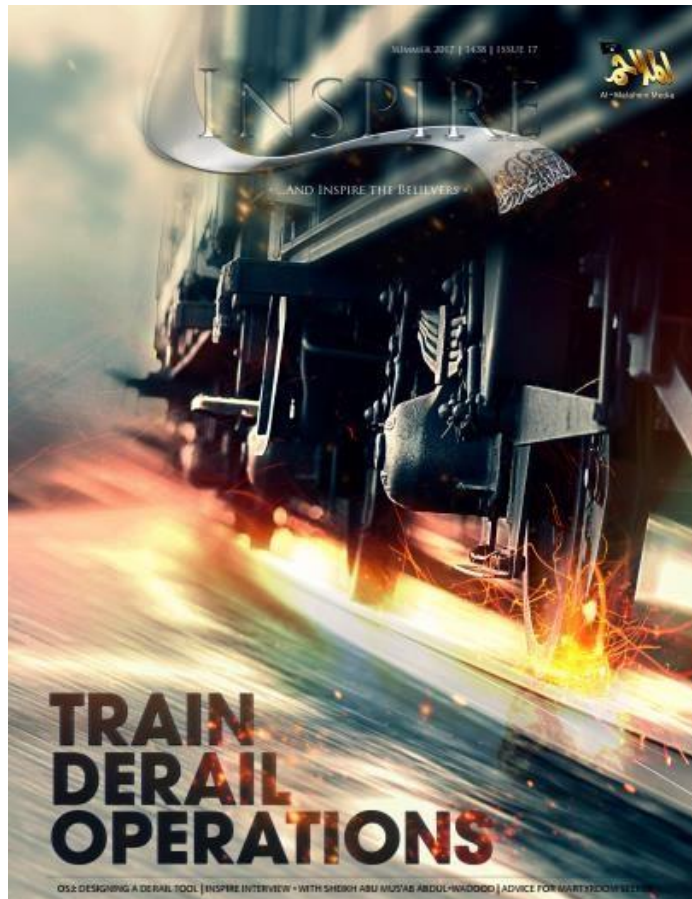


Figura 10 – Revista Inspire, matéria de capa ensina a descarrilar um trem. Fonte: *Inspire*, revista da Al Qaeda, Capa da edição nº 17 (agosto/2017).

Já a *Dabiq*/Estado Islâmico se preocupa com o recrutamento de combatentes voluntários do exterior e a propagação política e ideológica de seus conceitos (ver figura 11). Para Gambhir (2016, p. 28) “esta concepção levou o Estado Islâmico a enfatizar o poder de sua marca”. Nada diferente do que publicações convencionais do mercado editorial fariam para se posicionar de forma distinta para atingir supostamente o mesmo público. “A revista do Estado Islâmico quer marcar claramente as diferenças entre eles e a *Al Qaeda*”⁶⁰, diz o italiano graduado em ciências da comunicação, Niccolò Battaglino.

⁶⁰ Disponível em: <http://www.smartweek.it/da-inspire-a-dabiq-ecco-come-nascono-i-magazine-jihadisti/>>. Acesso em: 20.mar.2017

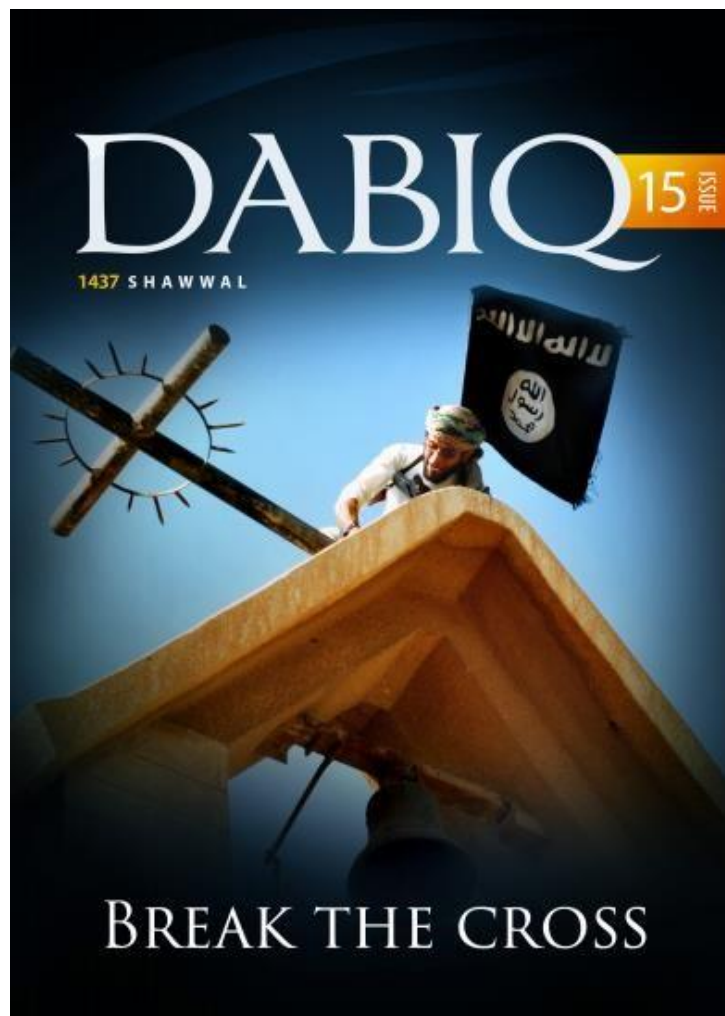


Figura 11 – Última edição da Dabiq. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº15 (agosto/2017).

3.2 MORTE X IDEOLOGIA X ENCENAÇÃO

Steven Stloff, James Foley, Moaz al-Kasasbeh e tantos outros reféns do ISIS tiveram suas mortes preparadas para as câmeras. A imagem congelada, seja ela por meio de um vídeo, ou de uma fotografia, foram usadas para comunicar o mundo sobre essas mortes. Mas, também, foi por meio de uma imagem que o mundo soube que o fotógrafo britânico John Cantile, outro refém do Estado Islâmico, continuava vivo. Quando essas imagens se espalham para o mundo, uma impressão parece ser em comum para quem a recebe, seja por meio das redes sociais ou da imprensa: barbárie.

Barbárie ou não, é uma outra discussão. O que faz um grupo exaltar a morte por meio de imagem — é uma das perguntas que movem a interpretação das fotografias abaixo.

E a resposta pode até caminhar para a obviedade: para aterrorizar —, mas este caminho seria superficial diante de um tema tão complexo e delicado.

Conhecer a história por trás dessas imagens e fotografias é um processo decisivo para a interpretação iconológica escolhida como metodologia de leitura das fotografias selecionadas para esta pesquisa.

Trata-se de uma investigação do documento fotográfico que vai além de sua mera representatividade. Faz parte do processo interpretativo (KOSSOY, 2016) levantar a história do assunto, seja ela no momento em que foi registrado, independentemente, de sua representação, até a intencionalidade de quem a fez e de quem a publicou. “Busca-se, pela interpretação iconológica, decifrar a realidade interior da representação fotográfica, sua face oculta, seu significado, sua primeira realidade, além da verdade iconográfica” (KOSSOY, 2016, p.57).

Conceitos da fotografia, imagem, iconoclastia, sociedade do espetáculo e a organização do Estado Islâmico são fatores primordiais para compreender a proposta da revista *Dabiq*, na interpretação iconológica do processo, uma vez que, fazem parte de todo o contexto em que as fotografias selecionadas foram produzidas e distribuídas.

O processo de interpretação iconológica, parte final desta dissertação, está dividido em seis partes, cada uma diz respeito a um assunto: conquista de território (Conquista de Tal Afar), decaptações (Vingança por Guantánamo), ataque por drone (Mortas por um drone), piloto queimado vivo (Piloto jordaniano queimado vivo), crianças do Estado Islâmico (Crianças do Califado) e a morte de Aylan Kurdi, o menino sírio cujo o corpo foi encontrado em uma praia turca (Aylan Kurdi). Para isso, estão inseridas dentro destes seis assuntos a serem desdobrados dentro do processo interpretativos, fragmentos de 9 edições da *Dabiq*. São elas: edições 1, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 10 e 11. Estas abordagens temáticas, por meio da imagem e da fotografia, foram escolhidas por permitir se ter uma proximidade maior e mexer com o imaginário do ocidente, já que muitas destas imagens não estão exclusivamente na *Dabiq*. Muitas delas chegaram a circular o mundo. Além de as informações que as envolvem serem mais acessíveis, diferentemente de outros temas mais internos ao Estado Islâmico. Busca-se por meio dessa narrativa imagética mostrar a relação do Estado Islâmico com estes determinados temas, tentando entender suas motivações e ideologia, sob um olhar diferente daquele que estamos habituados a receber.

3.2.1 A CONQUISTA DE TAL AFAR

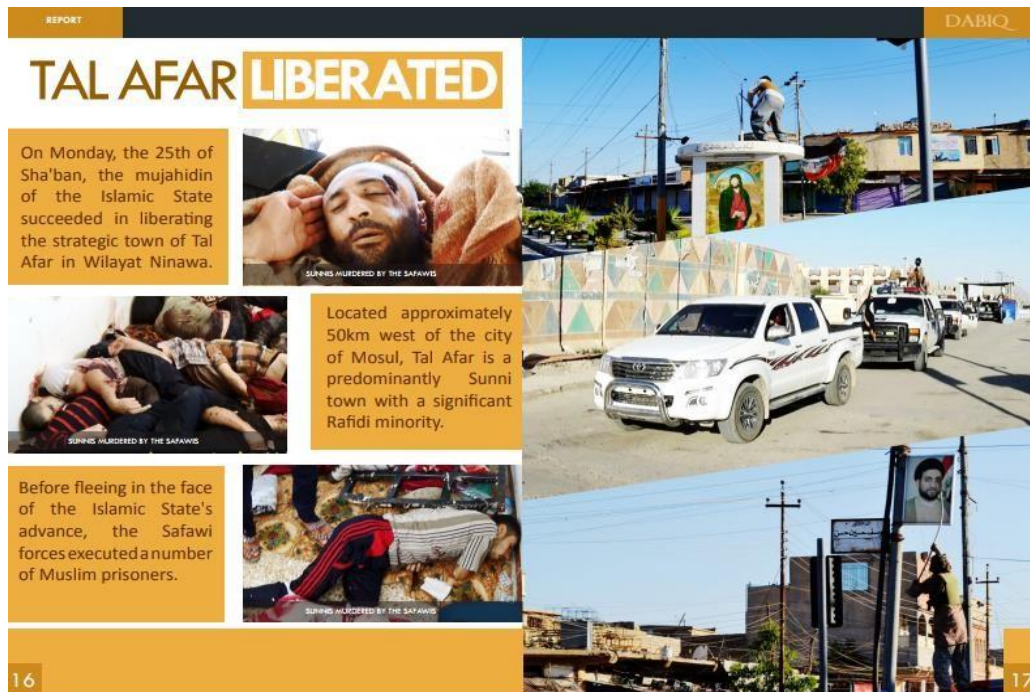


Figura 12 – Fotos da conquista de Tal Afar pelo Estado Islâmico, no Iraque. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº 1 (julho/2014).

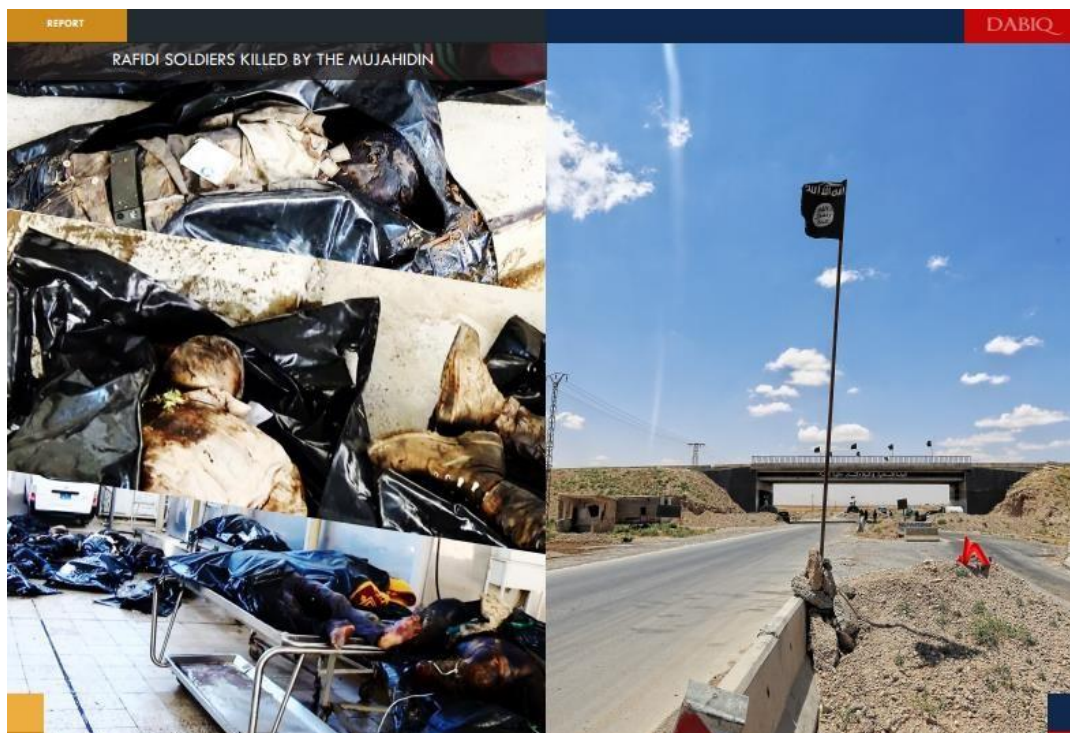


Figura 13- Conquista de Tal Afar. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº 1 (julho/2014).

Esta sequência de fotos está publicada na 1ª edição da revista *Dabiq*, em julho de 2014, no mesmo mês em que o Estado Islâmico foi proclamado. O texto fala sobre a conquista da cidade Tal Afar, um enclave xiita, à 63 km de distância de *Mosul*, no Iraque. Os corpos que aparecem nas imagens seriam de combatentes iraquianos mortos na batalha contra o Estado Islâmico pela posse do território. Enquanto as imagens à direita (figura 12) mostram o Estado Islâmico chegando para tomar conta da cidade, como é o caso da foto com a bandeira do grupo erguida na (figura 13) — para identificar que o território está sob domínio dos extremistas.

Quando Tal Afar foi tomada pelo Estado Islâmico sua população era de 200 mil,⁶¹ e ao ser recuperada, o governo iraquiano afirmou que haviam entre 10 e 50 mil pessoas na cidade e nos arredores.

A cidade de Tal Afar ficou sob domínio do Estado Islâmico até agosto de 2017 quando o primeiro-ministro iraquiano, Haider al Abadi, promoveu uma ofensiva para recuperar a cidade. À direita, o texto “*Rafidi soldiers killed by mujahidin*”, *rafidi* significa ‘aqueles que recusam o califado’ e, portanto, são considerados infiéis pelo Estado Islâmico.

Tanto na figura 12 quanto na 13, a imagem em que mostra os corpos dos soldados iraquianos mortos na batalha contra o Estado Islâmico estão inseridas dentro de um contexto de vitória e de documento.

Para o Estado Islâmico, exibir esses soldados mortos conota o poder e a vitória na conquista do território em questão. Uma atitude que remete à guerra dos Bôeres (1899-1902), como relembra Sontag (2003), em que eles decidiram divulgar uma foto de soldados britânicos mortos para inspirar seus soldados “afinal exibir os mortos é o que fazem os inimigos”.

⁶¹ Disponível em: <https://istoe.com.br/iraque-inicia-batalha-para-recuperar-tal-afar-ultimo-reduto-do-ei-emmossul/>. Acesso em: 9.nov.2017

3.2.2 A VINGANÇA POR GUANTÁNAMO

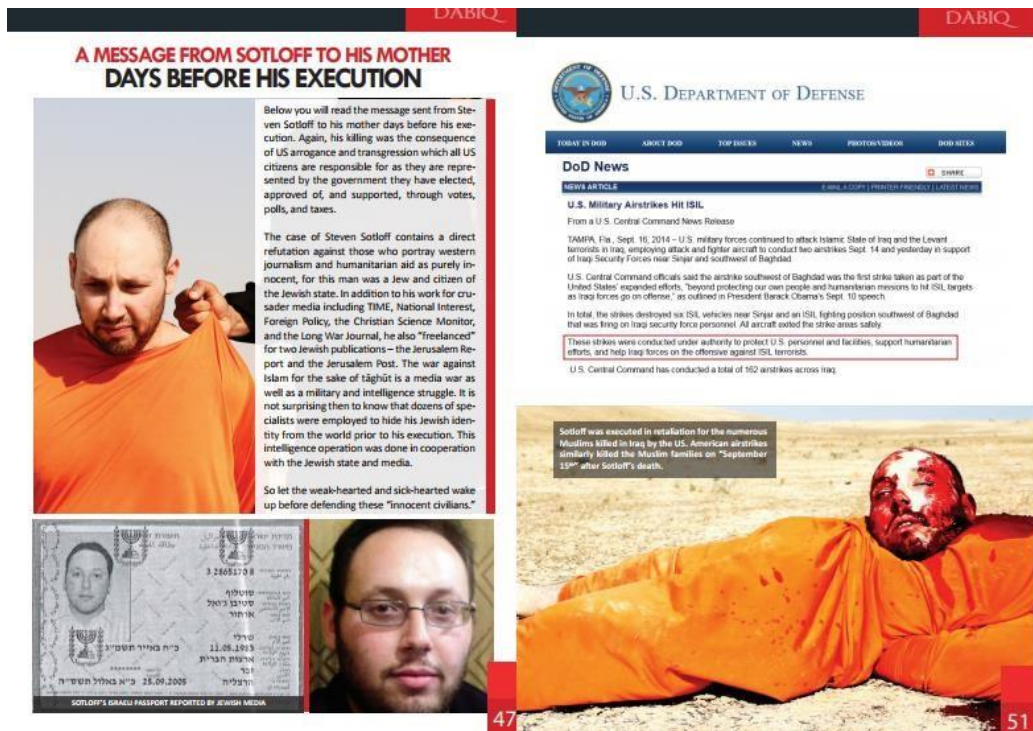


Figura 14 – Steven Sotloff antes e depois da execução. Fonte: Dabiq, revista do Estado Islâmico, edição nº 4.

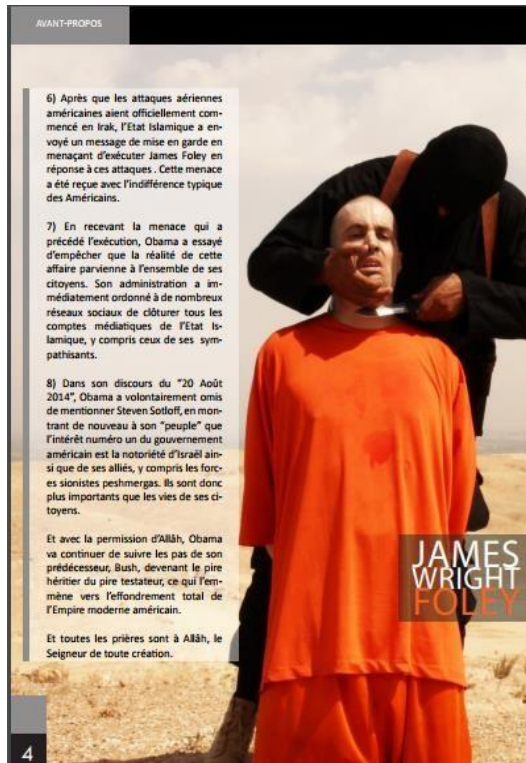


Figura 15 – James Foley prestes a ser executado. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição n° 4.



Figura 16 - Haruna Yukawa. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição n° 7.

FOREWORD

It was nothing save the plan of Allah from which the pagans felt secure. And so immediately the Islamic State demanded 200 million dollars from the Japanese government, the same sum initially committed to the crusaders and their apostate allies by the Japanese Prime Minister. The Khilāfah was not in need of the money and knew fully that the Japanese would never provide the sum, but it had decided – by this demand – to humiliate the arrogance of this Japanese government... a government in a line of governments enslaved by the West since the Second World War.

After the passing of the first deadline, the Japanese prisoner Haruna Yukawa was executed while Japanese representatives rushed to the murtadd Jordanian regime. The Islamic State immediately requested for the release and transfer of Sajjadah ar-Rishāwī – a mujāhidah who was imprisoned by the Jordanian tāghūt for almost 10 years – to the lands of the Khilāfah in exchange for Kenji Goto Jogo. The Jordanian regime recklessly complicated the process for the Japanese by attempting to include their pilot in the exchange deal, but the Khilāfah explicitly refused such during the negotiations with the representative of the Jordanian tāghūt – ‘Āsim Tāhir al-Barqāwī (AKA Abū Muhammad al-Maḥdīṣī) – as there were other plans for the murtadd pilot. In the end, both al-Barqāwī’s murtadd client and the Japanese prisoner were executed due to the negligence of both regimes in heeding the warnings of the Islamic State. The relatives of Kenji Goto Jogo and the murtadd pilot have no one to blame but the political leaders of their lands who strive to appease and serve the American crusaders.

Prior to Abe Shinzo’s thoughtless pledge of support for this crusade, Japan was not on the list of priorities to be targeted by the Islamic State, but through Abe Shinzo’s foolishness, all Japanese citizens and interests – wherever they may be found – are now a target for the soldiers and patrons of the Khilāfah everywhere.



THE JAPANESE CRUSADER KENJI GOTO JOGO

Japan is now in a complicated predicament. How can it escape this threat? Can Abe Shinzo take the step to save his people whom he recklessly exposed to the wrath of the Khilāfah? Can he bravely announce the halting of his support for the war against the Khilāfah after making his infamously unwise announcement against the Islamic State? That is very doubtful...

So let his citizens know that the sword of the Khilāfah has been unsheathed against the pagans of Japan by Allah’s might and power...

¹ Perhaps Allah will facilitate a detailed exposure of how al-Barrānī (whose campaign of Bin Cawāṣ only represented the Jordanian tāghūt in these negotiations, ṭāghūt al-murtaddīn).

Figura 17- Kenji Goto Jogo. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº 7.

Steven Stloff (figura 14) e James Foley (figura 15) tiveram algumas coisas em comum. Os dois eram jornalistas, norte-americanos, e foram executados pelo Estado Islâmico. Steven Stloff, um jornalista norte-americano, neto de sobreviventes do Holocausto, trabalhou como *freelancer* para a revista *Time* e outros veículos de comunicação quando foi sequestrado em Aleppo, na Síria, em agosto de 2013. Ele foi executado em setembro de 2014, aos 31 anos, trajando um uniforme laranja. James Foley, um fotojornalista norte-americano, que trabalhava na cobertura do conflito sírio para a agência de notícias *GlobalPost* até ser sequestrado pelo Estado Islâmico, no noroeste da Síria, em 2012, e, morto, em agosto de 2014, em Raqqa. Ele foi o primeiro norte-americano executado pelo grupo.

Haruna Yukawa (figura 16) e Kenji Goto Jogo (figura 17), assim como Steven Stloff e James Foley, não foram poupados da decapitação em frente às câmeras. Yukawa, empresário, foi para Síria por desafios pessoais, em 2013, após uma vida perturbada com a perda de um negócio e da esposa — acabou sequestrado pelo Estado Islâmico. Goto, um jornalista, japonês, viajou para Síria na tentativa de salvar a vida de Yukawa, em vão. O

Estado Islâmico chegou a pedir 200 milhões de dólares para o governo Japonês em troca da liberdade de Kenji Goto. O Estado Islâmico chegou a divulgar, em janeiro de 2015, uma fotografia de Kenji segurando outra suposta fotografia de Yukawa decapitado.

Os quatro foram decapitados trajando uniformes na cor laranja e tiveram suas execuções filmadas, fotografadas e publicadas pelo próprio Estado Islâmico. Não somente Stloff, Foley, Yukawa e Goto — o uniforme laranja parece ser traje obrigatório para as vítimas de sequestro do Estado Islâmico. John Cantlie (ver figura 20), um fotógrafo britânico, que foi sequestrado na Síria, em 2012, como Foley também aparece em um retrato usando a vestimenta laranja, mas o desfecho da execução dele, até o momento da conclusão desta dissertação, é diferente do Steven e dos outros quatro. Cantlie se tornou um braço de mídia do Estado Islâmico, colaborando com a produção dos vídeos do grupo — em alguns vídeos, inclusive, o jornalista britânico teria aparecido defendendo os princípios do Estado Islâmico⁶²⁶³, assim como teria feito em uma coluna na edição 4, da revista *Dabiq*, intitulada “*Hard Talk: The real story behind my videos*”.

Na edição 5 (ver figura 21) da revista, Cantlie volta a aparecer em outro retrato, desta vez, sem o uniforme laranja, em uma coluna criticando o então presidente dos Estados Unidos — na época, Barack Obama. O fato do fotojornalista aparecer sem o uniforme pode significar que ele foi incorporado como um “cidadão” do Estado Islâmico — deixando a condição de refém.

Não se trata de nenhuma coincidência o uniforme laranja usado pelos dois prisioneiros no momento da execução. A vestimenta nesta cor é o símbolo do centro de detenção de Guantánamo⁶⁴ (ver figura 18), uma prisão militar estadunidense, localizada ao sudeste de Cuba, usada para encarcerar combatentes suspeitos de integrar organizações terroristas. Os primeiros presidiários de Guantánamo chegaram ao local, em 2002, depois de serem capturados no Afeganistão em uma ação militar autorizada pelo então presidente norte-americano, George W. Bush, por conta dos ataques de 11 de setembro. Os

⁶² Disponível em: <http://www.aljazeera.com/indepth/opinion/2016/03/isil-curious-case-john-cantlie.html>. Acesso em: 9.nov.2017

⁶⁴ Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/oriente-medio/eua-nao-e-coincidencia-que-refensdo-ei-vistam-trajes-cor-laranja,2b1f5a286cb5b410VgnCLD200000b1bf46d0RCRD.html>. Acesso em: 9.nov.2017

presidiários de Guantánamo não podiam ser protegidos pela Convenção de Genebra⁶⁵ — tratado que assegura proteção para militares capturados ou feridos —, o que resultou em uma comoção mundial pelo fim do presídio por conta da violação dos direitos humanos.

As execuções dos dois jornalistas, na maneira como foram feitas, evidenciam uma resposta de vingança para os Estados Unidos. Além disso, as decapitações parecem ter sido pensadas para a imagem — sejam elas para o vídeo ou para a fotografia. Nas imagens publicadas pela revista *Dabiq* (figuras 14 e 15) fica evidente que os corpos estão posicionados para serem registrados por câmeras. Na cena, o refém e o atirador estão retratados de forma teatralizada, ou seja, existe uma encenação e como lembra Soulages (2010, p. 75) “o livre arbítrio não é aceito em fotografia: é preciso que seja substituído pelo jogo da necessidade, a necessidade das relações do teatro que constituem a vida”, ou seja, neste caso a teatralização existe desde os uniformes laranja até a forma como as execuções acontecem. Elementos cuidadosamente pensados para que a mensagem imputada na imagem atinja, sem qualquer risco de interpretação, a quem se pretende atingir. Outra evidência desta encenação diante das câmeras seria uma fala de Stloff antes de ser executado dita no vídeo: "Sou Steven Joel Stloff. Acredito que a essa altura saibam exatamente quem eu sou e porque estou aparecendo para vocês"⁶⁶.

As imagens, neste caso, foram os signos que o Estado Islâmico usou para fazer com que suas ações contra esses dois jornalistas capturados fossem de conhecimento, principalmente, dos Estados Unidos, mas também do mundo. Após exibir essas fotografias na revista *Dabiq*, o texto da reportagem justifica as execuções condenando as ações militares comandadas pelo governo norte-americano em território sírio.

Antes de executar Foley, na edição 3, da revista *Dabiq*, o Estado Islâmico publicou um texto (ver figura 19) chamando os Estados Unidos de arrogantes e dizendo que tentaram várias negociações com o governo norte-americano para libertar Foley, mas que o país o havia abandonado. Em contrapartida, segundo o próprio texto, do que fizeram alguns países europeus quando negociaram alguns de seus cidadãos capturados pelo grupo. A imagem na figura 19 é de Steven Sotloff, mas o texto é de Foley. Em algumas edições da *Dabiq*, há

⁶⁵ Disponível em: http://www.panoptica.org/seer/index.php/op/article/view/Op_3.2_2008_31-38/146. Acesso em: 9.nov.2017

⁶⁶ Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2014/09/02/internacional/1409677987_899560.html. Acesso em: 9.nov.2017

textos assinados pelos próprios reféns antes de serem executados, geralmente acusado o abandono de seu país de origem.



Figura 18. Centro de detenção de Guantánamo. Fonte: BBC

DABIQ

STEVEN JOEL SOTLOFF

le cas de James Wright Foley, mais l'attitude arrogante, idiote du gouvernement Américain les a fait se détourner de leur citoyen. Dans les derniers 9 mois, alors que les USA ne faisaient rien pour sauver la vie de James, des négociations ont été menées avec des gouvernements sur le cas de plusieurs prisonniers européens, ceci a entraîné la libération de dizaines de leurs prisonniers après que les demandes de l'Etat Islamique aient été accordées. Il ne reste plus que des prisonniers britanniques et Américains dans les geôles de l'Etat Islamique, car leur gouvernement arrogant ont refusé de libérer nos frères prisonniers et notre sœur Docteur 'Afiyah Siddiqui.

Pour paraphraser James, l'administration Obama a enfoncé le dernier clou de son cercueil et l'a tué en bombardant l'Irak. Un message a été envoyé en garde contre les conséquences de frappes aériennes américaines en Irak, la solution était simple, arrêter les frappes aérienne en Irak.

Le gouvernement américain arrogant n'a prêté aucune attention à l'offre ni aux menaces qui l'accompagne. La question se pose pour toute personne rationnelle : quelle est la vraie raison du refus de l'administration Obama de répondre aux demandes de l'Etat Islamique et de sauver la vie de citoyens Américains ?

La réponse est qu'Obama suit maintenant aveuglément l'exemple du "président de guerre" Bush. Il va continuer à renforcer l'ennemi historique de l'occident la Perse/Iran. Il envoie des signes rassurant aux agents du gouvernement iranien en Syrie et au Liban (Assad et le Hezbollah). Par ses décisions il renforce le gouvernement marionnette des Iraniens en Irak et les milices chiites financé par l'Iran et alliées à ce gouvernement.

Il soutient les alliés chiites de l'Iran en Afghanistan. Il frappe les moudjahidin – les vrais ennemis des chiites au Yémen – et donc renforce les Houthi agent de l'Iran, il fait tout ceci encore plus idiotement que Bush car l'Iran est un allié majeur de la Russie autre ennemi historique de l'occident qui se bat contre les alliés de l'occident en Ukraine et ailleurs ! Pour accomplir ces objectifs il sacrifie les aides sociales du peuple américain "pour le peuple élu" et au profit du sionisme et du capitalisme alors que l'Amérique fait face à des crises incessantes, tremblements de terre en Californie, manifestations au Missouri, et la mort potentielle de prisonniers américains détenus par l'Etat Islamique...

38

Figura 19 – Steven Sotloff. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição n° 3.

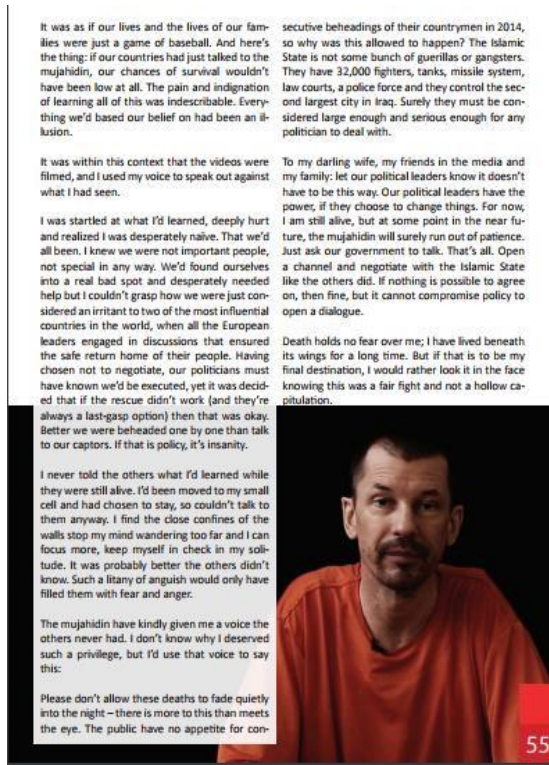


Figura 20 – John Cantlie. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº 4.



Figura 21 – John Cantlie. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº 5.

3.2.3 MORTAS POR UM DRONE

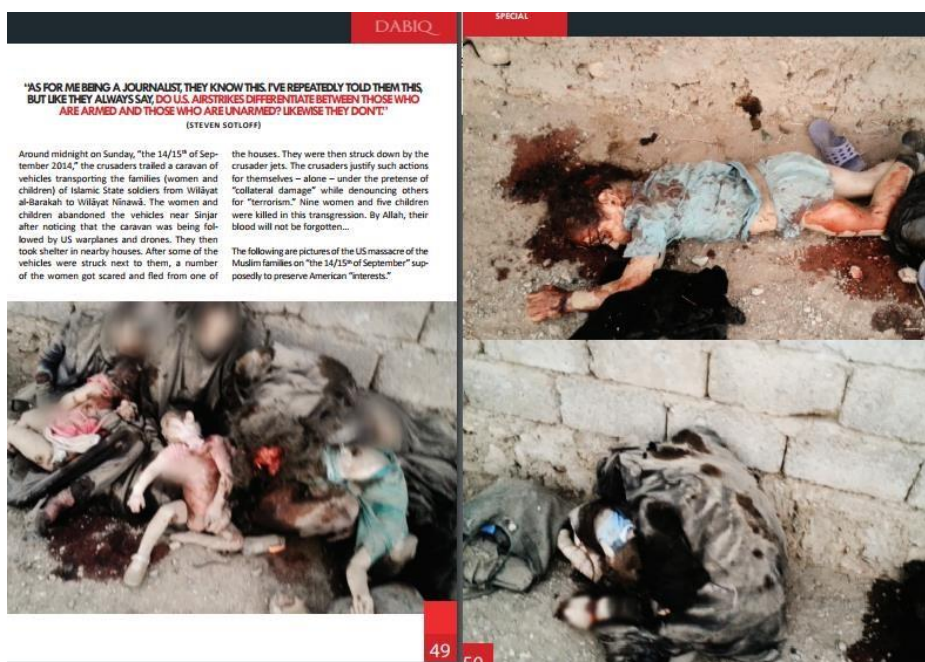


Figura 22 – Crianças e mulheres de soldados do Estado Islâmico mortas após ataque por um drone.

Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº 4.

Essas três imagens publicadas na edição 4 mostram o que seriam crianças e mulheres mortas após o ataque por meio de um drone comandado pelos Estados Unidos. Segundo a reportagem, uma caravana que transportava familiares de soldados do Estado Islâmico, majoritariamente, mulheres e crianças, estaria sendo perseguida por drones e ao perceber, elas teriam saído do veículo para se esconder nas proximidades quando foram atingidas por um míssil disparado por um drone. Nove mulheres e cinco crianças teriam sido mortas nesta ação segundo a matéria da própria *Dabiq*. Ainda na reportagem, há uma promessa de vingança contra os Estados Unidos por este massacre que também são acusados de alimentar esse conflito e justificar essa ação como um “dano colateral” por combater o terrorismo.

Bombardear o Estado Islâmico é uma questão que levanta uma série de discussões. Afinal, não só as vidas de soldados irracionais do Estado Islâmico, defendendo o Islã a qualquer custo, como evoca no imaginário do ocidente. Existem famílias, mulheres e crianças que não estão, necessariamente, nos territórios sob domínio do Estado Islâmico por

vontade própria. E, ainda assim, uma resolução da ONU, ⁶⁷no entanto, permite adotar este tipo de medida para combater o grupo e isso significa bombardear quem quer que seja. E, ainda existe outro fator que merece atenção dentro deste contexto que são os ataques com drone — e que por sua vez, envolvem imagem — já que quando atacar, onde atacar e quem atacar é (CHAMAYOU, 2015) é decidido dentro de uma salinha por meio de uma imagem no computador na base de *Crech*, onde na década de 50 ocorriam os testes nucleares norte-americanos, que hoje é o berço da frota dos drones da *US Air Force* (Força Aérea Norte-Americana).

O trabalho é um tédio extremo. Noites a devorar *Doritos* ou *M&M's* na frente da tela, para ver quase sempre as mesmas imagens de um outro deserto do outro lado do planeta, esperando que alguma coisa aconteça: “Meses de monotonia por alguns milissegundos de alvoroço”. Amanhã de manhã virá outra tripulação para revezar no comando do aparelho. O piloto e o operador assumirão de novo o volante de seu 4x4 para encontrar, a 45 minutos dali, mulher e filhos, no ambiente tranquilo de um subúrbio residencial de Las Vegas. (CHIMAYOU, 2015, p. 10)

Existem vidas sendo decididas por meio de uma imagem e que em segundos é exterminada após um botão ser acionado. Para o pensador, o drone garante a separação entre o corpo e a arma excluindo, completamente, a morte do agente — onde não é necessário morrer para matar. “Não se combate mais o inimigo, ele é eliminado da mesma maneira como se atira em coelhos” (CHIMAYOU, 2015, p.10).

⁶⁷ Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/12/151202_debate_ei_tg. Acesso em 2.nov.2017.

3.2.4 O PILOTO JORDANIANO QUEIMADO VIVO



Figura 23 – Piloto jordaniano queimado vivo. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº 7.

O homem que está em chamas na fotografia, supostamente seria o piloto jordaniano (identificado na foto 3x4), Moaz al-Kasasbeh, capturado no dia 24 de dezembro, após ter sua aeronave abatida pelo Estado Islâmico, e, morto, em janeiro de 2015, também pelo grupo.

Esta imagem foi publicada na edição 7 da revista *Dabiq*. Seria o primeiro assassinato de um árabe pelo Estado Islâmico. A ação seria uma resposta à participação de tropas jordanianas em uma coalizão liderada pelos Estados Unidos para combater o grupo extremista. O acordo para libertação do piloto seria a Jordânia libertar a iraquiana Sajida al Rishawi, natural da província de Al Anbar, presa pelas forças de segurança depois do

atentado suicida cometido por seu marido, Ali Husein al Shamari, no hotel Radisson de Amã, em 9 de novembro de 2005, no qual 57 pessoas foram mortas.

O piloto jordaniano teria sido o oitavo estrangeiro morto pelo Estado Islâmico e a forma como teria sido morto, queimado, seria um jeito inédito de execução — já que todos os outros sequestrados foram mortos, até então, decapitados.

Esta fotografia fica à mercê, completamente, do texto que a acompanha, pois de forma isolada, é uma imagem que não pode ser tomada como legítima. Não se pode afirmar que se trata de um ser humano, muito menos do piloto jordaniano.

Um vídeo de 22 minutos Kasabeh intitulado “*Healing the believers’s chest*” (Curando o peito dos crentes) que mostra o que seria Moaz al-Kasasbeh vestindo o macacão laranja e culpando o governo jordaniano por sua morte foi publicado. O governo da Jordania confirmou a morte do piloto mesmo diante de incertezas sobre a veracidade do vídeo ⁶⁸.

Na edição 6 da revista *Dabiq* (ver figuras abaixo), a publicação traz uma entrevista com Moaz al-Kasasbeh na condição de sequestrado do Estado Islâmico — com perguntas de como ele se tornou piloto, como foi parar na força aérea jordaniana, até se ele já havia assistido a algum vídeo das execuções que o Estado Islâmico cometeu e se ele sabe o que vai acontecer com ele — ilustrada por fotografias como uma que supostamente seria do dia em que foi sequestrado após ter o avião abatido. A edição também traz outras fotografias pessoais do piloto, um retrato que teria sido feito durante o sequestro em que Moaz parece vestir o macacão laranja.

⁶⁸ Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/mundo/2015/02/1584553-em-video-ei-anuncia-morte-de-piloto-jordaniano-mantido-como-refem.shtml>. Acesso em 2.nov.2017.



THE CAPTURE OF A CRUSADER PILOT

On Wednesday 2 Rabī' al-Awwal 1436, an apostate pilot flying for the crusader alliance was captured by the Islamic State after his plane was shot down with a heat-seeking anti-aircraft missile. The successful hitting of the target and subsequent crash was by Allah's permission. All praise and thanks is due to Him alone. The Jordanian regime admitted to the shooting down of their plane, only to be contradicted by the Americans who worried their allies would stop participating in the airstrikes, as their allies would fear the embarrassment they would face if their soldiers also ended up being captured by the Islamic State. His father and brother then pleaded for his release, claiming he was a "sincere Muslim," not realizing he was a murderous murtadd due to his military service for the Jordanian tāghūt and his participation in the crusade that killed many Muslims.

The following is an interview with the murtadd.

DĀBIQ: Tell us about yourself. What is your name? Where are you from? How old are you?

MURTADD: My name is Mu'adh Sāfi Yūsuf al-Kasāibah. I'm Jordanian, from al-Karak. I was born in 1988. I'm 26 years old.

DĀBIQ: What was your position in the murtadd airforce? When did you start upon this kuffri path?

MURTADD: I was a first lieutenant pilot. I graduated from King Hussein Air College in 2009. I followed up my training until I became an operational pilot in 2012 with the first squadron at Muwaffaq al-Salti Air Base.

DĀBIQ: Tell us about the flight that led to your disgraceful capture on Wednesday.

MURTADD: We were informed of the mission the day before at 4 PM. Our role in the mission was to be sweepers and cover for the striker jets. We sweep the area to destroy any anti-aircraft weaponry on the ground and provide cover in the case enemy jets appear. Then the strik-

Figura 24 – Entrevista com piloto jordaniano antes de sua execução. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº 6.



THE CAPTURE OF A CRUSADER PILOT



er jets equipped with laser-guided missiles come in to carry out their part of the mission. We took off to Iraq from Muwaffaq al-Salti Air Base—in the city of al-Azraq in Zarqā' Governorate—at 6:15 AM. We received aerial refueling at 7:55, then went to the waiting area where we were met up by a party consisting of Saudi F15s, Emirati F16s, and Moroccan F16s. We entered the region of ar-Raqah to sweep the area, then the striker jets entered to begin their attack. My plane was struck by a heat-seeking missile. I heard and felt its hit. The other Jordanian pilot in the mission—the first lieutenant pilot Sa'dām Mandīfī—contacted me from a participating jet and told me that I was struck and that fire was coming out of the rear nozzle of my engine. I checked the system display and it indicated that the engine was damaged and burning. The plane began to deviate from its normal flight path, so I ejected. I landed in the Furāt River by parachute and the seat caught on some ground, keeping me fixed, until I was captured by soldiers of the Islamic State.

DĀBIQ: What apostate Arab regimes take part with you in the crusader airstrikes?

MURTADD: Jordan with F16s, the Emirates with upgraded F16s equipped with laser-guided bombs, Saudi with upgraded F15s equipped with laser-guided bombs, Kuwait with aerial refueling aircraft, Bahrain with F16s, Morocco with upgraded F16s, Qatar, and Oman.

DĀBIQ: What airbases are used by the apostates in this crusade?

MURTADD: The Jordanian jets take off from Jordan. The Gulf jets in general take off from Kuwait, Saudi, and Bahrain. There are also some airports designated for emergency landing: Azraq Airport in Jordan, 'Ar'ar Airport in Saudi, Baghdad International Airport, Kuwait International Airport, and an airport in a Turkish city—whose name I forget—about 100 kilometers from the Syrian border.

DĀBIQ: And the crusaders, what bases do they use?

MURTADD: Some of the American and French jets take off from Prince Hassan Air Base and Muwaffaq al-Salti Air Base. Some of the American jets also take off from Turkey.

DĀBIQ: How are the flight missions coordinated?

MURTADD: There are American bases in Qatar where the missions are planned, targets are decided, and assignments are distributed. They draw out the missions for every participating country a day before. The participating parties are informed of their assignments by 4 o'clock the next day. The Americans use aerial snipers, satellites, spies, and drones taking off from Gulf

Figura 25 – Entrevista com piloto jordaniano antes de sua execução. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº 6.

THE CAPTURE OF A CRUSADER PILOT

countries to determine and study targets. We are given aerial maps and pictures of the targets.

DĀBIQ: Have you met the American crusaders?

MURTADD: Of course. There are around 200 Americans in Muwaffaq al-Salti Air Base. Amongst them, there are about 16 US pilots, one of which is female, with the remainder of the 200 serving as technicians, engineers, and in other support roles. The Americans sometimes have dinner with us and eat mansaf, which they like a lot. Their talk does not include details about operations because of matters of secrecy and security.

DĀBIQ: Have any of the US pilots been killed while on mission?

MURTADD: In early December, one of them took off from Muwaffaq al-Salti Air Base in the

direction of Iraq where many of the coalition jets assemble in mid-air to form attack squadrons. He was followed by a second jet taking off in the same direction. The second jet's landing gear failed to retract after take-off. The pilot asked the first jet to pull back towards him and verify the problem. The first pilot confirmed there was a problem with the landing gear. There was heavy fog and one of the jets crashed in Jordan. The pilot died from this accident.

DĀBIQ: Have you seen videos produced by the Islamic State?

MURTADD: No, I haven't.

DĀBIQ: We will make sure the jailers provide you with the opportunity to see "Although the Disbelievers Dislike It." Do you know what the Islamic State will do with you?

MURTADD: Yes... They will kill me...



36 REPORT

Figura 26 – Entrevista com piloto jordaniano antes e sua execução. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição n° 6.

THE CAPTURE OF A CRUSADER PILOT



DĀBIQ 37

Figura 27 – Momento em que piloto jordaniano foi capturado. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição n°6

3.2.5 AS CRIANÇAS DO CALIFADO



Figura 28 – Criança que teria executado suposto espião russo. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição n°8.



Figura 29 – Criança seria filho de soldado do Estado Islâmico. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº10.

Não é incomum que o Estado Islâmico use imagem de crianças em suas propagandas. A criança, dentro do Estado Islâmico, também vive protagonismos em algumas de suas ações, como é o caso da figura 28 em que a criança, não identificada, teria assassinado dois supostos espões russos infiltrados dentro da organização.

Para o Estado Islâmico, a relação com as crianças parece ser diferente. O choque, na recepção destas duas imagens, é instantâneo pois a concepção de criança e adolescente muda de uma sociedade para outra.

Na sociedade capitalista industrial (MARX; ENGELS, 2002), o modelo predominante na sociedade Ocidental, as crianças eram tratadas como posse de adultos e além disso eram vistas como potencias mãos-de-obra. Ou seja, hoje, a mesma sociedade Ocidental, que liga à imagem da criança a algo que necessita de proteção e de direitos, que criou leis e estatutos de proteção para elas, já teve uma concepção muito diferente de infância e adolescência em que este cuidado passou longe da preocupação da família e do Estado em um determinado período.

Embora tenha sido na Grécia que surgiram as noções de escola e de educação para o

público infantil, por exemplo, na cidade de Esparta, no período da Grécia antiga (1100 a.c - 146 ac.) “as crianças do sexo masculino, a partir dos sete anos eram retiradas da família e inseridas em escolas-ginásios onde recebiam, até os 16 anos, uma formação de tipo militar, que deveria favorecer a aquisição da força e da coragem (CAMBI, 1999, p.83)”. Ou seja, o Estado Islâmico não está fazendo nada de diferente do que já foi feito em um dado momento da história em relação às crianças.

Dentro da organização, os livros escolares traziam imagens de bombas e armas como mostra a figura 29 e, além disso, o Estado Islâmico treinava meninos, a partir de 3 anos, para fazer decaptação em bonecos. E essas crianças também eram obrigadas a assistir vídeos de decaptações diariamente como parte deste treinamento.

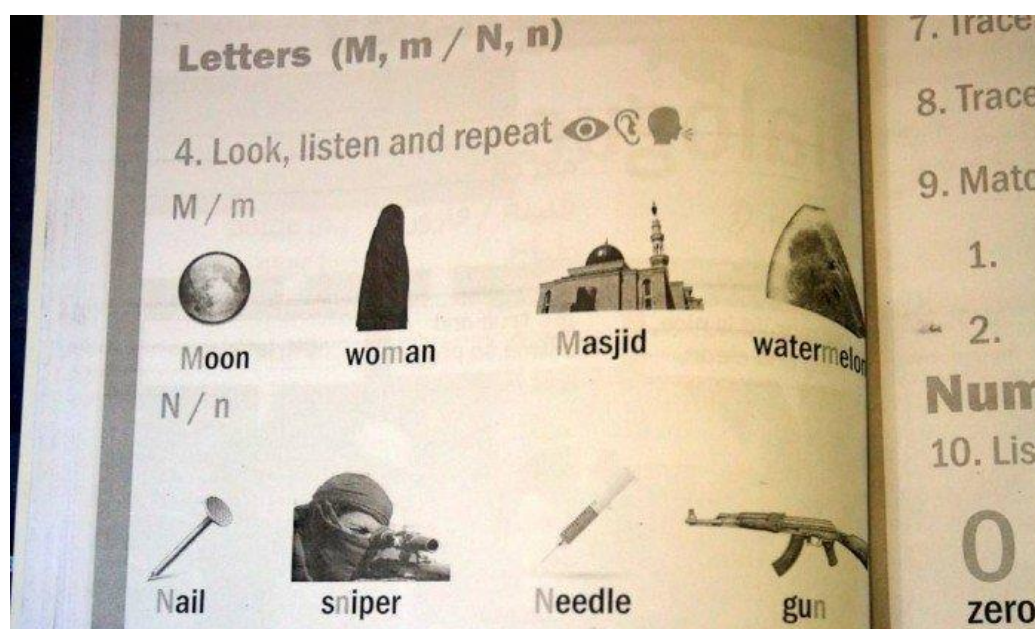


Figura 30 – Livro de Inglês encontrado em Orfanato na Síria. Fonte: KHALID AL-MOUSILY / REUTERS

Na figura 28, da edição 8 da *Dabiq*, em que o garoto, que não aparenta ter mais do que 14 anos, traja um uniforme militar e segura uma arma atrás do corpo do suposto espião russo, a matéria que acompanha a imagem não está focada neste fato, mas sim no propósito da educação das crianças e adolescentes do califado. O título *Lions of Tomorrow* (Os leões do amanhã, tradução livre) sintetiza esta mensagem e o texto aborda a educação e treinamento dessas crianças e adolescentes para, nas palavras da *Dabiq*, “enfrentar os cruzados e seus aliados em defesa do islamismo e elevar a palavra de Deus em todas as terras”. Dentro do Estado Islâmico, as crianças, desde os três anos, eram obrigadas a

assistirem vídeos de decapitações e instruídos a matar infiéis. As crianças ainda receberiam, como parte de um treinamento militar, bonecas e facções para treinar as decapitações.

E na figura 29, na edição 10 da *Dabiq*, a iconografia mostra uma criança, que não aparenta ter mais de três, segurando e apontando uma arma de mãos dadas com uma pessoa trajando um uniforme de combatente. O texto que acompanha a foto faz uma menção na lealdade das crianças do califado com os pais, pressupondo que elas devam seguir os passos de seus pais para combater os infiéis e honrando a palavra de Alá.

Tanto na figura 28, quanto na 29, nas duas fotografias fica evidente a produção e, consequentemente, a encenação.

3.2.6 AYLAN KURDI

THE DANGER
Of Abandoning Dārul-Islām



The repeated events of Syrians and Libyans dying on the shores of Turkey, Libya, and Italy, or even on the highways of Austria, is one that should awaken the heart into reflecting upon the issue of hijrah.

[Indeed, those whom the angels take [in death] while wronging themselves – [the angels] will say, "In what [condition] were you?" They will say, "We were oppressed in the land." The angels will say, "Was not the earth of Allah spacious [enough] for you to emigrate therein?" For those, their refuge is Hell – and evil it is as a destination. Except for the oppressed among men, women and children who cannot devise a plan nor are they directed to a way – For those it is expected that Allah will pardon them, and Allah is ever Pardoning and Forgiving] [An-Nisā: 97-99].

Rasūlullāh ﷺ said, "Allah ﷻ does not accept any deed from a mushrik after he accepts Islam until he departs from the mushrik and goes to the Muslims" [Reported by an-Nasā'i and Ibn Mājah on the authority of Mu'āwiyah Ibn Haydah].¹

Although the obligation of hijrah is clear, a mistake is regularly committed by claimants of Islam, and that is in choosing their destination for "hijrah." They always choose the lands of the Christians for their destination. But after the establishment of the prophetic state, hijrah was to al-Madinah not al-Habashah. And during the Umayyid and 'Abbasid rule, hijrah was to the lands of the khilāfah not Rome and Constantinople. And with the revival of Islam's state, hijrah is to the wilayah of the Khilāfah, not to Nusayri, Rāfīfī, Sahwah, or PKK territory, nor to America, Europe, and their taghīrī allies.

Hijrah is an obligation from dārul-kufr to Dārul-Islām. Ibn Qudāmah, for example, said, "Chapter on Hijrah: Hijrah is to abandon dārul-kufr for Dārul-Islām." He then quoted the verses referenced earlier and other proofs. He then said, "The ruling of hijrah will remain and will not cease until Resurrection Day" [Al-Mughnī]. Ibnul-Qayyim ﷺ said that "if the laws of Islam are not

implemented somewhere, it is not Dārul-Islām" [Alkām Ahl adh-Dhimmah]. This is evident, as the Sahābah did not consider the lands overcome by the false prophets or the resistance against zakāh to be anything but dārul-harb. The faqihā after them did not consider the lands ruled by the Tatar or 'Ubaydī rulers to be Dārul-Islām, for although these rulers claimed Islam and ruled by some of its laws, they committed apostasy by abandoning some of its laws or teachings. Accordingly, moving to the lands of Al-Salīl or the Sahwāt is not hijrah, as the rulers of these lands – in addition to them allying with the crusaders and apostates against Islam – abandon and resist many of the laws of the Shar'ah. There is no wālā' and bazā' there except on a nationalist basis.

Sadly, some Syrians and Libyans are willing to risk the lives and souls of those whom they are responsible to raise upon the Shar'ah – their children – sacrificing many of them during the dangerous trip to the lands of the warring crusaders ruled by laws of atheism and indecency. Although most of these families leave from dārul-kufr – Sahwah, PKK, or regime territory – to the crusaders' lands, the possibility of families leaving the Khilāfah for America or Europe in pursuit of the Dunyā is a matter that should bring focus to the ruling of abandoning Dārul-Islām for dārul-kufr.

Therefore, it should be known that voluntarily leaving Dārul-Islām for dārul-kufr is a dangerous major sin, as it is a passage towards kufr and a gate towards one's children and grandchildren abandoning Islam for Christianity, atheism, or liberalism. If one's children and grandchildren don't fall into kufr, they are under the constant threat of fornication, sodomy, drugs, and alcohol. If they don't fall into sin, they will forget the language of the Qur'ān – Arabic – which they were surrounded by in Sham, Iraq, Libya, and elsewhere, making the return to the religion and its teachings more difficult.

There are several narrations in the Sunnah on the prohibition of going back to one's homeland after hijrah, a case similar to that of abandoning Dārul-Islām for dārul-kufr.

¹ See also pages 23-29 of issue #1 and pages 23-31 of issue #3.

Figura 31 – Aylan Kurdi encontrado morto em uma praia turca. Fonte: *Dabiq*, revista do Estado Islâmico, edição nº11.

A foto do menino sírio, Aylan Kurdi, de três anos, encontrado morto em uma praia da Turquia, no dia 2 de setembro de 2015, depois que duas embarcações com imigrantes naufragaram, onde, pelo menos, nove sírios teriam morrido. Entre eles, Aylan, a mãe, e um irmão. A família de Aylan era de Kôbane, uma cidade síria que faz fronteira com a Turquia, onde o Estado Islâmico ficou em batalha contra as forças curdas, e tentariam chegar no Canadá, onde tinham parentes — mesmo com o país norte-americano tendo negado⁶⁹ o pedido de asilo da família.

A imagem de Aylan morto repercutiu nos noticiários do mundo inteiro, além de ter viralizado nas redes sociais e feito o nome do garoto virar “*trending topic*”⁷⁰ mundial no *Twitter*, tamanha a comoção diante desta fotografia, que chegou a ser classificada como símbolo da crise migratória. O registro foi feito pela fotógrafa turca Nilufer Demir que cobre a crise migratória em Bodrum, na Turquia, para agência de notícias *Dogan*.

Um debate acerca da publicação ou não desta imagem foi levantado pela imprensa mundial. Alguns jornais optaram por dar uma foto menos explícita como é o caso do *New York Times*, do *Wall Street Journal*, e do site *Vox Media* — o editor do site *Vox* disse ao optar por não publicar a foto que: "No fim das contas, decidi que não deveria publicá-la porque a criança não teve como decidir se deveria ou não tornar-se um símbolo"⁷¹. Já outros jornais, como o *Los Angeles Times* e o *Washington Post* publicaram a imagem mais explícita. Kim Murphy, editora do *Los Angeles Times*, justificou a escolha editorial alegando não se tratar de uma imagem ofensiva: “A imagem não é ofensiva, nem sangrenta, nem de mau gosto. É apenas de cortar o coração e um testemunho dessa tragédia que se desenvolve na Síria, Turquia e Europa”⁷². E a própria autora da fotografia defendeu que a publicação foi correta, pois fez a

⁶⁹ Disponível em: http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/09/150903_aylan_historia_canada_fd. Acesso em 3.nov.2017.

⁷⁰ Disponível em: <http://twitter-brasil.hleranafesta.com.br/o-que-sao-trending-topics.htm>. Acesso em 3.nov.2017.

⁷¹ Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,imprensa-mundial-debate-publicacao-defotos-de-bebe-sirio-morto-em-naufragio,1755748>. Acesso em 3.nov.2017.

⁷² Disponível em: <http://internacional.estadao.com.br/noticias/geral,imprensa-mundial-debate-publicacao-defotos-de-bebe-sirio-morto-em-naufragio,1755748>. Acesso em 3.nov.2017.

Europa refletir sobre suas medidas em relação aos refugiados. “Fiz muitas fotos do drama dos refugiados e nenhuma delas teve esse efeito na consciência pública”, afirma Kim.⁷³

Outra questão que envolve o debate em torno desta fotografia é o fato de retratar uma criança, sobre isso Linfield (2010, p.131)⁷⁴ acreditava que a sensação na recepção da imagem provocaria uma reação disposta a frear seja o que for que a tenha causado: “Realmente, a aflição de crianças é tão indefensável que o impulso dos espectadores é querer fazer praticamente qualquer coisa para pará-la” — e o desconforto que isso nos causa — o mais rápido possível”. Mas, quando essa fotografia está sendo usada para promover o Estado Islâmico e culpabilizar as vítimas que abandonam seu país em guerra — como foi o que aconteceu em sua publicação na revista *Dabiq* edição 11.

A revista traz a foto de Aylan sob o título: “O perigo do abandonar Dahrul-Islâm” e prossegue com um texto em que condena as famílias que abandonaram seu país para buscar outra vida em terra ocidentais, na terra dos cruzados onde “vivem sob ameaça constante de fornicação, sodomia, drogas e do álcool” — na visão da matéria que acompanha a fotografia, é como se a morte do Aylan fosse uma advertência para as pessoas que querem deixar suas cidades em zona de conflito em vez de se juntar a eles para “combater os infiéis”.

Neste sentido, Kossoy (2016) nos lembra uma das vulnerabilidades da fotografia de receber um outro contexto por meio do texto que a acompanha com uma outra ideologia. A mesma fotografia, em veículos distintos, pode ser usada para transmitir mensagens opostas.

Sontag (2003) também chama a atenção para o uso do texto como recurso de manipulação da mensagem fotográfica ao resgatar o episódio da guerra nos Bálcãs.

Para um judeu israelense, uma foto de uma criança esfaqueada no atentado contra a pizzaria Sbarro no centro de Jerusalém é, antes de tudo, uma foto de uma criança judia morta por um militante suicida palestino. Para um palestino, uma foto de uma criança esfaqueada pelo tiro de um tanque de gaza é, antes de tudo, uma foto de uma criança palestina morta pela máquina de guerra israelense. Para o militante, a identidade é tudo. E todas as fotos esperam sua vez de serem explicadas ou deturpadas por suas legendas. Durante a luta entre sérvios e croatas no início das recentes guerras nos Bálcãs, as mesmas fotos de crianças mortas no bombardeio de um povoado foram distribuídas pelos serviços de propagandas dos sérvios e

⁷³ Disponível em: https://www.vice.com/en_uk/article/zngqpx/nilfer-demir-interview-876. Acesso em 3.nov.2017.

⁷⁴ In fact, the affliction of children is so indefensible that the viewer's impulse is to want to do virtually anything to stop it — and the discomfort it cause us — most quickly

também dos croatas. Bastava mudar as legendas para poder utilizar e reutilizar a morte das crianças (SONTAG, 2003, p.14).

No caso de Aylan, qual veículo estaria dizendo a verdade? Nenhum. Existe apenas uma verdade iconográfica nesta fotografia: O corpo de um garoto de camiseta vermelha e bermuda azul em uma praia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por três anos, entre 2014 e 2017, o grupo autointitulado Estado Islâmico (EI) conduziu uma guerra em nome da religião que foi capaz de unir, para combatê-los, inimigos históricos, como os Estados Unidos, o Irã e a Rússia. Sob seu domínio havia 10 milhões de pessoas, e suas receitas financeiras chegaram a 8,2 bilhões de reais por ano. Mais que o PIB de Cabo Verde e o mesmo que o da Libéria⁷⁵. No entanto, acima de suas arrecadações, o grupo extremista nascido no Iraque após a invasão americana ao país, em 2003, fez o que é considerada a última tendência entre as maiores empresas do capitalismo, algo que o mundo do marketing chama de **brand building**, ou, construção de marca, “processo pelo qual uma empresa cria ou melhora o conhecimento e as opiniões dos clientes a respeito de sua marca”⁷⁶. Por meio dessa estratégia, o Estado Islâmico virou uma marca global. Seus vídeos eram compartilhados, curtidos, viralizados; sua bandeira negra era conhecida mais que a de muitos países; sua ideologia e objetivos eram mais claros que a de muito partidos políticos. E para isso usaram a mídia e, em especial, um produto essencialmente jornalístico: uma revista **online**, a **Dabiq**. Como narrativa, fizeram a opção mais eficaz: a imagética.

Da mesma maneira que esta dissertação foi estruturada em três capítulos, as considerações finais serão apoiadas em três frases do pensador italiano Umberto Eco (1932-2016). Duas ficcionais, tiradas de seu primeiro romance e de seu último romance, e uma dada em entrevista ao receber o título de doutor **honoris causa** da Università di Torino, em junho de 2015. Elas servirão à perfeição para ilustrar não respostas definitivas a um tema tão complexo, mas três pontos de extrema relevância resultantes da pesquisa.

**“Os monstros existem porque fazem parte dos desígnios divinos, e até nas
horríveis façanhas dos monstros se revela a potência do Criador.”**

⁷⁵ Disponível em: https://www.indexmundi.com/g/r.aspx?v=65&l=pt_ Acesso em: 9.nov.2017

⁷⁶ Disponível em: <https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles/brand-building>. Acesso em: 9.nov.2017

Umberto Eco, em “O nome da rosa” (1980)

Se é plausível reduzir a uma palavra a essência do que é o Estado Islâmico talvez esta palavra seja **território**. A equação que moveu o grupo parece ter sido a de conquistar o **maior espaço possível no menor tempo possível**. Entre ter rompido com a Al-Qaeda, de quem foi apadrinhada, e dominar o noticiário midiático global levou-se seis meses: janeiro a junho de

2014. Um caso clássico de criatura superar o criador, mas numa velocidade sem precedentes.

A célula nascida para combater os Estados Unidos após a invasão do Iraque ficou dez anos sob a tutela da facção criada por Osama bin Laden em 1984 – MAK, que tornou-se AlQaeda em 1988 –, tanto que o EI chegou a ser oficialmente chamado de Al-Qaeda do Iraque. E isso teve seu peso, claro. A Al-Qaeda é a marca-ícone entre os grupos **ihadistas**. E se transformou num **case** global com os ataques ao **World Trade Center**, em setembro de 2001. O Estado Islâmico nunca menosprezou o poder que a máquina de comunicar teria em suas ambições. Especialmente num mundo tão conectado quanto a sociedade da contemporaneidade. Por esse pacote de motivos o Estado Islâmico fez da mídia ferramenta estratégica para sua ascensão. E fez de plataformas digitais seu campo preferencial de atuação.

No organograma do grupo extremista o setor de comunicação, Al-Hayat Media Center, uma central de distribuição de conteúdos com status de ministério, tem relevância similar à do comando militar. E continua a operar. Em outubro de 2017 era possível baixar, por exemplo, a música **Brothers in Marawi**⁷⁷, que exalta os combatentes de uma espécie de filial do EI em luta contra o governo das Filipinas, em 2017.

Não existiria Estado Islâmico sem Al-Qaeda, assim como não existiria Estado Islâmico sem a invasão ao Iraque ou a intromissão, especialmente ocidental, no conflito sírio. Mas acima de tudo não existiria Estado Islâmico sem internet e sua revista digital.

A **Dabiq**, que circulou entre julho de 2014 e julho de 2016, por 15 edições, e é o objeto desta dissertação, sintetizou toda a estratégia de comunicação do Estado Islâmico. Além disso, foi o principal instrumento para recrutar militantes no exterior. Pelo menos

⁷⁷ Disponível em: <http://jihadology.net/category/al-%E1%B8%A5ayat-media-center/>. Acesso em: 9.nov.2017

25.000 pessoas de meia centena de países combateram pelo grupo apenas na Síria⁷⁸. Suas edições, lançadas na chamada **deep web**, ou **dark web**⁷⁹, o espaço na internet em que ficam hospedados sites que não serão alcançados pelos serviços de buscadores e navegadores convencionais. De lá as edições eram catapultadas para a web convencional. Uma busca no Google é o que basta para acessar cada número. Um simples **plug-and-play**, como pedem os tempos atuais.

E uma das respostas mais contundentes do grupo foi utilizar dois instrumentos tão caros às democracias – como os veículos de comunicação e o jornalismo – para promover sua guerra. Ou contra-guerra, pelo olhar do grupo.

A suposta dicotomia de produzir o horror em nome do bem move cada grama de ação do Estado Islâmico. E seu alto comando decidiu usar a mídia para um objetivo de Estado: conquistar. O quê? Território. Gente. Poder. A mídia como arma de guerra, de uma guerra santa. Documento publicado pelo Centro Internacional para o Estudo da Radicalização e Violência Política (ICSR), ligado ao Departamento de Estudos de Guerra do King's College, de Londres (Inglaterra), revela a estratégia de comunicação do Estado Islâmico a partir de um manual divulgado **online** pelo próprio grupo extremista em abril de 2016. “Tudo o que irrita os inimigos de Alá, seja discurso ou ação – qualquer coisa – é uma forma de jihad”⁸⁰, diz trecho do texto. Assim, não se pode olhar o Estado Islâmico – e tudo o que foi produzido a partir dele – sem dimensionar que todas as ações, das mínimas até as mais espetacularizadas, fazem parte da mesma matriz de comunicação. Não se trata de algo aleatório.

“Não são as notícias que fazem o jornal, mas o jornal é que faz as notícias, e saber juntar quatro notícias diferentes significa propor ao leitor uma quinta notícia.”

Umberto Eco, em “Número zero” (2015)

Outra conclusão inevitável desta dissertação é perceber a entrada da revista eletrônica **Dabiq**, a despeito de sua efêmera vida de 15 edições e de sua visibilidade reduzida entre boa

⁷⁸ Disponível em: <http://www.nber.org/papers/w22190.pdf>. Acesso em: 9.nov.2017

⁷⁹ Disponível em: <https://www.wired.com/2014/11/hacker-lexicon-whats-dark-web/>. Acesso em: 9.nov.2017

⁸⁰ Disponível em: http://icsr.info/wp-content/uploads/2017/02/Media-jihad_web.pdf. Acesso em: 8.nov.2017.

parte do público, para o **hall** dos veículos de mídia mais emblemáticos da história do jornalismo contemporâneo. E fez isso usando dois ingredientes irresistíveis: a imagem e técnicas de edição jornalística. A elas foi somado um aliado notável: distribuição em escala global graças aos ambientes digitais.

A **Dabiq** poderia ter inspirado a frase de Eco sobre não ser o mundo que constrói os veículos, mas os veículos que constroem o mundo. Ao mesmo tempo, a frase de Eco, trocando-se a palavra jornal por revista eletrônica, parece ter sido feita para a **Dabiq**, que não nasceu para noticiar temas do interesse do grupo islâmico, nasceu para montar um discurso. Juntar a imagem de uma criança muçulmana dilacerada num suposto ataque ocidental feito por drone a outra imagem, de um piloto inimigo capturado, colocado dentro de uma jaula e aparentemente sendo queimado vivo, cria uma nova camada de informação. Milhares de pessoas, especialmente jovens, trocaram seus países para lutar ao lado de desconhecidos por causa de narrativas visuais e uma revista digital. O que a **Dabiq** mostrou foi o poder de um veículo numa escala de orgulhar a Escola de Frankfurt. Mas em cenários absolutamente contemporâneos e globalmente conectados.

“As redes sociais dão direito de falar a legiões de imbecis.”

Umberto Eco, em entrevista (2015)

Num planeta que consome 2,5 trilhões de fotografias por ano⁸¹ e assiste a 1 bilhão de horas em vídeos por dia apenas no YouTube⁸² não foi difícil perceber que utilizar a imagem, e basear a estratégia de comunicação na narrativa imagética, é mais que relevante, é decisivo. E o conceito de mídia como máquina de Estado, e de guerra, usado à exaustão por Joseph Goebbels (1897-1945), ministro da Propaganda da Alemanha sob o nazismo, foi amplificado de forma exponencial com o mundo digital, em que 3,8 bilhões de pessoas acessam a internet⁸⁰.

Quando Umberto Eco disse que a internet deu voz a imbecis, em entrevista inicialmente veiculada na imprensa italiana, a declaração foi bastante criticada por

⁸¹ Disponível em: <https://www2.deloitte.com/global/en/pages/technology-media-and-telecommunications/articles/tmt-pred16-telecomm-photo-sharing-trillions-and-rising.html>. Acesso em: 8.nov.2017.

⁸² Disponível em: <https://www.youtube.com/intl/en-GB/yt/about/press/>. Acesso em: 8.nov.2017.

⁸⁰ Disponível em: <http://www.internetworldstats.com/stats.htm>. Acesso em: 8.nov.2017.

estudiosos de mídia, que viram nela uma atitude autoritária e mesmo arrogante de separar quem pode ou não ter voz. Eco evidentemente recriminava o que via, e lia, mas em nenhum momento sugeriu suprimir o espaço de voz. No máximo sugeria que outros – a própria mídia – fi-zessem algum tipo de filtro. É bem provável que ele tenha se assustado com o volume de informações que a internet permitiu existir. E a multiplicidade de vozes, incluindo a de grupos extremistas. O que assustou Eco é o que encantou o Estado Islâmico.

Exagerando ligeiramente o poder da mídia social na ascensão do exército do terror, o ex-conselheiro de segurança nacional do Iraque Mowafak al-Rubaie disse à Al Jazeera que, em parte, graças ao Twitter e ao Facebook, trinta mil soldados da Força de Segurança do Iraque largaram suas armas, fugiram de seus uniformes e deixaram Mosul livre para a tomada dos jihadistas. Por mais exagerado que ele possa ter sido, al-Rubaie tinha alguma razão. Duas semanas antes da queda da cidade, o EI havia distribuído um de seus vídeos mais populares até hoje, intitulado **Saleel al-Sawarin**, ou Restinir das Espadas. Um exemplo característico de “pornografia jihadista”, ele demonstrou a capacidade ímpar do EI de produzir filmes de propaganda e recrutamento bem-acabados e de uma hora de duração, apresentando exatamente o conteúdo que políticos e diplomatas ocidentais haviam esperado que dissuassem a atração das pessoas ao grupo. (WEISS; HASSAN, 2015, p. 158)

A internet abriu as portas ao tudo é possível de uma forma como nunca houve. E essa é a brecha que o Estado Islâmico vislumbrou na contemporaneidade. Na sociedade radicalmente espetacularizada prevista por Guy Debord usar o imagético para construir discurso por meios online potencializou a marca Estado Islâmico e seu espetáculo de horrores. Para o grupo o primeiro **motto** foi propor sua área de mídia como estratégica na guerra, o segundo foi estabelecer que tipo de narrativa construir.

Embora o Estado Islâmico tenha enfraquecido drasticamente no ano de 2016 e 2017, com a perda de 80% de seu território, entre eles a cidade de Dabiq, na Síria, o grupo não está perto de acabar e nem extinguiu sua revista. A revista **Dabiq** durou, com este nome, 15 edições – o tempo que a cidade ficou sob domínio dos jihadistas. Ela foi relançada, desde setembro de 2016, com o nome de **Rumiyah**. A versão atual tem estética e discurso muito semelhante à da **Dabiq**. Talvez a diferença mais simbólica esteja na forma como se fala com o simpatizante. Na **Dabiq** o discurso promovido por meio de suas reportagens era convidando qualquer muçulmano disposto a lutar contra os infiéis para formarem o califado situado na Síria e no Iraque. Provavelmente, por conta da perda territorial, o discurso empregado na **Rumiyah** é para que os simpatizantes promovam ataques em países ocidentais.

Na primeira edição, inclusive, um artigo intitulado **The kafir's blood is halal for you, so shed it** (o sangue infiel é puro para vocês, em tradução livre), pede para que os “lobos solitários” matem os ocidentais, nas palavras do próprio artigo “isso inclui o homem de negócios indo ao trabalho de táxi, adolescentes praticando esporte no parque e o senhor esperando na fila para comprar um lanche”. A foto utilizada para ilustrar este artigo seria de um homem vendendo flores supostamente em um mercado em Londres e ele é descrito pela revista como um “feliz cruzado”. O questionamento que fica: o Estado Islâmico vai acabar? Provavelmente não, assim como seus produtos de mídia.

E talvez existam outras facções, com outros nomes e outras estratégias, mas sempre haverá um grupo com o mesmo objetivo: promover o discurso extremo e promover ações violentas em nome de sua religião e que usará produtos comunicacionais para se fortalecer, que estarão sempre adaptados às mutações da sociedade que faz sua recepção. A guerra já é, por si, uma forma de comunicação, forma de anunciar algum fenômeno, que talvez precise de anos para ser entendido ou estudado. Mas uma coisa é certa: o EI fez da mídia digital e da imagem algo que mudou a comunicação de grupos extremistas.

BIBLIOGRAFIA

ARMSTRONG, Karen. **Maomé - Uma biografia do profeta**. São Paulo. Cia das Letras, 2002

ASSOULINE, Pierre. **Cartier-Bresson: o olhar do século**. Porto Alegre: L&PM, 2012.

BARTHES, Roland. **A Câmara Clara**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012.

BARTHES, Roland. **Mitologias**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BAUDRILLARD, Jean. **Simulacros e Simulação**. Lisboa. Relógio D'Água, 1991.

_____. **Tela Total**. Porto Alegre. Edições Sulinas, 1997.

CAMBI, Franco. **História da Pedagogia**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

COCKBURN, Patrick. **A origem do Estado Islâmico**. São Paulo. Editora Autonomia Literária, 2015.

CHAMAYOU, GREGÓIRE. **Teoria do Drone**. São Paulo. Cosacnaify, 2015.

DEBORD, Guy. **Sociedade do Espetáculo**. Rio de Janeiro: Editora Contraponto, 1997.

- DOMINICI, Viviano. **Contro la bellezza. La sfida per salvare i tesori dell'arte dalla furia dell'ISIS.**
- JOLY, Martine. **A imagem e sua interpretação.** Edições 70, Lisboa. 2002.
- KLEIN, Naomi. **Sem Logo - A tirania das marcas em um planeta vendido.** Editora Record. São Paulo. 2002.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História.** São Paulo. Ateliê Editorial, 2014.
- KOSSOY, Boris, **Os Tempos da Fotografia – O Efêmero e o Perpétuo.** São Paulo. Ateliê Editorial, 2014.
- KOSSOY, Boris. **Realidades e Ficções na Trama Fotográfica.** São Paulo. Ateliê Editorial, 2016.
- LIOSA, Mario Vargas. **La Civilización del Espectáculo.** São Paulo. Editora Alfaguarda, 2012.
- LIPOVETSKY, Gilles e SERROY, Jean. **A Estetização do Mundo – Viver na Era do Capitalismo Artista.** São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2006.
- LINFIELD, Susie. **The Cruel Radiance: Photography and political violence.** Chicago: University Of Chicago Press, 2010.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **A Ideologia alemã.** São Paulo: Ed. Centauro, 2002.
- MININNI, Giuseppe, Jean. **Psicologia cultural da mídia.** São Paulo. Editora A Girafa, 2008.
- ROUILLÉ, André. **A Fotografia – Entre Documento e Arte Contemporânea.** São Paulo: Senac São Paulo, 2009.
- SONTAG, Susan. **Diante da dor do outro.** São Paulo. Editora Companhia das Letras, 2003.
- SOULAGES, François. **Estética da fotografia -Perda e Permanência.** São Paulo: Editora Senac, 2010.
- SOUSA, Jorge Pedro. **Uma história crítica do fotojornalismo ocidental.** 2. ed. Florianópolis: Grifos, 2000.
- TARKOVSKY, Andrei. **Esculpir o tempo.** Martins Fontes, São Paulo, 2010.

TÜRCKE, Christopher. **Sociedade excitada; a filosofia da sensação**. Campinas, Editora Unicamp, 2010

WEISS, Michael; HASSAN, Hassan. **Estado Islâmico: Desvendando o Exército do Terror**. São Paulo. Editora Seoman, 2015.

Entenda: quem luta contra quem na Síria. BBC. Disponível em:

http://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/11/151120_siria_entenda_tg. Acesso em: 12 jun.2017.

Território controlado pelo Estado Islâmico 'encolhe' na Síria e no Iraque, diz estudo.

BBC. Disponível em <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37601634>. Acesso em :12 jun.2017.

CALFAT, Natalia Nahas. **O Estado Islâmico do Iraque e do Levante: Fundamentos políticos à violência política**. Porto Alegre. Disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/index.php/ConjunturaAustral/article/view/53819>. Acesso em: 12 jun.2017.

CIOCCARI, Deysi. **A imagem contemporânea e a construção do personagem político pela mídia impressa**. São Paulo. Disponível em:

<https://casperlibero.edu.br/wpcontent/uploads/2014/07/DEYSI.pdf>. Acesso em 12 jun. 2017.

How Not to Understand ISIS. Jadaliyya. Washington e Beirute, 2 Out. 2014. Disponível

em: <http://www.jadaliyya.com/pages/index/19485/how-not-to-understand-isis>. Acesso em: 16 jun. 2017.

Dabiq Magazine. Disponível em: <http://jihadology.net/category/dabiq-magazine/>. Acesso em 16 jun.2017.

ISLAMIC STATE, THE. Documentário feito pela Vice News. 42'31". Disponível em:

<https://www.youtube.com/watch?v=AUjHb4C7b94>. Acesso 16 jan.2017

Por que há uma Guerra na Síria? 10 perguntas para entender o conflito. BBC.

Disponível em: <http://www.bbc.com/portuguese/internacional-37472074>. Acesso em 6 julh.2017.

EUA: 'não é coincidência' que reféns do EI vistam trajes cor de laranja. Terra.

Disponível em: <https://www.terra.com.br/noticias/mundo/oriente-medio/eua-nao-e-coincidenciaque-refens-do-ei-vistam-trajes-cor-laranja,2b1f5a286cb5b410Vgn-CLD200000b1bf46d0RCRD.html>. Acesso em 28 out.2017.

O que acontecerá com a prisão de Guantánamo sob Trump. BBC. Disponível em:

<http://www.bbc.com/portuguese/internacional-38611363>. Acesso em 22 out.2017.

O Estado Islâmico sob a luz da Teoria Geral do Estado. Revista EMRJ. Disponível em:
http://www.emerj.rj.gov.br/revistaemerj_online/edicoes/revista68/revista68.pdf#page=61
Acesso em 28 out.2017.

Sunitas e Xiitas, um conflito pelo poder disfarçado de cisão religiosa. EL Pais. Disponível em:
https://brasil.elpais.com/brasil/2016/01/03/internacional/1451843662_491050.html Acesso em 28 out.2017.

Estado Islâmico mostra criança de 6 anos ajudando numa decapitação. Disponível em:
<http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/2017-04-18/crianca-ei.html> Acesso em 28 out.2017.

Crianças decapitam prisioneiros em vídeo do Estado Islâmico. O Globo. Disponível em:
<https://oglobo.globo.com/mundo/criancas-decapitam-prisioneiros-em-video-do-estado-islamico-20748042> Acesso em 28 out.2017.

O exército de crianças do EI. Carta Capital. Disponível em:
<https://www.cartacapital.com.br/internacional/o-exercito-de-criancas-do-estado-islamico>
Acesso em 28 out.2017.